



Conferência Internacional
Interfaces da Lusofonia
Livro de Resumos

4 a 6 de julho de 2013

Universidade do Minho, Braga

Conferência Internacional

Interfaces da Lusofonia

4 a 6 de julho de 2013
Universidade do Minho, Braga, Portugal

Índice

Presidente do Congresso	3
Comissão Científica	3
Comissão Organizadora.....	4
Programa Detalhado.....	5
Resumos	16
Sessões Plenárias	17
Painéis	29
Sessões Temáticas	60
Preocupações Ambientais.....	164

Presidente do Congresso

Moisés de Lemos Martins, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade

Comissão Científica

Albertino Gonçalves, Universidade do Minho, Portugal
Alberto Sá, Universidade do Minho, Portugal
Alexandre H. T. Guimarães, Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo, Brasil
Ana Carolina Escosteguy, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil
Anderson Oliva, Universidade de Brasília, Brasil
Aníbal Alves, Universidade do Minho, Portugal
Annabela Rita, Universidade de Lisboa, Portugal
Antônio Hohlfeldt, Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul, Brasil
Armando Jorge Lopes, Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique
Bruno Souza Leal, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
Célia Ladeira Motta, Universidade de Brasília, Brasil
Cicília Krohling Peruzzo, Universidade Metodista da de São Paulo, Brasil
Cláudia Castelo, Instituto de Investigação Científica Tropical, Portugal
Fernando Oliveira Paulino, Universidade de Brasília, Brasil
Francisco Laerte Juvêncio Magalhães, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Helena Sousa, Universidade do Minho, Portugal
Isabel Estrada Carvalhais, Universidade do Minho, Portugal
Isabel Ferin Cunha, Universidade de Coimbra, Portugal
Isabel Margarida Duarte, Universidade do Porto, Portugal
José Carlos Venâncio, Universidade da Beira Interior, Portugal
José Eduardo Franco, Universidade de Lisboa, Portugal
José Maurício C. M. da Silva, Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo, Brasil
José Ricardo Carvalheiro, Universidade da Beira Interior, Portugal
Joseph Straubhaar, Universidade do Texas em Austin, EUA
Júlio Mendes, Instituto Superior de Ciências da Educação de Luanda, Angola
Juremir Machado da Silva, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil
Luís António Santos, Universidade do Minho, Portugal
Luís Cunha, Universidade do Minho, Portugal
Luísa Paolinelli, Universidade da Madeira, Portugal
Luiz Motta, Universidade de Brasília, Brasil
Madalena Oliveira, Universidade do Minho, Portugal
Margarida Krohling Kunsch, Universidade de São Paulo, Brasil
Margarita Ledo Andión, Universidade de Santiago de Compostela, Galiza
Maria Immacolata Vassalo de Lopes, Universidade de São Paulo, Brasil
Maria Jandyra Cavalcanti Cunha, Universidade de Brasília, Brasil
Maria Manuel Baptista, Universidade de Aveiro, Portugal
Mariah Fátima Wade, Universidade do Texas em Austin, EUA

Miguel Bandeira, Universidade do Minho, Portugal
Moisés de Lemos Martins (Presidente), Universidade do Minho, Portugal
Nancy Aléssio Magalhães, Universidade de Brasília, Brasil
Neusa Bastos, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil
Nilce Silva, Universidade de São Paulo, Brasil
Paulo Bernardo Vaz, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
Paulo Borges, Universidade de Lisboa, Portugal
Priscila Ferreira Perazzo, Universidade Municipal de São Caetano do Sul, Brasil
Regina Pires de Brito, Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo, Brasil
Renné França, Faculdades Metropolitanas Unidas de São Paulo, Brasil
Roberval Teixeira e Silva, Universidade de Macau, China
Rosa Cabecinhas, Universidade do Minho, Portugal
Sheila Khan, Universidade do Minho, Portugal
Silvino Lopes Évora, Universidade de Cabo Verde, Cabo Verde
Vera Lúcia Harabagi Hanna, Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo, Brasil
Vera Veiga França, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Comissão Organizadora

Albertino Gonçalves, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, UMinho
Alberto Sá, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, UMinho
Francine Oliveira, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, UMinho
Isabel Estrada Carvalhais, Núcleo de Investigação em Ciência Política e Relações Internacionais, UMinho
Isabel Macedo, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, UMinho
João Feijó, Centro de Investigação e Estudo em Sociologia, ISCTE, IUL
Lilia Abadia, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, UMinho
Luís António Santos, CECS, UMinho,
Luís Cunha, Centro em Rede de Investigação em Antropologia, UMinho
Lurdes Macedo, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, UMinho
Madalena Oliveira, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, UMinho
Michelly Carvalho, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, UMinho
Moisés de Lemos Martins, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, UMinho
Ouri Pota, Instituto Superior de Artes e Cultura, ISARc
Rosa Cabecinhas (Presidente), Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, UMinho

Programa Detalhado

Quinta-feira, 4 Julho 2013

8:00 – 9:00	<i>Registo</i>
9:00 – 9:30	Cerimónia de abertura António Cunha, Reitor da Universidade do Minho Helena Sousa, Presidente do Instituto de Ciências Sociais (UM) Moisés de Lemos Martins, Presidente do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS/UM) Rosa Cabecinhas, Diretora do Departamento de Ciências da Comunicação (UM)
9:30 – 11:30	Sessão Plenária 1 - Narrativas da Lusofonia – Memórias, construções e ficções Moderador: Moisés de Lemos Martins Margarita Ledo Andión, Universidade de Santiago de Compostela, Galiza Maria Immacolata Vassalo Lopes, Universidade de São Paulo, Brasil Ana Carolina Escosteguy, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil Luísa Paolinelli, Universidade da Madeira, Portugal Annabela Rita, Universidade de Lisboa, Portugal
11:30 – 11:45	<i>Coffee break</i>

11:45 – 13:15	Auditório B1, CP2 P1 Narrativas da Lusofonia e memória social: estudos comparativos Coordenadora: Rosa Cabecinhas <i>1. Narrativas identitárias e memória social: abordagem conceptual e metodológica</i> Rosa Cabecinhas, Moisés de Lemos Martins, Luís Cunha, Isabel Carvalhais, Albertino Gonçalves, UMinho, PT <i>2. A Lusofonia também se constrói no ciberespaço: quando o virtual reforça o sentido do real</i> Lurdes Macedo, Moisés de Lemos Martins, UMinho, PT, Ouri Pota, SARc, MZ, João Feijó, ISCTE, IUL, PT <i>3. Vidas refeitas à distância: migrações em espaços lusófonos</i> Luís Cunha, Isabel Macedo, Francine Oliveira, Rosa Cabecinhas, UMinho, PT <i>4. Auto e hetero representações em contexto migratório: negociações e (re)significações em espaços multiculturais</i> Lília Abadia, Rosa Cabecinhas, Michelly Carvalho, Isabel Macedo, UMinho, PT	Anfiteatro 2101, CP2 ST1 Literatura de Expressão Portuguesa Moderadora: Madalena Oliveira <i>1. Pós-colonialismo e o desafio das fronteiras midiáticas: as intervenções de Mia Couto, diálogos verbais e escritos</i> Vera Harabagi Hanna, UFMG, BR <i>2. Germano Almeida: diálogos entre Cabo Verde e Portugal</i> Maria do Carmo Mendes, UMinho, PT <i>3. Machado de Assis, leitor de Eça de Queiroz</i> Marli Scarpelli, UFMG, BR <i>4. A rasura do trágico lourenceano na literatura brasileira</i> Anne de Souza Ventura, UA, UMinho, PT <i>5. Vinte e zinco e A árvore das palavras: ficção, história e identidade</i> Daniela da Costa, CAPES, UNESP, BR	Anfiteatro 2102, CP2 ST2 Media e Cultura Moderadora: Isabel Estrada Carvalhais <i>1. A produção musical do compositor português Cândido Lima manifestação de um esteio de textos e contextos multiculturais</i> Helena Maria Santana,UA, PT, Maria do Rosário da Silva Santana ,IPG, PT <i>2. O Pantanal sob a perspetiva do jornal local e da grande mídia</i> Ana Maria Dantas de Maio, EMBRAPA Pantanal, BR <i>3. Interfaces entre cultura regional, tecnologia da informação e comunicação na Campanha do Rio Grande do Sul, Brasil</i> Tiago Costa Martins, UNIPAMPA, BR <i>4. GRV Discos para além do iTunes - Um selo musical insere a música de Brasília na indústria fonográfica da era digital (relato da primeira década do século XXI)</i> Marcelo Carvalho Oliveira, UnB, BR <i>5. Rede Globo de Televisão: hegemonia e poder na trajetória do telejornalismo brasileiro</i> Carla Fernandes Montuori, Jair Aparecido Artico, UNIP, BR	Anfiteatro 2103, CP2 ST3 Revistas e Jornalismo Especializado Moderadora: Felisbela Lopes <i>1. A Difusão da Gastronomia Luso-Brasileira na Cidade de Santos</i> Cynthia Arantes Ferreira Luderer – PUC-SP, BR <i>2. Como as revistas brasileiras Caras e Contigo retratam o amor da Pós-Modernidade</i> Flávia Pessoa Serafim - UMinho, PT <i>3. Jornal Macknífico: mídia, língua portuguesa e educação</i> Valéria Bússola Martins - UPM, BR <i>4. Brasil, dramaturgia da vida cotidiana</i> Rúben Figaredo Fernández - UFRN, BR <i>5. A revista Deguste e a representação da identidade potiguar</i> Flávia Serafim - UMinho, PT
13:15 – 14:30	Almoço			

	Auditório B1, CP2	Anfiteatro 2101, CP2	Anfiteatro 2102, CP2	Anfiteatro 2103, CP2
14:30 – 16:00	P2 Celebridades midiáticas: exposição e performance Coordenadora: Vera Veiga França 1. <i>O que estão essas vozes a nos dizer? Performance e valores no “The Voice Brasil” e no “A Voz de Portugal”</i> Leonardo Gomes Pereira, UFMG, BR, Roberto Edson de Almeida, PUCMG, BR 2. <i>Questões de classe: “Mulheres ricas” e estamentos do espetáculo</i> Márcio Serelle, PUCMG, BR 3. <i>As transformações na identidade do político brasileiro enquanto personagem do popular midiático</i> Pedro Pinto de Oliveira, UFMT, UFMG, BR	ST4 Representações identitárias no cinema, televisão e literatura Moderadora: Maria Manuel Baptista 1. <i>Topografia de Imagens: A representação do (espaço) africano no cinema português (1961-74)</i> Paulo Cunha, UC, PT, Rita Bastos, UBI, PT 2. <i>O português no cinema moçambicano (1975-2012)</i> Sílvia Vieira, CIAC, PT 3. <i>De Antônio Maria a Balacobaco: os personagens portugueses nas telenovelas Brasileiras</i> Elaine Javorski, UC, PT 4. <i>“Simbolismo e Escravidão” no poema em prosa de Cruz e Sousa</i> Simone Rufinoni, USP, BR 5. <i>A representação do espaço intersticial do mestiço em literaturas de língua portuguesa</i> Júlio Cesar de Paula, USP, BR	ST5 Sociedade, Políticas e Recursos digitais da Lusofonia Moderador: Alberto Sá 1. <i>Os desafios da Internet: as radios nacionais do espaço lusófono e a web</i> Luís António Santos, Madalena Oliveira, UMinho, PT 2. <i>Museu Virtual de Ouro Preto como instrumento de comunicação e promoção da lusofonia</i> Marcelo Feijó, Fernando Oliveira Paulino, Liziana Guazina, UnB, BR 3. <i>Manual Digital II - de Portugal para o mundo lusófono</i> Marta Silvestre, António José Osório, Elisabete Barros, Altina Ramos - UMinho, PT 4. <i>O ensino da Língua Portuguesa através das TICs - rádio online no Centro de Línguas Estrangeiras Zacatenco - México</i> Rodrigo Florêncio da Silva, Instituto Politécnico Nacional do México, MX 5. <i>Formação contínua de professores universitários: pensando uma comunidade de prática online para a comunidade lusófona</i> Ana Cecília Jorge de Souza, António José Meneses Osório, UMinho, PT 6. <i>A Sociedade da Informação e o Mercado de Trabalho em Angola: Perspectivas para o desenvolvimento do Sector das Tecnologias de Informação e Comunicação</i> Matondo Otequele Júnior, ISCED, AO	ST6 Memória e Identidade Moderador: Isabel Macedo 1. <i>Memória e notícia, da ambivalência de Teoria Geral do Esquecimento</i> Emília Pereira, UMinho, PT 2. <i>As Relações Portugal-Brasil na Revista de História (1912-1928): reflexões em torno do Luso- tropicalismo e da Lusofonia</i> Nuno Miguel Magarinho Bessa Moreira, UP, BR 3. <i>Turma da Mônica – imaginário, cultura e filosofia em 54 anos de história</i> Mônica Lima de Faria, UFEPL, Artur Rodrigo Itaquí Lopes Filho, PUC, RS, BR 4. <i>Pela Terra e Pelo Mar: Portugueses na América do Norte nos séculos XVI e XVII</i> Mariah Fátima Wade, University of Texas at Austin, EUA 5. <i>Contributos para a constituição de um cânone lusófono: Timor-Leste no contexto da produção literária em língua portuguesa</i> Micaela Ramon, UMinho, PT
16:00 – 16:30	Coffee break			

16:30 – 18:30	Sessão Plenária 2 – Políticas da Língua no espaço lusófono Moderadora: Helena Sousa Juremir Machado da Silva, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil Armando Lopes, Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique Neusa Bastos, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil Regina Helena Brito, Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo, Brasil José Eduardo Franco, Universidade de Lisboa, Portugal
20:30 – 23:00	20h30 <i>Programa Cultural – Museu Nogueira da Silva</i> Concerto Joana Gama (piano) Obra: Viagens na Minha Terra - Fernando Lopes-Graça 21h30 <i>Mesa de Escritores Angolanos</i> <i>Moderador: José Carlos Venâncio</i> Amélia Dalomba José Luandino Vieira Lupito Feijóo

Sexta-feira, 5 de julho

8:30 – 9:00	Registro					
9:00 – 10:30	Auditório B1, CP2	Anfiteatro 2101, CP2	Anfiteatro 2102, CP2	Anfiteatro 2103, CP2	Anfiteatro 2104, CP2	Sala 2105, CP2
	P3 Memória e narrativa: polissemia da imagem em mundos da lusofonia Coordenador: Luís Cunha 1. <i>Trajetórias e transgressões na inspiração da pena: narrativa literária e lusofonias</i> Luís Cunha, UMinho, PT 2. <i>Entre culturas, entre mundos lusófonos: os pomeranos no Brasil</i> José Walter Nunes, UnB, BR 3. <i>“Vou comprar o meu próprio país”: debates e reflexões em torno de narrativas identitárias de jovens descendentes de imigrantes</i> Isabel Macedo, Rosa Cabecinhas, UMinho, PT 4. <i>Narrativas televisivas e reconstrução identitária em Moçambique</i> Vicente Amone, TVM, MZ, Rosa Cabecinhas, UMinho, PT	P8 O acontecimento midiático: leituras locais Coordenador: Renné Oliveira França 1. <i>Sacrifício e quase acontecimento: apontamentos sobre a visibilidade da causa Guarani e Kaiowá</i> Luciana de Oliveira, UFMG, BR 2. <i>Acontecimento e poder de afetação: A Aids e repercussões sobre a vida social e coberturas jornalísticas</i> Carlos Alberto de Carvalho, UFMG, BR 3. <i>Habemus Papam: Instituição, acontecimento e performance na formação de uma celebridade instantânea</i> Renné Oliveira França, UFMG, BR	ST7 Música e Cultura Popular Moderadora: Madalena Oliveira 1. <i>A Marrabenta: Sua Evolução e Estilização, 1950 O 2002</i> Rui Guerra Augusto Laranjeira, ISARC, MZ 2. <i>O Festival Musidanças: uma análise discursiva da programação e dos manifestos (2001-2012)</i> Bart Paul Vanspauwen, UNL, PT 3. <i>A composição do som Tropicalista</i> Eduardo Kolody, UnB, BR 4. <i>A canção brasileira e portuguesa: aproximações contemporâneas e experiências comuns nas décadas de 1970 e 1980</i> Alexandre Felipe Fiúza, UNIOESTE, BR 5. <i>O local e o global nas tramas da Tropicália</i> Débora Dutra Fantini, UnB, BR	ST8 Narrativas e Convenções Moderador: Bruno Souza Leal 1. <i>A imagem do terrorismo no jornalismo: uma comparação entre a cobertura de Brasil e Portugal</i> Denise Cristine Paiero, UPM, BR 2. <i>Pode haver beleza na dor? A cobertura imagética da tragédia da boate Kiss, em Santa Maria, pela Revista Veja.</i> Alexandre Huady Torres Guimarães, UPM, BR 3. <i>Uma lente portuguesa registrando conflitos bélicos na mídia impressa</i> Alexandre Huady Torres Guimarães, Luiz Gonzaga Meireles Brandão, UPM, BR 4. <i>Convencionalidades narrativas e os crimes de proximidade: tensões na escrita jornalística</i> Bruno Souza Leal, UFMG, BR 5. <i>O sotaque na expressão da Lusofonia: representações simbólicas nas rádios dos países da CPLP</i> Teresa Costa Alves, UMinho, PT	ST9 Lusofonia e Globalização Moderadora: Isabel Estrada Carvalhais 1. <i>Fluxos culturais assimétricos e reflexões comunitárias</i> Benjamin Abdala Júnior, USP, BR 2. <i>Lusofonia(s) Hoje: Timor-Leste e a idealização de um espaço lusófono</i> Soraia Valy Lourenço, Instituto Camões, HR 3. <i>Conceitos e reflexões sobre a lusofonia e o espaço lusófono</i> Mário Luiz Amorim da Silva, Universidade de Zagreb, HR 4. <i>O brasileiro no Instagram: uma identidade globalizada</i> Célia Maria Ladeira Mota, Paulo Henrique Soares de Almeida, UnB, BR 5. <i>Fragmentos que se recompõem em mosaico: Considerações sobre a presença da comunidade geocultural da lusofonia no ciberespaço</i> Lurdes Macedo, Moisés de Lemos Martins, Rosa Cabecinhas, UMinho, PT	ST10 Semiótica das relações culturais Moderador: Sérgio Denicoli 1. <i>A comunicação cultural entre Brasil e Portugal através dos ex-votos</i> Genivalda Cândido Val, UFBA, BR 2. <i>O que Portugal anda a importar do Brasil</i> Simone Formiga, PUC/Rio, BR, UVA/UP, PT 3. <i>Há fonias: uma ponte entre o discurso político e poético de Mia Couto e Patrick Chamoiseau</i> Luana Antunes Costa, USP, BR 4. <i>O retrato-tipo: identidades e identificações</i> Aline Lima, UMinho, PT 5. <i>O poético em Doisduas: o imaginário como expressão de linguagem</i> Wagner José Moreira, CEFET, MG, BR
10:30 – 10:45	Coffee break					

	Auditório B1, CP2 P4 Produtos midiáticos e conformações identitárias Coordenadora: Márcia Maria da Cruz 1. <i>Identidades e regionalização nas minisséries brasileiras</i> Felipe Muanis, UFF, BR 2. <i>Pontos de escuta em documentários transterritoriais</i> Leonardo Vidigal, UFMG, BR 3. <i>O debate em torno da união homoafetiva no Brasil: conformação de redes de solidariedade na Web</i> Márcia Maria da Cruz, UFMG, BR 4. <i>Interseções e descontinuidades entre duas experiências de comunicação intercultural: a expansão portuguesa e a lusofonia</i> Lurdes Macedo, UMinho, PT	Anfiteatro 2101, CP2 ST11 Pós-colonialidades, migrações e identidades em contexto lusófono Moderadora: Rosa Cabecinhas 1. <i>Timor em Portugal – heterotopia de um sexto império</i> Rita Ribeiro, Joaquim Costa, UMinho, PT 2. <i>O ‘Lúcido’ Reconhecimento das Impurezas Lusófonas na Pós-Colonialidade Portuguesa</i> Sheila Khan, UMinho, PT 3. <i>Limites híbridos. Pensando a lusofonia a partir das margens</i> Anne Burgert · Johannes Gutenberg Universität, DE 4. <i>Nacionalidade e pertença: a auto-identificação dos imigrantes cabo-verdianos e brasileiros residentes em Portugal</i> Paulo Costa, UAb, PT 5. <i>Migração e Identidade em Jornais Comunitários de Brasileiros no Exterior</i> Maria Cavacanti Cunha, Célia Mota, UnB, BR	Anfiteatro 2102, CP2 ST12 Rituais e Cultura Popular Moderadora: Albertino Gonçalves 1. <i>O reisado cearense como manifestação cultural</i> Maria Auxiliadora Fortes; João Sá Bandeira – Gov. Do Estado do Ceará, BR 2. <i>Elos Brasil - Portugal: O léxico do Candomblé em Portugal</i> Camila de Lira Santos · Universidade Ludwig Maximilian Munique, DE 3. <i>Ex-votos: tradição, arte, religiosidade e patrimônio cultural</i> José Cláudio Oliveira, UFBA, BR 4. <i>Igreja Evangélica: Comunicação e Música</i> Celso Ponte, UPM, BR 5. <i>De Camões a Benedito: genealogia da mística nas culturas portuguesa e brasileira</i> Marcelo Monteiro Gabbay, UFRJ, BR	Anfiteatro 2103, CP2 ST13 Média e Produções Culturais Moderador: Luís António Santos 1. <i>Encontros e desencontros lusófonos: um estudo de caso sobre a Disney transmídia</i> Débora Cibebe de Benedetto e Silva, UPM, BR 2. <i>Indústrias criativas: panorama do mercado de trabalho na área de comunicação, um estudo comparado cone sul e moçambique</i> Vanessa Aparecida Franco Molina, Adolpho Carlos Françoso Queiroz, José Estevão Favaro, UPM, BR 3. <i>O editor de livros e a promoção da cultura lusófona: a trajetória de Francisco Alves (1848-1917)</i> Aníbal Francisco Alves Bragança, UFF, BR 4. <i>Entre o fluxo e o refluxo mediático da Lusofonia</i> José Gabriel Andrade, UCP, PT 5. <i>Ondjaki, o “cinema bu” e as telenovelas brasileiras</i> Anabela Branco Oliveira, UTAD, PT	Anfiteatro 2104, CP2 ST14 Lusofonia nas relações internacionais Moderadora: Isabel Estrada Carvalhais 1. <i>A narrativa securitária no espaço lusófono: alinhamento ou diferenciação face às dinâmicas securitadoras internacionais?</i> Ana Paula Brandão, UMinho, PT 2. <i>Potencial geopolítico da CPLP na segurança internacional</i> José António Palmeira, UMinho, PT 3. <i>Lusofonia em Macau: veículo para o diálogo intercultural fora do mundo lusófono, em contexto pós-colonial</i> Carmen Amado Mendes, UC, PT 4. <i>O Que é o Valor? Uma proposta para o estudo comparado da presença portuguesa no Oriente</i> Juliana Sandi Pinheiro, UnB, BR 5. <i>Alguns Aspectos Geopolíticos sobre o Processo de Colonização e Descolonização de Goa</i> Maria do Carmo Rebouças dos Santos, Umberto Euzébio, UnB, BR
10:45 – 12:15					
12:15 – 12:45	Programa Cultural - Palestra Musicada por Débora Fantini, André Pereira & Eduardo Kolody Bay (Brasil)				
12:45 – 14:00	Almoço				

	Auditório B1, CP2 P5 (In)formação, Diversidade e Cidadania: projetos de intervenção Coordenadora: Carla Cerqueira 1. <i>A missão da Cruz Vermelha no trabalho com imigrantes</i> Sónia Rodrigues, Centros Locais de Apoio à Integração de Imigrantes (CLAII, Braga), PT 2. <i>Promover os Direitos Humanos e a Cidadania</i> Margarida Vilarinho - Civitas-Associação para Defesa e Promoção dos Direitos dos Cidadãos (Braga), PT 3. <i>Direitos e desenvolvimento</i> Liliana Azevedo - Associação para a Cooperação Entre os Povos (ACEP), PT 4. <i>O programa dos media da UE em Timor-Leste</i> Sérgio Gomes da Silva, GMCS, PT	Anfiteatro 2101, CP2 ST15 Representações Identitárias e Diversidade Cultural Moderador: Luís Cunha 1. <i>O Processo Identitário do Sujeito numa Perspectiva Freiriana</i> Gildo da Costa, FG, BR 2. <i>Fim do império - sequelas sem fim: malhas que o império teceu segundo Os Pretos de Pousaflores</i> Leonor Simas-Almeida, Brown University, EUA 3. <i>Aspectos portugueses e africanos na tradição do Congado brasileiro</i> André Mendes Pereira, CEMP JMX, BR 4. <i>Uma leitura sociológica da Carta de Pêro Vaz de Caminha com base em conceitos de Erving Goffman</i> Rafael Gonçalo Filipe, ULHT, PT	Anfiteatro 2102, CP2 P9 Dinâmicas e transformações no universo da cultura popular-midiática Coordenadora: Vera Veiga França 1. <i>Sertanejo universitário: expressão e valores de uma nova juventude urbana</i> Vera Veiga França, Vanrochris Vieira, UFMG, BR 2. <i>Ai se eu te pego: fluxos internacionais de um hit que pegou</i> Felipe Trotta, UFF, BR 3. <i>Garotas da capa: pin-upização e identidade cultural nas revistas GQ Brasil e GQ Portugal</i> Fernanda Miranda, UFMG, BR 4. <i>Correspondência Pessoa e Sá Carneiro: narrativas da saudade, da melancolia e “estranhamentos emocionais”</i> Ariane Patrícia Ewald, UERJ, BR	Anfiteatro 2103, CP2 ST16 Publicidade, Fluxos Audiovisuais e projetos de intervenção Moderadora: Gabriela Gama 1. <i>Linguagem publicitária no Brasil. Da origem portuguesa ao jeitinho brasileiro</i> Paula Renata Camargo Jesus, UPM, BR 2. <i>A questão verde na publicidade da mineradora Vale: o caso do Parque Botânico</i> Filipe Aquino, UP, PT 3. <i>O mercado da fascinação: a propaganda televisiva e consumidor infantil no Brasil</i> Maria Goreti Artico, Jair Artico, UNIP, BR 4. <i>Fluxos Audiovisuais Lusófonos: A Telenovela na Televisão Portuguesa e como Conteúdo de Exportação</i> Eduardo Cintra Torres, Catarina Duff Burnay, UCP, PT 5. <i>Porquê a necessidade de uma Conexão Lusófona?</i> Laura Vidal, Conexão Lusófona, PT	Anfiteatro 2104, CP2 ST17 Migrações e identidades em contexto lusófono Moderadora: Sheila Khan 1. <i>A narrativa autobiográfica de Lucy: uma história líquida que flui no debate acerca da lusofonia</i> Marina Galvanese; Olga Solovova, Elsa Lechner, UC, PT 2. <i>Os Chineses em Portugal: uma outra face da lusofonia</i> Isabel Pinto, ISCAP, PT 3. <i>Migrações no espaço lusófono: narrativas que se (des) constroem num «palco» comum entre laços e desenlaces</i> Paulo Baronet, Santa Casa da Misericórdia de Castro Daire, PT 4. <i>Trânsitos e Migrações entre o português e o alemão: a comunidade de cultura germânica no ABC Paulista</i> Priscila Perazzo, Alberto Iszljaj Junior, Mariana Prado, USCS, BR	Sala 2105, CP2 ST18 género, Sexualidades e Interseccionalidades Moderadora: Zara Pinto Coelho 1. <i>Dizer o amor homoerótico em língua portuguesa: utopia e consolidação</i> Jorge Valentim, UFSCar/CAPES, BR, UP, PT 2. <i>Da identidade feminina e suas implicações: Uma leitura comparativa entre Florbela Espanca e Cecília Meireles</i> José Nazaré Queiroga, UEPB, Brasil 3. <i>Reverberações do patriarcalismo colonial na construção da identidade de género lusófono</i> Maria Ruas de Oliveira, UMinho, PT 4. <i>O comportamento das gerações X e Y no Facebook</i> Naiara Moraes, UMinho, PT
14:00 – 15:30						
15:30 – 15:45	Coffee break					

	Auditório B1, CP2 P6 Blogar a Lusofonia Coordenadora: Lurdes Macedo 1. <i>A experiência de blogar a lusofonia no Alto Hama</i> Orlando Castro - autor do Blogue Alto Hama 2. <i>A experiência de blogar a lusofonia no Etnias</i> Max Coutinho, autora do Blogue Etnias: O bisturi da sociedade 4. <i>Quando o tema é a lusofonia: Auto e heteroanálise de contributos na blogosfera moçambicana</i> Ouri Pota, autor do Blogue Mãos de Moçambique 5. <i>Blogando a Lusofonia no 'Cultura Brasil-Portugal'</i> Edna Quadros, autora do Blogue Cultura Brasil-Portugal	Anfiteatro 2101, CP2 ST19 Identidades em construção: imagens e fragmentos Moderador: Maria da Luz Correia 1. <i>Reflexões sobre a amizade como marco privilegiado da singularidade (luso)brasileira</i> Valter Sinder, PUC, Rio, Brasil 2. <i>Oralidade e Escrita no ambiente acadêmico</i> Adriana Rosa, UNTL, TL 3. <i>A construção da identidade do professor timorense</i> Marina Reis, USP, PT 4. <i>Lusofonia e Artes Plásticas: discursos, práticas e trânsitos</i> Teresa Matos Pereira, PS, PT 5. <i>Montras do imaginário lusófono: das exposições universais aos complexos policulturais</i> Maria da Luz Correia, Uminho, PT, Université Paris V Sorbonne, FR	Anfiteatro 2102, CP2 ST20 Jogos e Práticas Culturais Moderador: Albertino Gonçalves 1. <i>Chico Rei na lenda, na tradição popular e na criação artística brasileira</i> José da Silva Ribeiro, UAb, PT 2. <i>Jogos populares no Brasil: a transmissão da diversidade cultural por meio do brincar</i> Tiago Aquino da Costa Silva, UNESP, BR, Mérie Hellen Gomes de Araujo da Costa Silva, FMU, BR, Alipio Rodrigues Pines Junior, USP, BR 3. <i>Tradições Móveis – Legitimidade e memória na literatura infanto juvenil</i> Vania Belli, Antoneli de Farias Matos, PUC, Rio, BR 4. <i>A Linguagem das Escolas de Samba nos Circuitos da Comunicação entre Brasil e Portugal</i> José Maurício C. M. Silva, UPM, BR 5. <i>Brincadeiras do meio do mundo: uma infância globalizada?</i> Marlene Mendes Barra, UMinho, PT	Anfiteatro 2103, CP2 ST21 Media e Democracia Moderador: Rui Alexandre Novais 1. <i>Uma comunidade transnacional? As culturas jornalísticas portuguesa e brasileira comparadas</i> Rui Alexandre Novais, Uminho, PT, Sónia Virginia Moreira, Luísa Silva, UP, PT 2. <i>Imprensa e lusofonia: O período da democracia em Portugal</i> Hugo Ferro, Rui Alexandre Novais, UMinho, PT 3. <i>O tema da interculturalidade na imprensa escrita portuguesa</i> Francine Oliveira, Rosa Cabecinhas, UMinho, PT, Isabel Ferin Cunha, UC, PT 4. <i>Gestão Democrática na Escola Pública: Percepções dos moradores de Heliópolis – São Paulo - Brasil</i> Kenya Paula Silva, USP, PT 5. <i>Projeto A Terapia Comunitária Desbloqueando a Aprendizagem: as contribuições da Terapia Comunitária na visão dos alunos adultos da EJA da cidade de São Paulo</i> Kenya Paula Silva, USP, PT, João Munhoz, Lucieene Campos, Vilma Costa, PMSP, BR	Anfiteatro 2104, CP2 ST22 Lusofonia, Colonialismo e Pós-colonialismo Moderadora: Rita Ribeiro 1. <i>(Des)Acordo Ortográfico em foco: representações sociais de estudantes brasileiros e portugueses</i> Michelly Carvalho, Rosa Cabecinhas, Uminho, PT, Laerte Magalhães, UF Piauí, Brasil 2. <i>Acordo ortográfico para os países que têm a língua portuguesa como oficial</i> Edison Bewiahn UnB, BR 3. <i>Miguel Esteves Cardoso – desacordando a ortografia, defendendo a lusofonia</i> Maria Filomena Barradas, PP, PT 4. <i>A pertença identitária e as concepções da linguagem</i> Leila Maria Fiamoncine, UPM, BR 5. <i>O conceito de lusofonia e as suas clivagens: o discurso sobre nós e o outro, os fantasmas da colonização portuguesa e as marcas da 'portugalidade'</i> Vítor Sousa, UMinho, PT	Sala 2105, CP2 ST23 Espaços de circulação, lugares de fixação Moderadora: Emília Araújo 1. <i>Expressões e percepções da cidade pós-colonial: os casos de Maputo e da Beira, em Moçambique</i> Miguel Sopas Bandeira, UMinho, PT 2. <i>"Era uma casa muito engraçada, não tinha teto, não tinha nada": Os moradores de rua no Largo do Machado e suas representações sobre o espaço urbano</i> Eduardo Pavão, UERJ, BR 3. <i>Portugal ainda entre a Europa e o Atlântico: Perspectivas portuguesas sobre a viabilidade de uma cidadania lusófona</i> Patrícia Jerónimo, UMinho, PT 4. <i>A mobilidade internacional dos quadros qualificados portugueses no espaço lusófono: uma análise ao discurso mediático</i> Filipe Ferreira, UMinho, PT 5. <i>Nipo-brasileiros em Paracatu-MG, Brasil: contribuições da presença japonesa para o desenvolvimento numa cidade de herança lusófona</i> Nanahira de Rabelo e Sant'Anna, UnB, BR
17:15 – 17:30	Coffee break					

	Sessão Plenária 3 – O cânone Lusófono Moderador: José Carlos Venâncio 17:30 Fernando Cristóvão, CLEPUL, Universidade de Lisboa, Portugal – Ana Lúcia Lopes de Sá, CEA, ISCTE, Instituto Universitário de Lisboa, Portugal 19:30 Rogério Miguel Puga, CETAPS, Universidade Nova de Lisboa, Portugal Jacinto Rodrigues, Universidade do Porto (jubilado), Portugal Feliciano Mira, CES, Universidade de Coimbra, Portugal
	<i>Jantar da Conferência e Programa Cultural</i> Museu Nogueira da Silva 20h00 Jantar da Conferência 20:00 21h00 Mesa de Escritores Lusófonos – Moderador: José Manuel Mendes Filimone Meigos (Moçambique) 23:00 Luís Costa (Timor Leste) Miguel Miranda (Portugal) Olinda Beja (São Tomé) 22h00 <i>Quintal Conexão</i> – Espectáculo de música organizado por Conexão Lusófona

Sábado, 6 julho 2013

8:30 – 9:00	Registo			
9:00 – 10:30	Auditório B1, CP2 P7 Imagens e representações no terreno da mídia impressa Coordenador: Paulo Bernardo Vaz 1. <i>O discurso publicitário em veículos impressos: representações da paternidade e da maternidade nos anos 1982 e 2012 na revista Veja</i> André Melo Mendes, Laura Guimarães Corrêa, UFMG, BR 2. <i>Identidades precárias e narrativas do crime: a propósito do fotojornalismo brasileiro</i> Angie Gomes Biondi, Paulo Bernardo Vaz, UFMG, BR 3. <i>A imagem do futebol nas capas do tablóide brasileiro Super Notícia e do português Jornal de Notícias</i> Rodrigo Portari, UFMG, BR 4. <i>A seriedade do cômico: a Gazeta dos Tribunaes em Lisboa (1841) e no Rio de Janeiro (1843)</i> Bruno Guimarães Martins, UFMG, BR	Anfiteatro 2101, CP2 ST24 Diversidade Linguística e Políticas da Língua Moderadora: Emília Pereira 1. <i>O uso de canções infantis como estratégia no ensino de português para professores da pré-escola em Timor-Leste</i> Márcia Cavalcante, UPM, BR 2. <i>“Língua – vidas em Português”: valores da Lusofonia?</i> Alexandre Bueno, USP, BR 3. <i>A presença da Lusofonia nos manuais de Português Língua Estrangeira (PLE)</i> Xurxo Carballido, Universidade de Santiago de Compostela, GZ 4. <i>Minderico: uma língua minoritária ameaçada em Portugal</i> Vera Ferreira, CIDLeS, PT 5. <i>Da fragmentação da identidade em autores lusofalantes</i> Zuleide Duarte, UEPB, BR	Anfiteatro 2102, CP2 ST25 Lusofonia nas Redes Moderador: Luís António Santos 1. <i>Ciberjornalismo na lusofonia: Contributo para um mapeamento</i> Fernando Zamith, Isabel Reis, Pedro Jerónimo, Catarina Osório, Xosé Pereira Fariña, Silvino Lopes Évora, Celestino Vaz Joanguete, Ben-Hur Demeneck 2. <i>Redes Sociais e o fenómeno do compartilhamento na era digital</i> Naiara Back Moraes, UMinho, PT 3. <i>O ciberespaço enquanto interface da Lusofonia</i> Ines Albuquerque Amaral, Uminho, ISMT, UAL, PT, Silvino Lopes Évora, UCV, CV 4. <i>A utilização da internet e as redes sociais no espaço lusófono</i> Vicente Paulino – UL, PT, Irta Sequeira Baris de Araújo – UFSC, BR 5. <i>A sociedade lusófona e as novas tecnologias em um universo globalizado</i> Anne Cristina Peres, Ricardo Peres, UPM, BR	Anfiteatro 2103, CP2 ST26 Globalização, empreendedorismo, migrações e relações laborais Moderador: João Feijó 1. <i>As relações midiáticas e as dificuldades dos falantes de língua portuguesa em processo de globalização empresarial</i> Afonso Celso Figueiredo, UPM, BR 2. <i>Empreendedorismo emigrante português em Andorra</i> Alice Prata, Paula Remoaldo, UMinho, PT, Maria Ortelinda Gonçalves, AUE, PT 3. <i>Empreendedorismo Emigrante Portugueses em Andorra, Londres, Nice e Mônaco</i> Maria Ortelinda Gonçalves, José Ribeiro, UAb, PT, Paula Remoaldo, UMinho, PT 4. <i>Redes Sociais e Socio-Técnicas nas Empresas de Emigrantes Portugueses</i> José Ribeiro, UAb, PT, Maria Ortelinda Gonçalves, AUE, PT, Paula Remoaldo, UMinho, PT 5. <i>Relações laborais nas empresas de capital português em Maputo</i> João Feijó, ISCTE, IUL, PT
10:30 – 10:45	Coffee break			

	Sessão Plenária 4 - Interculturalidade e representações da lusofonia nos média Moderadora: Rosa Cabecinhas
10:45 – 12:45	Cláudia Castelo, Instituto de Investigação Científica Tropical, Portugal Isabel Ferin Cunha, Universidade de Coimbra, Portugal Maria Manuel Baptista, Universidade de Aveiro, Portugal Joseph Straubhaar, Universidade de Austin, EUA Silvino Lopes Évora, Universidade de Cabo Verde, Cabo Verde
12:45 – 13h15	Sessão de encerramento Moisés de Lemos Martins Rosa Cabecinhas
15:00 – 19:00	<i>Programa Cultural</i> 15h00 <i>Saída de Braga para Visita ao Centro Histórico de Guimarães</i> Ponto de encontro: Frente ao Complexo Pedagógico II da Universidade do Minho

Todas as **sessões plenárias**, a **sessão de abertura** e **sessão de encerramento** serão realizadas no Auditório B1 do CP2

Legenda:

P: **painel**

ST: **sessão temática**

Resumos

Sessões Plenárias

Sessão Plenária 1: **Narrativas da Lusofonia – memórias, construções e ficções**

Dia: 04/07/2013	Hora: 09:30 – 11:30	Local: Auditório B1, CP2
------------------------	----------------------------	---------------------------------

Entre-fronteiras: o cinema como un lugar político, outro

Margarita Ledo Andi3n, Universidade de Santiago de Compostela, Galiza

Un pequeno filme, de nome *Galicia*, perdido dende o ano 1936 e rec3n corcosido en 2011, de modo provisorio, a partires da aparici3n de varias bobinas nun arquivo ruso, 3 cosiderado pola historiograf3a o primeiro filme nacional galego. Se na tradici3n autoral moderna unha das acepci3n m3is comprometidas do cinema foi pensalo como un obxecto art3stico “capaz de facer ver”, no cinema contempor3neo esta funci3n acolle un novo valor cando se analiza dende un espazo socio-comunicativo espec3fico – singular ou plural – e se vincula coa construcci3n/constitu3n dun proxecto pol3tico que, pola s3a vez, alonga as s3as 3s pola paisaxe incerta do co3hecimento, da interculturalidade e, e definitiva, da diversidade como novo principio cidad3. Ao abeiro da posibilidade de acceso a este cinema–outro a trav3s dos novos modos de consumo cultural, un filme dev3n un traballo de escrita e, ao mesmo tempo, unha marca-pa3s, unha proposta de visi3n e unha interface para un espazo-proxecto que, coma o asi denominado “lus3fono” incl3e varias e variadas aproximaci3ns.

Narrativas da Lusofonia: mem3ria e identidade na telenovela brasileira

Maria Immacolata Vassalo de Lopes, Universidade de S3o Paulo, Brasil

O artigo tem por objetivo lan3ar luz em como as fic33es televisivas participam na constru33o de mem3rias sociais e de identidades culturais tomando como objeto a telenovela brasileira. Parte da an3lise da telenovela como lugar de mem3ria (*lieux de m3moire*, P. Nora) e documento de 3poca e busca compreender a telenovela como narrativa de constru33o, manuten33o e discuss3o de mem3ria social, e como

recurso comunicativo (Lopes) de construção de identidade. No novo cenário cultural e comunicativo contemporâneo esse fenômeno passa pela constatação de que vivemos um “boom” de memória, uma volta ao passado em parte marcada pelo fenômeno do arquivamento. A telenovela é criadora de um repertório compartilhado e por isso a entendemos como um lugar onde a memória pode ser exercitada. Como um lugar onde representações e imaginários sobre o modo de vida de uma época são depositados podendo depois ser reapropriados. Ela é, ao mesmo tempo, memória, arquivo e identidade.

Esses pontos de partida permitiram que um conceito bastante polêmico nas ciências humanas atuais, o de identidade nacional, fosse revisitado criticamente e que as representações da nação na telenovela brasileira assomassem como locus complexo de construção e reconstrução identitárias, lugar onde assoma a capacidade dessa narrativa de conectar dimensões temporais de presente, passado e futuro, de criar uma memória coletiva dentro da nação.

Histórias de Mulheres do Brasil Contemporâneo: As Heroínas de Hoje

Ana Carolina Escosteguy, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

A comunicação versa sobre a presença da mídia em relatos biográficos de mulheres das classes populares do Brasil contemporâneo. Tais histórias de vida são entendidas como narrativas identitárias, pois são reveladoras de um modo específico de ser, constituído no próprio ato do relato quando as protagonistas, instigadas a “contar sua vida”, conferem sentido às suas experiências. Concluímos que tais narrativas são reveladoras de processos culturais maiores e mais abrangentes, expressando a presença fluída e penetrante da mídia nos modos de ser; são construídas mediante convenções culturais que estão em circulação na mídia; entre tais convenções, destacamos a presença de características do gênero melodrama e de um ethos heroico.

Se a Lusofonia é um sonho, quem é o sonhador? De uma poética lusofonia e de uma lusofonia poética

Luísa Paolinelli, Universidade da Madeira, CLEPUL, Portugal

Aurelia Donzelli coloca a questão do sonho da lusofonia e do sujeito do sonho no capítulo VII de *Language, Ideology, and the Human: New Interventions* (Ashgate: 2012) a propósito do ensino da língua portuguesa em Timor Leste. Necessidade prática, a sua aprendizagem e divulgação não deixa de ter uma dimensão ideológica específica que a autora considera dificultar a autonomia cultural da jovem nação, porque o sonho da língua é sonhado de fora para dentro.

A lusofonia corre o risco de ser, assim, perspectivada e generalizada como uma ideia poética imaginada por políticos conscientes e intelectuais sonhadores. Se uma língua pode ser imposta a nível oficial, não pode ser imposta como língua do artífice, do que a trabalha na sua máxima expressão e retira das suas potencialidades a expressão do sonho do homem. Homem e ideias carecem de poesia e a poesia no espaço lusófono faz-se na liberdade da língua, no que o poeta Manoel de Barros designa da “Absurdez” que se fala e escreve e emancipa. A língua do sonho para os poetas lusófonos e para os seus leitores é a língua que faz sonhar todos de diferentes formas, em diversos lugares do mundo.

Se a Lusofonia é um sonho, quem é o sonhador?

Lusofonia e Literatura: haverá cânone(s) lusófono(s)?

Annabela Rita, Universidade de Lisboa, Portugal

Na diversidade que constitui a Lusofonia, poderemos falar de cânone lusófono? Em caso afirmativo, será mais adequado falar dele o singular ou no plural? Em caso negativo, por que razões não será rigoroso falar em cânone no caso das Literaturas Lusófonas? Destes questões tratará a reflexão, talvez sem resposta definitiva.

Sessão Plenária 2: **Políticas da Língua no espaço lusófono**

Dia: 04/07/2013	Hora: 16:30 – 18:30	Local: Auditório B1, CP2
------------------------	----------------------------	---------------------------------

Língua e imaginário

Juremir Machado da Silva, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

Sabe-se que uma língua produz imaginário e depende de imaginários. Uma língua tem uma história, uma trajetória, um "trajeto antropológico, caso se possa usar um conceito de Gilbert Durand. A língua é sempre uma construção. Ela nos procede, mas podemos ajudar a transformá-la. Pode-se dizer, de certo modo, que a língua só se exprime no imaginário. O que faz a especificidade de uma língua? O que a língua quer dizer com sua diferença? O que significa abdicar de uma língua materna, por exemplo, no espaço da ciência em nome de uma língua franca? Pode-se realmente estabelecer por acordo regras de uso de uma língua consolidada?

Política Linguística: Terra de Ninguém, Terra de Todos: Notas a partir de um Posto de Observação Moçambicano

Armando Jorge Lopes, Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique

A presente comunicação ocupa-se de duas frentes. A primeira frente remonta a um curso de Verão sobre a política do Português em África e na Europa, que a Universidade de Lisboa realizou na Arrábida em 1998, tendo então, no âmbito da transdisciplina da Linguística Aplicada, sugerido (comunicação publicada em 2002), a construção de uma convergência entre a planificação linguística, que considero ser a teoria científica, e a política linguística, digamos a teoria indigenizada, que é a prática. Nesta interface da Linguística Aplicada, localizada em *terra de ninguém* porque a contiguidade fronteiriça da planificação e da política linguísticas cria esse espaço especial de pertença e de reflexão por todos, pretendo aqui retomar temas-suporte do sistema ecológico da língua portuguesa, de entre outros, o tema da custódia de língua e seus usos, o da substituição de uma língua oficial de comunicação mais ampla por outra e o tema da morte de língua.

Na decorrência da frente da planificação e política linguísticas, a segunda frente transporta-nos para o devir, e assim tenciono reflectir sobre o conceito transdisciplinar da 'lusofonia' que, da *terra nullius*, vem clamando por

conceptualização e operacionalização, ao mesmo tempo que procuro discutir franjas do assunto que, à semelhança da planificação linguística, se reveste de interfaces eminentemente sociais, culturais e históricas.

Políticas Linguísticas no Âmbito da Lusofonia

Neusa Bastos, IP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, NEL, Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil

Tem havido muito interesse acerca de Políticas Linguísticas, cujas bases alicerçam-se nas discussões sobre a identidade cultural e linguística de um povo. Em nosso caso, objetivamos discutir políticas linguísticas implementadas em diversos momentos no que tange à questão lusófona. Por isso, julgamos necessário apresentar as concepções de Política Linguística e de Lusofonia numa acepção mais ampla dos termos. Por intermédio de nossa investigação, pudemos concluir que hoje, mais do que nunca, a existência de uma política linguística reforça as dimensões histórica, linguística e cultural de um povo, inserindo-o no mundo globalizado e, principalmente, situando-o como nação dotada de identidade própria.

“À Mistura estão as Pessoas”: Política Linguística, Lusofonia e Internacionalização

Regina Pires de Brito, NEL, Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo, Brasil

Tendo como cenário a dimensão, a pluralidade e a complexidade do chamado “espaço da lusofonia”, propomos uma reflexão acerca de concepções de política linguística em países em que o português é língua oficial, procurando focalizar o tópico “internacionalização” da língua, questão de ordem em discursos oficiais (como, por exemplo, a Carta de Brasília, de 2010, resultante da 1ª. Conferência da Língua Portuguesa no Sistema Mundial, promovida pela CPLP, e em fóruns de organismos como os da AULP e do IILP). Um dos argumentos é a integração desse espaço para a *mistura das pessoas*, como lembra Ondjaki. No entanto, é necessário considerar os inúmeros desafios e dificuldades na formulação e implementação de políticas objetivas, adequadas a cada contexto e eficazes para todos. Como parte disso, deve-se buscar o (re)conhecimento e a legitimação das variedades linguísticas nacionais, valorizando a *unidade na variedade*. É nesse sentido que pensamos numa

agenda positiva para a lusofonia, num mundo que se quer globalizado (e internacionalizado) e assinalado pelos *inter* e *multi* culturalismos. Essa perspectiva, ao considerar as experiências, os valores, as culturas e as realidades particulares de cada comunidade, entende como “uma” lusofonia viável aquela marcada por atitudes pluricêntricas e desvinculadas de sentimentos anacrônicos ou representações preconceituosas.

A Lusofonia enquanto Mito e Utopia

José Eduardo Franco, Universidade de Lisboa, Portugal

A “Lusofonia” é um conceito plurissignificativo e encerra um ou vários projetos de posicionamento geoestratégico dos países de língua oficial portuguesa e/ou que têm o português como parte do seu património linguístico.

Apesar deste conceito recente significar essencialmente (ou melhor, oficialmente) o projeto político de afirmação de uma comunidade linguística com dimensão importante no jogo de forças das línguas a nível planetário, ele tem atrás de si um determinado ideal de universalidade configurado no quadro da expansão moderna de Portugal como reino cristão europeu.

Partindo do debate em torno do(s) conceito(s) e do(s) projeto(s) de Lusofonia, procuraremos perscrutar as suas raízes míticas e utópicas patentes em projetos antigos de reorganização do mundo, nomeadamente o ideal do Quinto Império e as suas metamorfoses no decurso da história das ideias em Portugal.

Procuraremos analisar criticamente de que modo alguns elementos do arsenal mítico e utópico de modelo de reorganização, sob égide lusófona, de um mundo globalizado se decalca, reinterpreta e atualiza no projeto de comunidade lusófona e/ou em projetos de mediação global de que a língua portuguesa seria instrumento.

Sessão Plenária 3: **O Cânone Lusófono**

Dia: 05/07/2013	Hora: 17:30 – 19:30	Local: Auditório B1, CP2
------------------------	----------------------------	---------------------------------

Importância dos Critérios Convergentes Prévios para uma Definição do Cânone Lusófono

Fernando Cristóvão, Universidade de Lisboa, Academia das Ciências, Portugal

À perspetiva sociológica da diversidade dos escritos do mundo lusófono importa juntar uma outra que lhe é prévia, a da perspetiva linguístico-literária. Como na junção de duas metades, importa que se tenha em conta, como condição prévia, que o elemento de base é o da relevância do elemento comum, o português como língua oficial, em que se exprimem as diversas e múltiplas culturas lusófonas. Daí a rejeição liminar do rótulo ou prática do conceito "língua de expressão portuguesa", pois o adequado é o de "língua oficial portuguesa" onde, repita-se, cabem todas as expressões e culturas dos países lusófonos. Assim sendo, dentro da unidade da "língua de cultura" (Celso Cunha, A. Houaiss, C. Luft, etc.), que é o português, cabem tanto a diversidade das três "línguas/normas cultas" já existentes (portuguesa, brasileira, galega), como a das línguas/normas cultas" que estão em vias de formação: a angolana, moçambicana, etc., exprimindo as respetivas culturas. Há que ter em conta, pois, a dinâmica própria deste processo. E porque tanto o processo linguístico como o socio-cultural estão em formação, ainda é prematura a tentativa, embora louvável, da constituição para já de um cânon lusófono que se deseja assente em critério diverso de Bloom, embora se recomendem reflexão e preparação apropriadas.

Por uma Mestiçagem Cultural Capaz de Gerar uma Lusofonia Viva e Solidária

Jacinto Rodrigues, Professor Catedrático Jubilado da Universidade do Porto, Portugal

Objectivo: Visão epistemológica que ultrapasse a dicotomia entre o nativismo autárcico e singularista, dum lado e a sinarquia abstrata e hegemónica do pensamento único, do outro. O processo cultural deverá ser uma expressão dialógica entre os povos.

A abordagem que pretendo fazer é a defesa do conceito de mestiçagem cultural para uma lusofonia viva e solidária. Neste sentido, esse conceito de mestiçagem cultural afasta-se de uma imposição de cânones tradicionalistas ou modernos e diferencia-se dum caos pós-moderno cujos valores sociais estão ausentes. É necessário portanto, para uma verdadeira mestiçagem cultural, uma autêntica abertura às autonomias culturais, à individualidade dos cidadãos e também uma unitária conceção humana que possibilite a solidariedade transcultural entre os povos.

Os Movimentos de Arte Lusófonos e as Instituições da Intertextualidade Estético-Política

Feliciano Mira, Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, Portugal

A estética pode ser um ponto intersignífico de produção de significados entre os campos artístico e político. Ao mesmo tempo as subjetividades da obra de arte (literária, plástica ou multimédia) exprimem ideias e temporalidades que participam na formação de cânones artísticos através das instituições da intertextualidade estético-política.

Esta apresentação aborda as modalidades que desde o início do século XX até à atualidade foram estabelecidos entre os movimentos artísticos nos territórios onde se fala português e as instituições do campo das perplexidades expectantes, onde atuam as instituições de avaliação, regulação e legitimação política das propostas estéticas. Tomaremos como linha de reflexão o papel do discurso metafórico como suporte de sentidos e intenções das propostas estético-políticas face aos contextos e tensões levantadas pela enunciação do discurso criativo.

Identidades Ficcionaladas e Ressignificação de Conceitos na Zona dos “Condenados da Terra” do Espaço Lusófono

Ana Lúcia Sá, Centro de Estudos Africanos, Instituto Universitário de Lisboa, Portugal

A presente comunicação insere-se no debate em torno da existência de um cânone lusófono e tem como *corpus* produções literárias da zona dos

“condenados da terra” (na conceptualização de Frantz Fanon) do chamado “espaço lusófono”. O referido conceito fanoniano e o de “ferida colonial” de Walter Mignolo são centrais na análise de, especialmente, biografias literárias, das quais emerge um conjunto de conceitos do campo das identidades que deverão ser considerados nas múltiplas histórias da Lusofonia.

Carnavalização da Sociedade Macaense através do Romance e do Cinema: Amor e Dedinhos de Pé, de Henrique de Senna Fernandes (1986), e a sua Adaptação Fílmica por Luís Filipe Rocha e Izaías Almada (1991)

Rogério Miguel Puga, CETAPS, FCSH, Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Em 1991 o Bildungsroman duplo Amor e Dedinhos de Pé (1986), do autor macaense Henrique de Senna Fernandes (1923-2010), foi adaptado ao cinema pelo realizador português Luís Filipe Rocha e pelo guionista Izaías Almada. Ao longo deste estudo analisaremos as estratégias narrativas que permitem ao narrador do romance e às personagens do filme carnavalizar e criticar a sociedade macaense do início do século XX, residente na cidadela cristã. Partindo do conceito bakhtiniano de carnavalização, estudaremos esse mesmo processo através de temáticas como a comunidade, a cultura e o ethos macaenses, a etnia e a formação dos jovens Francisco e Victorina no contexto (semi)colonial de Macau.

Sessão Plenária 4: Interculturalidade e Representações da Lusofonia nos Media

Dia: 06/07/2013	Hora: 10:45 – 12:45	Local: Auditório B1, CP2
------------------------	----------------------------	---------------------------------

O Luso-Tropicalismo que a Censura Veiculou

Cláudia Castelo, Instituto de Investigação Científica Tropical, Portugal

Numa genealogia da lusofonia, enquanto conceito político e ideológico, facilmente se detecta o luso-tropicalismo, ou melhor, uma “vulgata luso-tropicalista” (Léonard, 1997) construída durante e pelo Estado Novo.

Alhures (Castelo, [1996] 1998) analisei a construção do luso-tropicalismo no seio da obra de Gilberto Freyre; a sua recepção em Portugal entre 1933 e 1961; e o processo de apropriação e manipulação do luso-tropicalismo pelo

Estado Novo, no pós Segunda Guerra Mundial, para efeitos de política externa e mobilização interna, em torno da unidade da «nação pluricontinental e multirracial» portuguesa, face às crescentes pressões internacionais para a auto-determinação das colónias. Nesta comunicação proponho alargar o horizonte de análise ao período da guerra colonial, quando o regime autoritário português levou mais longe a instrumentalização do luso-tropicalismo. Além de permear o discurso político, a propaganda, a acção psicossocial, os conteúdos escolares, o luso-tropicalismo norteou as preocupações da censura aos textos sobre o ultramar nos anos 60 e até 1974, graças às diligências do Gabinete de Negócios Políticos do Ministério do Ultramar. Focarei a minha atenção nas normas e nas práticas dos serviços de censura, que longe de se limitarem a cortar informação também se preocuparam em formatar informação. Considero que o facto de a censura ter conscientemente veiculado uma mensagem luso-tropicalista é um dado ainda por explorar, mas que concorre para a compreensão da força e da perenidade da narrativa da excepionalidade da relação de Portugal com os trópicos, *maxime* com o Brasil e com África.

Memória e Nostalgia na recepção da Gabriela

Isabel Ferin Cunha, Universidade de Coimbra, Portugal

Esta comunicação tem como objetivo reflectir sobre as formas de recepção da Telenovela Gabriela (Rede Globo, 1977 e 2012) em Portugal por mulheres que visionaram a primeira versão e o remake. Com base em dados já recolhidos e em fase de análise especulamos sobre o papel da memória (ASSMANN, 1995), da nostalgia (PICKERING; KEIGHTLEY, 2006) e do género (CARTER; STEINER, 2004) nos processos de recepção mediática (RUDDOCK, 2007; NEIGER; MEYERS, 2011). Deste modo aprofundamos as relações que se estabelecem entre as diferentes memórias (cultural, geracional, quotidiana e de género) no momento de recuperar o passado e exploramos os modos de nostalgia que o presentismo salienta em confronto com a melancolia do passado e a ansiedade expectante do futuro. Em simultâneo e tendo em conta a variável de género na recepção, exploramos os caminhos que levam à construção da identidade feminina, à identificação das formas de exercício do poder patriarcal no quotidiano, bem como às manifestações de sexualidade.

Lusofonia e Cinema – do voyeurismo à re-significação simbólica

Maria Manuel Baptista, CECS, Universidade de Aveiro, Portugal

O presente trabalho procura partir das possibilidades abertas pela linguagem cinematográfica na construção das identidades das comunidades, nações ou comunidades de nações (cf. FRODON, Jean-Michel. *La Projection Nationale: Cinéma et Nation*, 1998).

Interessa-nos particularmente compreender o modo como o cinema português tratou durante o século XX (e pelo menos até à revolução do 25 de Abril de 1974) a imagem dos povos africanos de língua portuguesa, tornando exótico o ‘indígena’ e usando o cinema como modo de sobre ele projetar um olhar voyeur de europeu (muito à semelhança do também realizado na África francófona e anglófona).

Esta comunicação irá no sentido de compreender os processos de ‘projeção’ identitária implicados quer no cinema quer na construção da identidade colonial portuguesa, procurando, simultaneamente, lançar as bases de um possível uso do cinema contemporâneo lusófono na promoção de uma re-significação simbólica da Lusofonia.

TV Globo e as novas mídias lusofónicas: a deusa ferida ou ainda dominante?

Joseph Straubhaar, Universidade do Texas em Austin, EUA

Por muitos anos a TV Globo teve um papel dominante na construção mediática transnacional da lusofonia. As novas mídias de Blog, Facebook, descarga de música, etc. e as novas indústrias culturais de televisão em Portugal e de outros países lusófonos talvez tenham potencial para criar alternativas nas representações mediáticas da lusofonia. Mas algumas pesquisas apontam que muita atividade interativa na Web, Facebook, etc. giram em torno de grandes espetáculos mediáticas como as novelas de Globo. Esta pesquisa vai examinar estas tendências em termos de teorias atuais de globalização cultural e mediática.

Comunicação Social, Contextos Interculturais e Crioulização da Lusofonia nos Trópicos

Silvino Lopes Évora, Universidade Jean-Piaget de Cabo Verde, Universidade de Cabo Verde, Cabo Verde

Independente em 1975, ano da fundação da CEDEAO, Cabo Verde integrou essa organização em 1976. Devido às fragilidades do seu tecido económico sempre foi, ao longo dos tempos, um país voltado para a emigração, tendo nas remessas dos emigrantes um forte mecanismo de subsidiação do seu sistema económico. Porém, depois da abertura política (1990), conheceu um grande fluxo de emigrantes da costa africana orientados para o comércio ambulante. Os primeiros a chegarem foram os cidadãos de etnia “manjaco” da Guiné-Bissau. Fruto deste acaso, dá-se, então a “manjocalização” da comunidade africana em Cabo Verde. Muitos deles, que nem de Guiné-Bissau são, sentem-se ofendidos com a alcunha, sobretudo porque o seu uso tem subjacente um olhar que inferioriza a comunidade de “africanos de lá” em relação aos “africanos de cá”. Convém, realçar que alguns sectores da comunidade cabo-verdiana recusam o estatuto de “africano” para os cabo-verdianos, recuperando, de certa forma, a “diluição da África”, que vem desde os claridosos, com Baltazar Lopes como o seu expoente máximo. Esse debate coloca, de certa forma, os africanistas e os europeístas em contraposição. Diríamos, então, que é um combate travado entre a “reafricanização dos espíritos” e um “europeísmo órfão”.

Em todo esse fenómeno, vale a pena olhar onde tem estado a comunicação social cabo-verdiana, com quem tem estado e como se tem posicionado. Será que as alterações crioulísticas que tem vindo a registar-se nessa sociedade, de si crioulizada, tem um reflexo na comunicação social cabo-verdiana? Torna-se pertinente olhar para essa crioulidade que cada vez mais se criouliza através de encontros de cultura que se dão na internet, como também nos espaços urbanos.

Painéis

Painel 1 – Narrativas da Lusofonia e memória social: estudos comparativos

Dia: 04/07/2013	Hora: 11:45-13:15	Local: Auditório B1, CP2
------------------------	--------------------------	---------------------------------

Neste painel reportamos os resultados de diversos estudos empíricos realizados em países de língua oficial portuguesa no âmbito do projeto de investigação transdisciplinar “Narrativas identitárias e memória social: a (re)construção da lusofonia em contextos interculturais”, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (PTDC/CCI-COM/105100/2008). Começaremos por apresentar a abordagem conceptual e metodológica deste projeto, salientando os seus conceitos chave. Seguidamente serão reportados os principais resultados dos estudos comparativos realizados no Brasil, Moçambique e Portugal, destacando as convergências e divergências.

Narrativas identitárias e memória social: abordagem conceptual e metodológica

Rosa Cabecinhas, Moisés de Lemos Martins, Luís Cunha, Isabel Carvalhais, Albertino Gonçalves, Universidade do Minho, Portugal

Nesta comunicação apresentamos a abordagem conceptual e metodológica de um projeto de investigação transdisciplinar que visa examinar as narrativas identitárias e as representações da lusofonia no ciberespaço e na comunicação interpessoal quotidiana. A grande dispersão geográfica do espaço ‘lusófono’ tem dificultado a realização de estudos sistemáticos sobre a forma como esta ‘comunidade imaginada’ se define e é definida, tendo como ponto de ancoragem as diferentes comunidades nacionais que a compõem. Estudar os significados da ‘lusofonia’ afigura-se assim como uma oportunidade de dar voz a grupos tradicionalmente silenciados e discutir as representações sociais que enformam o quotidiano de pessoas que vivem neste espaço heterogéneo e as suas narrativas identitárias. São quatro os eixos metodológicos estruturantes do projeto: análise das narrativas identitárias no ciberespaço ‘lusófono’; análise das narrativas de pessoas com experiências migratórias usando

entrevistas autobiográficas; análise das negociações identitárias em contextos interculturais através da realização de grupos focais; e análise das redes sociais e das representações sociais da história através de inquéritos por questionário. Do ponto de vista conceptual, serão mobilizados conceitos e modelos conjugando os contributos de diferentes abordagens disciplinares, nomeadamente da antropologia, das ciências da comunicação, dos estudos culturais, da psicologia e da sociologia.

A Lusofonia também se constrói no ciberespaço: quando o virtual reforça o sentido do real

Lurdes Macedo, Moisés de Lemos Martins, Universidade do Minho, Portugal, Ouri Pota, Instituto Superior de Artes e Cultura, Moçambique, João Feijó, ISCTE, IUL, Portugal

A presente comunicação tem como objetivo apresentar os resultados da primeira etapa do projeto de investigação “Narrativas identitárias e memória social: a (re)construção da lusofonia em contextos interculturais”.

A partir da constatação de que os cibercidadãos lusófonos – que constituem a quinta comunidade linguística mais representativa no ciberespaço (Macedo, Martins & Macedo, 2010) - produzem conteúdos e estabelecem sociabilidades em torno dos laços que os atam e desatam à sua longa história comum, esta primeira etapa da investigação teve como propósito compreender como uma comunidade cultural espacialmente fragmentada e dispersa por todo o globo – a comunidade que fala, pensa e sente em português se entende e se reconfigura no espaço ilimitado da internet.

Para isso, foi concebido um eixo metodológico adaptado às especificidades de um ambiente virtual sobre o qual o nível de conhecimento produzido se encontra ainda longe de esgotar todas as suas potencialidades.

Assim, a primeira tarefa consistiu no mapeamento de sites e blogues não-institucionais em língua portuguesa cuja temática estivesse direta ou indiretamente relacionada com questões identitárias no espaço lusófono. Deste mapeamento resultaram a primeira cartografia parcial do ciberespaço lusófono, bem como a identificação de redes virtuais de sociabilidade estabelecidas a partir dos dispositivos mapeados.

Daqui se partiu para a realização de estudos de caso a quinze blogues produzidos a partir de três países de língua oficial portuguesa: cinco do Brasil,

cinco de Moçambique e cinco de Portugal. Interessava perceber com que objetivos tinham sido concebidos, que finalidades pretendiam alcançar, quem produzia os seus conteúdos, quem eram os seus públicos e, finalmente, quais as narrativas textuais e visuais que estes ofereciam ao ciberespaço de língua portuguesa. Destas narrativas emergiram representações de um passado colonial e de um presente independente que constituem interessantes pistas para a compreensão da complexa (re)construção da(s) identidade(s) lusófona(s) na atualidade.

Vidas refeitas à distância: migrações em espaços lusófonos

Luís Cunha, Isabel Macedo, Francine Oliveira, Rosa Cabecinhas, Universidade do Minho, Portugal

De um certo ponto de vista, nada distingue as migrações em espaço lusófono de quaisquer outras. O sentido dos fluxos migratórios, num mundo tão globalizado como aquele em que vivemos, obedece a múltiplas condições, mas entre elas não parece preponderar a identificação linguística e, presumivelmente, cultural. Neste sentido, a configuração do objeto de investigação que dará corpo a esta comunicação, não visou destacar uma eventual singularidade do fenómeno, mas antes dar conta de um feixe expressivo de tópicos narrativos que são convocados em torno destes fluxos migratórios concretos. À dispersão espacial destas migrações, que ligam quatro continentes, junta-se a espessura histórica, conferida pelas diferentes gerações de emigrantes cujos depoimentos pudemos recolher. Certamente que cada uma das entrevistas de longa duração que realizamos no âmbito deste projeto remete para uma história de vida, com os particularismos que lhe cabem e com a abertura que suscita para outras vidas, as que se cruzam na família ou as que ficaram na terra de onde se saiu e são presença constante apesar da distância. É possível, por outro lado, colocar em diálogo aquelas diferentes vidas e experiências, fazer de cada uma delas um ponto de vista para algo mais amplo, tecer, a partir de fragmentos, uma teia narrativa que dê conta do modo como se cruzam experiências concretas e representações da lusofonia, vetores que ora se reforçam mutuamente ora se negam um ao outro. Nesta comunicação procuraremos dar conta, justamente, de algumas das linhas de força que sustentam essas narrativas, olhando-as na relação que

tecem entre si e também no modo como através delas se imagina a lusofonia.

Auto e hetero representações em contexto migratório: negociações e (re)significações em espaços multiculturais

Lília Abadia, Rosa Cabecinhas, Michelly Carvalho, Isabel Macedo, Universidade do Minho, Portugal

A presente comunicação propõe discutir os aspetos identitários presentes na narrativa de jovens de países de língua oficial portuguesa, tendo como ponto de partida as suas experiências migratórias e/ou interculturais. Através da apresentação dos resultados dos grupos focais conduzidos no Brasil, em Portugal e em Moçambique, pretendemos analisar o processo de identificação e diferenciação que ocorre nas esferas informais de contato social, entre pessoas que partilham de uma experiência diaspórica e entre outras que não possuem tal experiência. Neste trabalho, as identidades sociais são entendidas como ferramentas que possibilitam a criação de laços, definindo os grupos de ‘pertença’ e os ‘outros’. Os processos envolvidos na criação destes ‘laços’, por sua vez, estão também em constante ‘negociação’ nas narrativas identitárias, uma vez que se sustentam na permanente resignificação da pluralidade simbólica que é utilizada, contestada e reconfigurada para dar forma às narrativas.

Os grupos de foco eram compostos por um número variado de participantes (entre 4 e 8), de ambos os sexos, e diversos países da Comunidade de Países de Língua Portuguesa. Foram debatidas as seguintes questões: i) as auto e hetero-representações (por exemplo, nacionais, étnicas, geracionais etc.), ii) as relações interpessoais estabelecidas em espaço intercultural, iii) o consumo cultural (alterações e continuidades) e iv) a auto-avaliação da experiência migratória.

Do ponto de vista metodológico, optamos pela análise narrativa e do discurso, mobilizando para isso abordagens multidisciplinares, nomeadamente das áreas das ciências da comunicação, dos estudos culturais, da psicologia, sociologia e linguística.

Painel 2 – **Celebridades Midiáticas: Exposição e Performance**

Dia: 04/07/2013	Hora: 14:30-16:00	Local: Auditório B1, CP2
------------------------	--------------------------	---------------------------------

No cenário da sociedade midiaticizada, alcançar a celebridade tornou-se um valor em si. Se antes a fama e a notoriedade de um personagem se relacionavam com a ocupação de posições sociais e com a qualidade de um desempenho, mais e mais elas se relacionam hoje com grau de exposição midiática e visibilidade. Nesse cenário, várias questões se colocam e se entrecruzam: a busca da celebridade; o culto aos famosos; os novos valores que projetam celebridades; o caráter descartável destas últimas, sua interseção com a dinâmica de classe e as relações de poder.

O que estão essas vozes a nos dizer? Performance e valores no “The Voice Brasil” e no “A Voz de Portugal”

Leonardo Gomes Pereira, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil,
Roberto Edson de Almeida, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil

O trabalho apresenta uma análise comparativa de dois programas televisivos, o brasileiro “The Voice Brasil” e o português “A Voz de Portugal”. Fundamentado por uma perspectiva que busca ler nos produtos midiáticos os significados que circulam e garantem certa coesão à vida social, o trabalho se situa entre dois grupos temáticos de interesse. De um lado, os estudos sobre os *reality shows*, fenômeno onnipresente no cenário midiático do século XXI e inserido em uma economia global de formatos e matrizes transnacionais e de versões necessariamente nacionalizadas. De outro, os também recentes estudos sobre as celebridades, que põem relevo ao crescimento do valor da visibilidade, segundo critérios e linguagens midiáticos, e do estatuto da celebridade na cultura contemporânea. Após dizer sucintamente da sua perspectiva fundante, o texto apresenta um panorama histórico dos *reality shows* no Brasil sob o viés de uma possível sensibilidade melodramática que, propomos, pode representar a estratégia de nacionalização brasileira aos formatos globais. Na sequência, e se aproximando dos objectos de nossa análise, tratamos dos *reality shows* de talentos naquilo em que eles deixam mais exposta a articulação entre esses formatos e a valorização do estatuto da

celebridade no cenário actual. Os *reality shows*, e mais explicitamente aqueles que tem como tema a construção de uma carreira mediática, são caracterizados tanto como caminho de acesso a tal estatuto, tanto como produtos que alimentam o desejo de ser celebridade. Por fim, apresentamos os resultados de nossa análise comparativa, atentos aos valores e traços identitários que as versões brasileira e portuguesa da matriz global “*The Voice*” parecem carregar, bem como aos valores acionados para avaliar a performance dos candidatos e para estes justificarem o interesse por participar dos programas. O que essas avaliações e justificativas nos revelam sobre o estatuto imaginário compartilhado do que é uma celebridade?

Questões de classe: “Mulheres ricas” e estamentos do espetáculo

Márcio Serelle, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil

Versão brasileira do *reality show* norte-americano *The real housewives*, *Mulheres ricas*, atualmente em sua segunda edição, possui forte marcador de classe, traduzido na celebração e na ostentação do luxo por um microcosmo da sociedade brasileira privilegiado economicamente. O programa, exibido em canal aberto, logo, visando público mais alargado, seduz, possivelmente, menos pela proposta de emulação que pela ironia, próxima ao cômico, quando extraída do comportamento das personagens, e próxima ao absurdo, ao expor, na relação com a vida imediata do espectador médio, a discrepância entre a realidade narrada no show e as condições da maioria da população brasileira. Este artigo objetiva, por meio da análise de episódios do programa da primeira e da segunda edições, colocar em relevo elementos da escritura desse *reality show* (da seleção e construção de personagens à urdidura de enredo e conflitos), com reflexão sobre seus valores imediatos e subjacentes de riqueza e sobre o modo como, na chave de Williams (1989), a suntuosidade de determinada elite econômica ali naturalizada pode servir à reflexão acerca de nossos contrastes e desigualdades. Para Paiva e Sodré (2004), as relações frívolas entre mídia e sujeitos de alegado poderio econômico, que caracterizaram, a partir dos anos 1950, historicamente o colunismo social brasileiro, deslocaram-se, na contemporaneidade, para os “estamentos do espetáculo”, na cultura midiática das celebridades. O programa *Mulheres ricas*

aproxima, no entanto, a nosso ver, esses dois momentos de nosso meio cultural, em que parte da burguesia nacional busca, tanto por meio da exibição dos signos mais identificáveis do luxo à europeia como pela participação em uma das narrativas centrais, hoje, da sociedade, a celebração – outro importante índice de “riqueza”.

As transformações na identidade do político brasileiro enquanto personagem do popular midiático

Pedro Pinto de Oliveira, Universidade Federal do Mato Grosso, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

O presente trabalho busca situar as transformações na identidade e performance do político brasileiro inscrito no cenário da midiatização da sociedade, analisando um novo fenômeno - a emergência de uma nova categoria de celebridade, o “comunicador-político”. Trata-se de um personagem híbrido que atua simultaneamente nos papéis sociais de comunicador e personalidade política. No percurso do texto, apresentamos uma breve panorâmica do surgimento da nova categoria de celebridade na cena midiática brasileira que desloca a identidade dos políticos no país, afeta a relação com o público e traz implicações para a democracia. Situamos a sua inserção no popular midiático das redes regionais e nacionais de televisão, em especial no comando de programas dos gêneros sensacionalistas e assistencialistas, e finalizamos com uma proposta de análise da performance de um desses personagens híbridos, apresentador de TV e político no exercício do seu mandato, a partir de um estudo de caso: o “comunicador-político” Everton Pop, apresentador de TV e vereador de Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso (Brasil).

Painel 3 – **Memória e narrativa: polissemia da imagem em mundos da lusofonia**

Dia: 05/07/2013	Hora: 9:00- 10:30	Local: Auditório B1, CP2
------------------------	--------------------------	---------------------------------

As possibilidades de reconstruir memórias e identidades nos chamados mundos da lusofonia dependem em grande parte do esforço contínuo em pesquisas minuciosas dos mais variados tipos de documentação e do cruzamento de diferentes interpretações interdisciplinares, de maneira a fazer emergir personagens e seus descendentes, quase sempre ausentes nesses cenários, em histórias de vidas anônimas que atravessaram mares, experimentaram e experimentam por terra adentro distâncias e desafios fabulosos. Entre outras, versões dos passados difundidas na Europa, África, Ásia e Américas podem ser dilatadas, ampliadas, e mesmo transformadas hoje com essas presenças, quando se exercita a revelação e (re) interpretação de vestígios, rastros de trajetórias culturais desses mundos em trânsito, que podem testemunhar vínculos que até hoje envolvem relações interculturais singulares entre partes desses continentes.

No caso deste painel, trataremos de cruzamentos históricos-culturais entre memória, imagem e identidade, em experiências de pesquisa, em que narrativas e linguagens áudio-visuais são percebidas como cultura e escopo teórico-metodológico na criação de conhecimento.

Trajetoórias e transgressões na inspiração da pena: narrativa literária e lusofonias

Luís Cunha, Universidade do Minho, Portugal

Talvez o que mais imediatamente nos ocorra quando pensamos a lusofonia a partir da literatura, seja a ideia de ambiguidade. Se a língua comum sugere aproximação e partilha, a multiplicidade de contextos – geográficos, históricos sociais e políticos – remete-nos para a especificidade de cada lugar onde a língua portuguesa se afirmou. Nada que espante: a arte, neste caso particular a literatura, pela liberdade criativa em que se funda, opera um equilíbrio dinâmico entre homogeneidade e fragmentação. Contribuem para esta relação dinâmica tanto o reconhecimento da estrutura narrativa (que pode ser mais ou menos canónica) quanto o nível de motivação suscitado pelo conteúdo do que

é narrado – lugares reconhecíveis ou exóticos, acontecimentos que confirmam ou negam o que o leitor sabe ou julga saber, etc. É também entre homogeneidade e fragmentação que a *lusofonia* se oferece à reflexão, critérios igualmente válidos quer se trate de pensar historicamente as relações entre os diferentes lugares onde se fala português, quer convoquemos uma matriz de análise marcadamente pós-colonial. Nesta comunicação centrar-nos-emos em obras literárias que obedecem a duas condições fundamentais. Por um lado, que tenham uma componente narrativa histórica e por outro que convoquem, direta ou indiretamente, mais que um espaço lusófono. Procuraremos, através do cruzamento destas obras, perceber, justamente, a dinâmica entre o que é comum e o que diverge, afinal, os complexos nós narrativos em que a lusofonia, simultaneamente, se imagina e se nega.

“Vou comprar o meu próprio país”: debates e reflexões em torno de narrativas identitárias de jovens descendentes de imigrantes

Isabel Macedo, Rosa Cabecinhas, CECS, Universidade do Minho, Portugal

Nesta comunicação olhamos o filme enquanto instrumento que permite a reflexão sobre as relações interculturais, profundamente intensificadas nas últimas décadas devido aos fluxos migratórios. As experiências de quem vive "dentro e entre culturas" (Bhabha, 1994) são hoje em dia um tema recorrente nos filmes produzidos em Portugal. Os documentários, em particular, pela apresentação de uma dada visão da realidade, podem contribuir para aumentar a nossa consciência para versões não-oficiais da verdade, dando voz àqueles que viveram experiências migratórias e aos seus descendentes. Mobilizando contribuições teóricas e metodológicas de diversas disciplinas, será apresentada nesta comunicação uma análise do documentário *Li Ké Terra* (2010), de Filipa Reis, João Miller Guerra e Nuno Baptista. Este filme conta-nos a história de Miguel e Ruben, dois jovens descendentes de imigrantes cabo-verdianos em Portugal. Através da análise das narrativas dos dois personagens, a nossa preocupação central foi examinar os contextos e os significados das mensagens produzidas. Procurou-se compreender como se identificam, as dificuldades que enfrentam no seu quotidiano e as suas perspetivas em relação ao futuro. Esta análise foi cruzada com os resultados de um estudo exploratório com jovens que frequentam o ensino secundário em

Portugal. Os alunos visualizaram o documentário analisado, seguindo-se uma discussão em grupo sobre o filme. As narrativas autobiográficas em formato audiovisual, através da divulgação de um conjunto de experiências e emoções daqueles que são vistos como imigrantes, embora tendo nascido em Portugal, podem gerar uma relação com o público e constituir um meio para a reformulação das representações sociais sobre essas populações, promovendo a entendimento mútuo e o diálogo intercultural.

Entre culturas, entre mundos lusófonos: os pomeranos no Brasil

José Walter Nunes, Universidade de Brasília, Brasil

Debato aqui algumas questões em torno da temática da narrativa fílmica no processo de compreensão e interpretação histórica, a partir de uma pesquisa em desenvolvimento em torno da chamada cultura pomerana no estado do Espírito Santo, cultura esta resultante dos fluxos migratórios germânicos para o Brasil, a partir de meados de 1850. No passado e no presente, tradição e transformação norteiam as tensões culturais vividas no cotidiano por esses grupos pomeranos nas suas relações entre si e com outras culturas que cruzaram o Atlântico antes e depois de sua chegada como a portuguesa e a africana e que hoje, todas, conformam a sociedade brasileira e mundos lusófonos. Nesse sentido, os relatos orais e as narrativas fílmicas levantadas até o momento colocam questões que dizem respeito à construção, desconstrução e reconstrução de projetos de memórias e identidades pomeranas que, pelas ambiguidades que expressam, apontam para histórias abertas de homens e mulheres, com destaque para estas últimas, pelo seu protagonismo nos anos mais recentes, revelador da sua busca por outros lugares e espaços sociais e culturais.

Narrativas televisivas e reconstrução identitária em Moçambique

Vicente Amone, Televisão de Moçambique, Moçambique, Rosa Cabecinhas, Universidade do Minho, Portugal

Esta comunicação tem como objectivo analisar a forma como a Televisão de Moçambique – Empresa Pública, através do programa "Ver Moçambique", contribui no processo de (re)construção da identidade moçambicana. Para tal, realizámos entrevistas exploratórias aos produtores do programa, neste caso,

jornalistas - editores do programa, directores da TVM e personalidades que estiveram ligadas ao processo da criação da empresa Televisão de Moçambique e do programa Ver Moçambique. Analisámos dois meses de emissões do programa Ver Moçambique e, por último, entrevistámos receptores do programa, no distrito de Magude, como forma de averiguar até que ponto o referido programa assume um papel como vínculo identitário.

Painel 4 – Produtos mediáticos e conformações identitárias

Dia: 05/07/2013	Hora: 10:45 – 12:15	Local: Auditório B1, CP2
------------------------	----------------------------	---------------------------------

Este painel aborda a relação identidade e formas culturais a partir de diferentes experiências e produtos midiáticos – tais como minisséries e telenovelas, filmes documentários, debates públicos através das redes sociais. A ênfase ora recai nas produtos, ora recai nos públicos. O viés comum a ser debatido é a imbricação entre as formas culturais e a construção do lugar de sujeito, sendo as práticas comunicativas constituídas e constituintes das identidades sociais.

Identities e regionalização nas minisséries brasileiras

Felipe Muanis, Federal Fluminense, Brasil

Minisséries de televisão no Brasil tendem a ser espaços mais abertos à experimentação. Ainda assim, tanto sua produção quanto suas temáticas focam preferencialmente no sudeste e nos espaços urbanos, expondo um lado conservador, do ponto de vista da pluralidade de identidades e regionalização real de seus produtos. Quando trabalham outras regiões do país e a periferia, mesmo das cidades do sudeste, costumam ser uma apropriação do que entendem por esses espaços, muitas vezes sem abrir de fato um canal de diálogo entre o interior e o sudeste rico e urbanizado. A raiz desse problema é a dificuldade em regionalizar a produção, algo que é essencial para pensar uma televisão de qualidade no Brasil. Nesse sentido, existem minisséries bastante ricas para essa discussão, como *Natália*, uma minissérie que mostra uma menina evangélica e negra da periferia do Rio que vira modelo, exibida na TV Brasil e realizado por uma produtora independente; *A Pedra do Reino*,

produzida pela Rede Globo e dirigida por Luiz Fernando Carvalho mas realizada na Paraíba com elenco e mão de obra local. Como contra-ponto pode-se citar *O Canto da Sereia*, série que se passa na Bahia, com o tradicional elenco da região sudeste interpretando personagens nordestinos. A partir das singularidades dessas minisséries, pretende-se discutir nessa apresentação, como pano de fundo, a necessidade de se regionalizar a produção de minisséries brasileiras, para que haja uma reconstituição identitária real, que reflita a pluralidade brasileira e não apenas a da região sudeste, e seja possível uma produção e recepção "polilateral" e não unilateral. A discussão de fundo é de como o regional e o periférico são abordados nas minisséries que são feitas no sudeste, em contraponto com uma necessidade real de produções feitas em todo o país, serem vistas em todas suas regiões.

Pontos de escuta em documentários transterritoriais

Leonardo Vidigal, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

A presente comunicação dá continuidade para a pesquisa realizada sobre as formas de apropriação da música popular, notadamente o reggae, em documentários realizados para o cinema e a televisão. Em outros textos (Vidigal 2007, 2008) foi possível analisar como ocorreu, em filmes e vídeos realizados nos anos 1970 sobre este gênero musical, a constituição de um conceito musical de Jamaica que fundiu o território da ilha caribenha com o reggae, estabelecendo um padrão para a sua apropriação audiovisual posterior. Também foi possível observar como a mídia brasileira algumas vezes se reapropriou de tal conceito para elaborar outras relações entre música e território, inserindo no debate sistemas culturais localizados no Brasil, como o estado do Maranhão, ao usar a música pós-sincronizada para contrapor o discurso musical propriamente dito ao discurso sobre a música (Vidigal, 2010). Tal análise pode ser combinada a outra, onde se constata como os filmes documentais constroem uma alta expectativa de veracidade ao procurar fazer coincidir o ponto de vista e ponto de escuta experienciados pelo espectador-ouvinte (Vidigal, 2012).

Dub Echoes é um filme de grande interesse para avançar esse debate e se discutir como documentários transterritoriais reelaboram tais questões. Trata-

se de um filme realizado pelos brasileiros Bruno Natal e Chico Dub no Brasil e em outros quatro países diferentes, com produtores musicais de dub, versão instrumental e remixada do reggae. Baseado em entrevistas e tomando um gênero musical mundializado como objeto de discussão, o filme faz com que os realizadores, entrevistados e espectadores partilhem um ponto de vista e de escuta comum e homogêneo. Nesse sentido, o perímetro de ação do documentário é mais amplo, pois a noção de transculturalidade e transterritorialidade do reggae e do dub fundamentam o filme. O artigo examina como o filme oferece um contradiscurso que procura transcender o paradigma da fusão e da ligação causal entre música e território. A premissa é que filmes documentais ou ficcionais são condicionados pelo contexto cultural enquanto atuam sobre ele.

O debate em torno da união homoafetiva no Brasil: conformação de redes de solidariedade na Web

Márcia Maria da Cruz, Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade Promove, Brasil

O artigo pretende analisar como ao longo de discussões em ambientes digitais, as manifestações de usuários podem contribuir para o delineamento de identidades coletivas. Pretendemos verificar como a dimensão discursiva do processo de construção do “nós” e “eles” (Melucci, 1996) permite a identificação de valores culturais e políticos que demarcam posições dos sujeitos para além do tema em debate. O conceito de identidade aqui apresentado se ancora nas reflexões de Melucci e Mead, uma vez que é de nosso interesse a dimensão relacional na construção dos *selves*. Partimos da ideia que, em ambientes dialógicos na Web, é possível encontrar redes de solidariedade conformadas pela adesão a certos argumentos e posições, que viabilizam novas formas de ativismo coletivo. Essa construção ocorre no espaço de ação e construção simbólica empreendidas por grupos sociais e pessoas nem sempre vinculados a movimentos sociais que atuam presencialmente. O tema em tela é decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) sobre a constitucionalidade no Brasil da união estável de pessoas do mesmo sexo, ocorrida em 05 de maio de 2011. A análise qualitativa foi realizada a partir de comentários sobre a decisão judicial em notícias publicadas na Web

entre abril e junho de 2011. A partir dessa discussão, identificamos operadores que nos auxiliaram na identificação de fragmentos identitários dispersos, mas que podem apontar para mudanças na forma de articulação dos movimentos sociais. Na primeira parte do artigo, discutimos o conceito de identidade coletiva, tendo como foco a dimensão relacional. Em seguida, apresentamos uma breve discussão sobre o ativismo online, de forma a demonstrar que a Web se tornou uma arena estratégica para a ação coletiva, e por fim, a partir da análise dos comentários das notícias, retiramos categorias que possam nos ajudar a olhar para outros debates que ocorrem na rede.

Interseções e descontinuidades entre duas experiências de comunicação intercultural: a expansão portuguesa e a lusofonia

Lurdes Macedo, Centro de Estudos Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, Portugal

Partindo da ideia postulada por vários autores (e.g. Wieviorka, 2002; Warnier, 2003; Canclini, 2007) de que a diversidade de culturas se constitui como uma das questões fundamentais para a compreensão dos grandes episódios que englobaram o mundo, esta comunicação pretende refletir sobre as interseções e as descontinuidades entre duas experiências de comunicação intercultural: a expansão portuguesa e a lusofonia. Estas duas experiências, ao cruzar o presente independente daqueles que falam, pensam e sentem em língua portuguesa com o passado colonial que os conduziu ao encontro das suas culturas, dão muitas vezes forma a representações simplificadoras que resultam em tensões e equívocos de difícil resolução. Daí a necessidade de investigar as interseções entre a expansão portuguesa e a lusofonia de modo a inquirir as suas raízes profundas. Situadas nos dois momentos históricos mais marcantes da narrativa evolutiva da globalização, as duas experiências de interculturalidade apresentam, porém, descontinuidades que emergem da análise de cada um dos contextos em que estas produzem o seu sentido: o da ordem mundial imposta pela Europa na passagem dos séculos XV - XVI e o do sistema global imposto pelos Estados Unidos na viragem dos séculos XX - XXI. A expansão portuguesa, ao fundar um movimento de conquista que europeizou, com diferentes graus de intensidade, as culturas singulares do resto do planeta, inscreveu-se numa lógica de dominação. Por seu lado, a

lusofonia, ao integrar um movimento de reinvenção de culturas, afirmando precisamente as suas particularidades face à atual americanização, apresenta-se sob a tónica da resistência. Conclui-se que a lusofonia é, ao mesmo tempo, herdeira do colonialismo e prova inequívoca da sua caducidade enquanto paradigma de organização do mundo.

Painel 5 – (In)Formação, Diversidade e Cidadania: projetos de intervenção

Dia: 05/07/2013	Hora: 14:00 – 15:30	Local: Auditório B1, CP2
------------------------	----------------------------	---------------------------------

Este painel visa colocar em diálogo três organizações da sociedade civil que trabalham numa perspetiva de integração da população migrante, de diversidade cultural e de (in)formação para a cidadania e um organismo governamental que tem como papel preponderante operar no campo da comunicação social, garantindo o pluralismo e a diversidade.

Embora com posicionamentos bem demarcados, as diversas organizações apresentam um longo trabalho no terreno em prol dos direitos humanos, pela consciencialização da sociedade para uma visão mais justa e inclusiva e que tenha em consideração as especificidades de cada pessoa e de cada grupo social. São vários os projetos de intervenção implementados, quer em Portugal, quer noutros países lusófonos, sendo que aquilo que as une passa pela reflexão teórica que têm procurado desenvolver, apoiada sempre no trabalho de campo. Da parte das organizações, a aposta na educação e na sensibilização de públicos como os jornalistas e a própria comunidade onde se inserem têm sido estratégias prioritárias de intervenção. Do lado do organismo governamental, a tónica centra-se na cooperação com os países lusófonos em matéria de comunicação social, promovendo a língua portuguesa.

A missão da Cruz Vermelha no trabalho com imigrantes

Sónia Rodrigues, CLAII Braga, Portugal

O CLAII de Braga encontra-se integrado na Rede de Centros Locais de Apoio à Integração de Imigrantes, constituída por cerca de noventa gabinetes de

atendimento, distribuídos por todo o país. A missão dos CLAI, que prestam um serviço gratuito e confidencial, tem como base o acolhimento e atendimento de imigrantes, a articulação com instituições locais e a promoção da interculturalidade.

No que respeita ao trabalho desenvolvido em Braga, encontra inspiração nos princípios da Cruz Vermelha, na medida em que é esta instituição que acolhe o CLAI, através de protocolo de cooperação estabelecido com o Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural. Neste sentido, as respostas desta valência enquadram-se numa perspetiva de atuação humanitária e solidária de apoio efetivo visando a defesa da dignidade humana, independentemente de aspetos como a origem ou crença religiosa de imigrantes que procuram o apoio desta instituição, tendo por base o respeito pela diversidade.

Para o desenvolvimento de um trabalho voltado para responder às necessidades da população imigrante, tornou-se fundamental a definição de objetivos operacionais que passam por:

- Informar, aconselhar, encaminhar e acompanhar o imigrante face aos assuntos apresentados;
- Facilitar o acesso do imigrante aos recursos da comunidade;
- Dinamizar o associativismo;
- Promover a participação ativa do imigrante no seu processo de integração;
- Fomentar a relação quotidiana entre os povos que escolheram Braga enquanto comunidade de acolhimento, tendo o CLAI a missão de estabelecer Pontes.

Importante será também referir a importância do estabelecimento de parcerias com as estruturas locais, apostando num processo multivectorial no acolhimento e integração de imigrantes. Estas parcerias permitem, não apenas responder a necessidades (saúde, educação, habitação, justiça, apoio social, etc.) sentidas pelo público-alvo, mas também facilitar a sensibilização de profissionais de diferentes instituições relativamente às questões migratórias, cada vez mais presentes na comunidade.

Promover os Direitos Humanos e a Cidadania

Margarida Vilarinho, Civitas Braga, Portugal

A Civitas Braga considera que a Causa dos Direitos Humanos é uma luta muito profunda, permanente e muito difícil. É nessa luta que se inscreve, tendo a causa dos Direitos Humanos como prioridade, criando atividades que se orientem para a sua prossecução. Neste sentido, a Civitas Braga orienta a sua ação para o desenvolvimento de um trabalho de rede, aproveitando recursos e aumentando sinergias. Nesta visão do caminho a seguir, tem trabalhado em parceria com várias instituições ligadas ao domínio da cultura e da educação.

Entre os projetos realizados destacamos a Marcha pelos Direitos Humanos, que se realiza, anualmente, na Semana da Europa. Estamos num tempo de Globalização, e, simultaneamente, em tempo de crise mundial, económica, financeira e de valores: Nesta encruzilhada, os Direitos Humanos constituem-se como referenciais ontológicos, justificando-se por si mesmos, constructos da coesão social. São o denominador comum que une, faz e justifica a razão mais profunda da existência da Comunidade. Nós e os Outros, somos um todo, não podemos viver doutra maneira, sem esta relação de alteridade.

E, como se faz cidadania, como se desenvolve, como cresce o direito e o dever cívico, em cada um dos seres humanos? Consideramos que é pela aprendizagem nos seus diferentes níveis. A formação cívica na escola é um espaço privilegiado, daí, a nossa insistência em lançar este desafio dos Direitos Humanos, às escolas, alertando para a necessidade de uma exploração forte nesta temática, para que todos ganhem competências cívicas. A Marcha Pelos Direitos Humanos é um momento de maior visibilidade: os mais jovens, em escolarização, mostram à cidade o seu empenhamento, os seus esforços, os seus trabalhos, particularmente, os que se desenham sobre as Cartas Fundamentais de Direitos Humanos. A Cidade, com as suas instituições, acompanham os seus jovens e incorporam-se na Marcha, num espírito de solidariedade, de partilha e de compromisso.

Direitos e desenvolvimento

Liliana Azevedo, ACEP, Portugal

O direito de participação tornaram-se um chavão do Desenvolvimento, no entanto é difícil vê-los concretizar-se no quotidiano das crianças e jovens e muito resta ainda por fazer para que saltem do discurso para a prática. A ACEP é a entidade coordenadora do projecto “Meninos de Rua: Inclusão e Inserção” que começou por juntar organizações de três países de língua oficial portuguesa da Costa Ocidental de África –Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Angola, tendo-se juntado depois outras três organizações, de horizontes tão distantes e distintos como Cabo Verde, Moçambique e Timor-Leste. Intervindo em contextos diferentes, com culturas e abordagens diferentes, todas trabalham em prol dos direitos das crianças e apoiam, em regime aberto, semi-aberto ou fechado, crianças e jovens em situação de vulnerabilidade socioeconómica (crianças órfãs, crianças de/na rua, em conflito com a lei, entre outras). O objectivo era reforçar a sua auto-estima, dando-lhes voz e criando oportunidades para se expressarem e serem ouvidos. Começámos por recolher experiências de outros, nomeadamente no Brasil, para depois testar metodologias de inserção social participativas e inovadoras, recorrendo a abordagens artísticas (desenho, pintura, fotografia, teatro), adaptadas localmente a cada contexto. Deste processo resultou a publicação de dois livros intitulados “Vozes de Nós”, com histórias de vida de crianças e jovens ilustradas pelos próprios que, para além de serem co-autores, têm também participado na sua divulgação junto de professores, animadores, responsáveis políticos, etc., fazendo ouvir a sua voz em espaços que não lhes estariam acessíveis de outra forma, e um blogue (www.vozes-de-nos.blogspot.pt), diário de bordo desta rede em permanente (re)construção que abarca múltiplas geografias.

O programa dos media da UE em Timor-Leste

Sérgio Gomes da Silva, Gabinete para os Meios de Comunicação Social, Portugal

O Gabinete para os Meios de Comunicação Social (GMCS) é um serviço central da administração direta do Estado que tem por missão apoiar o Governo na conceção, execução e avaliação das políticas públicas para a comunicação

social, procurando a qualificação do sector e dos novos serviços de comunicação social, tendo em vista a salvaguarda da liberdade de expressão e dos demais direitos fundamentais, bem como do pluralismo e da diversidade. Assim, visa a cooperação com os países lusófonos em matéria de comunicação social, pois este é um dos instrumentos mais presentes e eficazes do Estado Português para promoção da língua portuguesa. Nesta comunicação aludimos ao projeto de cooperação do domínio da comunicação social com Timor-Leste, o qual reconhece a importância da Língua Portuguesa para a consolidação da sua identidade nacional, integração no espaço lusófono e inserção no mundo globalizado. Estas foram, aliás, algumas das razões que conduziram à adoção da Língua Portuguesa como uma das línguas oficiais do país. Contudo, o conhecimento e fluência na língua por parte da população em geral tem que aumentar de forma a que estes objetivos se possam cumprir.

O Programa de Comunicação Social da U.E. em Timor-Leste tem procurado contribuir ativamente para uma melhoria dos conhecimentos de Língua Portuguesa dos profissionais e estudantes de comunicação social, o que afetará indiretamente a restante população timorense. O GMCS, em colaboração com o Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, I.P., encontra-se a executar, em Timor Leste, o “Programa dos Media da União Europeia em Timor-Leste – Cooperação Delegada pela UE em Portugal”, uma iniciativa que visa contribuir para o fortalecimento das bases democráticas timorenses, apoiando na elaboração do quadro legal da comunicação social; na preparação de mecanismos de autorregulação; na qualificação do desempenho de profissionais do campo jornalístico, no conhecimento dos públicos e na consolidação da memória coletiva e da identidade cultural do povo timorense.

Painel 6 – Blogar a Lusofonia

Dia: 05/7/2013	Hora: 15:45 -17:15	Local: Auditório B1, CP2
-----------------------	---------------------------	---------------------------------

O painel de bloguistas lusófonos apresenta-se nesta conferência como um dos resultados concretos da primeira etapa do projeto de investigação “Narrativas identitárias e memória social: a (re)construção da lusofonia em contextos interculturais”.

A partir da constatação de que os cibernautas lusófonos constituem a quinta comunidade linguística mais representativa na internet (Macedo, Martins & Macedo, 2010), esta etapa da investigação previa a realização de uma cartografia do ciberespaço de língua portuguesa e a realização de estudos de caso em torno de dispositivos de comunicação online que tivessem na lusofonia um dos seus temas privilegiados. Após a seleção de quinze blogues e sites produzidos a partir do Brasil, de Moçambique e de Portugal (cinco de cada país), partiu-se para o seu estudo aprofundado de modo a compreender com que objetivos tinham sido concebidos, que finalidades pretendiam alcançar, quem produzia os seus conteúdos, quem eram os seus públicos e, finalmente, quais as narrativas textuais e visuais que estes ofereciam ao ciberespaço de língua portuguesa.

Assim, o painel de bloguistas lusófonos, para além de apresentar resultados gerais dos estudos de caso realizados, visa criar um espaço de encontro e de debate entre alguns dos autores que colaboraram nesta etapa da investigação. Representando a diversidade de discursos e de elementos de cultura enfatizados na blogosfera lusófona, estarão representados, através dos seus principais autores, os blogues Alto Hama, Etnias e Outro Portugal (Portugal), Mãos de Moçambique (Moçambique) e Cultura Brasil/Portugal (Brasil). Espera-se, com este painel, reproduzir no espaço real da conferência a vivacidade com que a comunidade lusófona se reinventa no ciberespaço.

A experiência de blogar a lusofonia no Alto Hama

Orlando Castro, autor do Blogue Alto Hama

A experiência de blogar a lusofonia no Etnias

Max Coutinho, autora do Blogue Etnias: O bisturi da sociedade

Quando o tema é a lusofonia: Auto e heteroanálise de contributos na blogosfera moçambicana

Ouri Pota, autor do Blogue Mãos de Moçambique

Blogando a Lusofonia no ‘Cultura Brasil-Portugal’

Edna Quadros, autora do Blogue Cultura Brasil-Portugal

Painel 7 – **Imagens e representações no terreno da mídia impressa**

Dia: 06/07/2013	Hora: 9:00- 10:30	Local: Auditório B1, CP2
------------------------	--------------------------	---------------------------------

Ao jogar seus focos sobre as representações visuais componentes dos discursos jornalísticos e publicitários na mídia impressa, os trabalhos deste painel buscam refletir sobre as construções identitárias em jornais e revistas. Na Publicidade, os autores analisam a antecipação ou o questionamento de valores e modelos de comportamentos, recortando anúncios na maior *newsmagazine* brasileira. Na imprensa, um primeiro trabalho se volta para o fotojornalismo, propondo discutir os elementos visuais que subsidiam certa identidade “criminosa” atribuída aos personagens em situações de violência urbana no Brasil; um segundo artigo foca a representação imagética do futebol em capas de jornais de Portugal e do Brasil, importante ponto comum nos media desses dois países; e um terceiro trabalho faz um *flash back* nos anos 1840, em busca de traços significativos nas relações de dependência e diferença entre Portugal e Brasil nas páginas de duas “gazetas”, uma portuguesa e outra brasileira.

O discurso publicitário em veículos impressos: representações da paternidade e da maternidade nos anos 1982 e 2012 na revista Veja

André Melo Mendes, Laura Guimarães Corrêa, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Na contemporaneidade, a mídia impressa ainda possui uma grande influência na sociedade brasileira. As revistas semanais e os jornais se sobressaem devido a sua elevada tiragem e circulação, atingindo milhões de leitores e leitoras, todas as semanas. Dentre as instâncias produtoras de discurso num veículo impresso, destaca-se o discurso publicitário que ajuda a ordenar, antecipar (ou questionar) valores e modelos de comportamento. Na mídia brasileira, durante o período das datas comemorativas (Dia dos Pais, Dia das Mães, Dia dos Namorados, Dia das Crianças e Natal), especialmente na semana que antecede a sua comemoração, há um grande investimento na produção e veiculação de peças publicitárias, gerando discursos que tematizam e definem instituições como maternidade, família e paternidade, amizade, etc. Partindo do pressuposto de que existe uma negociação de representações entre os

leitores/as e os textos midiáticos, entendemos que a análise da publicidade de homenagem veiculada na revista *Veja*, a revista com a maior circulação no país, nos permite detectar traços importantes que auxiliam na compreensão de nossa cultura, nossa mídia e os processos de negociação que ocorrem entre essas duas instâncias. O objetivo dessa comunicação é refletir sobre os discursos veiculados pela revista *Veja* na semana que antecede o Dia das Mães e o Dia dos Pais no ano de 2012, comparando com a publicidade impressa referidas ao mesmo tema, na mesma revista, vinte anos antes (1982). Dentre essas datas especiais foram selecionadas o Dia dos Pais e o Dia das Mães porque consideramos que a análise e reflexão sobre a produção de sentido a respeito dos conceitos de paternidade e maternidade são relevantes para a construção dos sujeitos sociais e permitem uma rica discussão sobre identidade e consumo.

Identities precárias e narrativas do crime: a propósito do fotojornalismo brasileiro

Angie Gomes Biondi, Paulo Bernardo Ferreira Vaz, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

As fotografias trazidas pela grande imprensa assumem papel importante nos modos de perceber as realidades do mundo e da vida cotidiana. Contudo, há tempos sua tarefa não se resume ao mero registro de fatos, mas configura um campo complexo de visibilidade no qual atuam diversos pactos de acessos e lugares entre corpos e falas. O propósito deste texto é discutir quais elementos visuais subsidiam certa identidade “criminoso” atribuída aos personagens em situações de violência urbana brasileira e que tem atravessado o fotojornalismo. Quanto mais pautada na exibição de instantâneos e flagrantes da violência nas grandes cidades, mais a fotografia consolida um conjunto de afetos e crenças que constitui o criminoso brasileiro. Como a imagem opera estas relações? Qual o alcance deste arranjo narrativo nos modos de uma experiência mediada do crime ou de criminosos? O valor de exibição a que as imagens recorre é sempre problemático do ponto de vista de sua apreensão enquanto escritura de si e do outro. Tal dinâmica de ver e ser visto pode ser entendida na base do que Giorgio Agamben (2002) indica sobre o limite cada vez mais tênue entre a vida qualificada (*bios politikos*), que merece ser vivida e

resguardada e a outra qualquer, a mera vida nua (zoe), despossuída e exposta na sua condição precária. O fotojornalismo se oferece como um destes campos de partilha dos lugares de vida e morte, que dizem da codificação das relações de poder através das identidades e dos afetos. O trabalho de análise utiliza o maior prêmio de fotojornalismo concedido no país, o Esso de Jornalismo, com seleção de exemplares ao longo das décadas de 1980, 1990 e 2000.

A imagem do futebol nas capas do tablóide brasileiro Super Notícia e do português Jornal de Notícias

Rodrigo Portari, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

A presente proposta parte de um ponto em comum entre Brasil e Portugal: o futebol é o esporte mais popular em ambos os países e, portanto, sua presença se dá de maneira certa na capa dos jornais desses dois países. No Brasil, pesquisas do IBOPE apontam que 95% da população acompanha o noticiário futebolístico, enquanto que em Portugal, pesquisa divulgada por Albertino Gonçalves (2009), 47,6% da classe trabalhadora se interessa por esta modalidade. Seja no jornal brasileiro Super Notícia – líder de tiragem diária no país com cerca de 300 mil exemplares – ou no lusitano Jornal de Notícias, diariamente a capa tem um espaço garantido para notícias envolvendo o esporte. Dessa maneira, o estudo propõe examinar a linguagem utilizada pelas duas publicações no noticiário esportivo de suas capas, considerando ser a capa dos jornais *“um processo de produção de significação, de estruturação de sentido”* (ANTUNES; VAZ, 2011, p. 47). Partindo dessa premissa, articulamos a representação imagética do futebol nas capas das duas publicações com o sistema totêmico e arquetípico propostos por Sigmund Freud e Lacan, respectivamente, observando na publicação brasileira a predominância de “totens” no noticiário futebolístico enquanto os arquétipos são encontrados com maior frequência no Jornal de Notícias. A partir dessa observação, teceremos análises comparativas entre a linguagem das duas publicações articulando-as com o contexto de circulação dessas capas.

A seriedade do cômico: a Gazeta dos Tribunaes em Lisboa (1841) e no Rio de Janeiro (1843)

Bruno Guimarães Martins, Universidade Federal de Minas Gerais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil

Com o objetivo de revelar traços significativos nas relações de dependência e diferença entre Portugal e Brasil, o presente artigo analisa a publicação de dois periódicos homônimos publicados em Lisboa, *Gazeta dos Tribunaes* (1841) e no Rio de Janeiro, *Gazeta dos Tribunaes* (1843). Ambos periódicos, criados por associações de advogado, são pioneiros e significativos para compreender o papel da imprensa no processo de autonomização de um sistema jurídico. Sem deixar de tecer relações com publicações similares no contexto europeu, como o periódico francês *Gazette des Tribunaux* (1786), parte-se da suposição de que a imprensa, além de possibilitar um ordenamento específico para o sistema jurídico, participa e colabora para sua própria constituição. Nesse sentido será analisado a importância do periódico especializado. Se há uma certa coincidência na situação “marginal” de Portugal e Brasil, o surpreendente efeito cômico encontrado na Gazeta brasileira surge como traço distintivo.

Painel 8 – O acontecimento midiático: leituras locais

Dia: 05/07/2013	Hora: 9:00 - 10:30	Local: Anfiteatro 2101, CP2
------------------------	---------------------------	------------------------------------

O poder hermenêutico do acontecimento aparece em sua capacidade de iluminar, apontando para suas próprias causas ao mesmo tempo em que desvela construções discursivas criadas na tentativa de explicá-lo. Trata-se de um “acontecer” que revela, traz visibilidade, explica a realidade em que acontece. Em suas ondas de afetação, ele persiste em um constante dar a ver que é capaz de expor os enquadramentos midiáticos e afetar a experiência para além das molduras impostas pelo discurso. Aqui, acontecimentos distintos que tem mobilizado os brasileiros são os pontos de partida para se discutir esta sua natureza capaz de retirar o véu, explicando o contexto social em que se insere e as ferramentas midiáticas que o representam. Em um primeiro trabalho, a causa dos índios Guarani e Kaiowá surge como o quase-acontecimento que faz ver a lógica do sacrifício. Depois, a Aids aparece de

forma paradigmática, deslocando discursos em constante resignificação. No terceiro trabalho, a cobertura midiática do assassinato de uma criança é analisado a partir da semiótica tensiva em busca de se perceber sua força de perpetuação. Por fim, a eleição da presidenta do Brasil Dilma Rousseff tem sua recepção pública percebida através de periódicos jornalísticos brasileiros e portugueses. É esta força de afetação para além do tempo e das fronteiras territoriais que faz com que determinados acontecimentos persistam na experiência, resistindo em formas de representações com capacidade de se inserir em uma memória socialmente compartilhada ao mesmo tempo em que lançam luz ao presente em que se realizam.

Sacrifício e Quase Acontecimento: Apontamentos sobre a Visibilidade da Causa Guarani e Kaiowá

Luciana de Oliveira, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

A luta Guarani e Kaiowá pela terra é antiga e congrega todo um movimento de resistência política incrustado nas sombras da história brasileira. Recentemente, na segunda metade do ano de 2012, assistimos às principais reivindicações dessa luta alcançarem expressiva visibilidade nos media nacionais e internacionais *pari passu* de grande mobilização nas redes sociais, espaços públicos e em diversos fóruns especializados ou não. A partir de uma carta da comunidade de Pyellito Kue (Iguatemi – Mato Grosso do Sul) que assinalava a possibilidade da comunidade lutar em seu território até a morte caso se concretizasse uma ação de despejo contra ela, houve uma reação vigorosa da opinião pública. Vê-se nesse acontecimento, ou como tentarei demonstrar, a partir desse quase acontecimento, o apelo que lógicas sacrificiais têm na cultura contemporânea. O quase acontecimento é o acontecimento cuja existência é exclusivamente narrativa. Mas quase acontecer não é um não acontecer, é um modo de acontecer. Nas sociedades ameríndias, o melhor exemplo de afetação causado pelo quase acontecimento é o pânico da morte no encontro com os espíritos na floresta que podem distrair e atrair os vivos para o mundo sobrenatural. Tal experiência, nas sociedades complexas, aproxima-se do encontro com o Estado, alteridade absoluta para nós, que, por força de sua ordem impessoal, realiza a “desposseção subjetiva”. Sobre a lógica do sacrifício, é preciso relevar dois

aspectos: 1) sua importância na formação da cultura ocidental como acontecimento fundador; 2) o fato de que é ato comunicativo que ativa a relação entre os mundos sagrado e profano. Esse artigo tem como objetivo, a partir dos entrecruzamentos entre o conceito de quase acontecimento e a lógica do sacrifício, analisar a configuração dos mecanismos acionadores de um debate público, tendo como referência empírica o caso da visibilidade conquistada pela luta política dos Guarani e Kaiowá.

Acontecimento e poder de afetação: A Aids e repercussões sobre a vida social e coberturas jornalísticas

Carlos Alberto de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

O poder de afetação dos acontecimentos, como indicam alguns autores (QUÉRÉ, 2005), não se aparta do seu caráter hermenêutico, da sua capacidade de lançar luzes sobre si mesmos, como também sobre as dinâmicas do mundo no qual “eclodem”, trazendo à tona questões do passado e perspectivas para o futuro. Lançados ao mundo, os acontecimentos se inscrevem ainda na dialética agir-sofrer (RICOEUR, 1994; 1995; 1997), pois ao mesmo tempo em que atuam sobre as pessoas, promovendo deslocamentos de seu estar nos mundos natural e social, também têm seu curso alterado, inclusive pelas mesmas pessoas que o padeceram. Nessa dinâmica novas narrativas individuais são tecidas, assim como os acontecimentos são enredados em tramas causais, em disputas de sentido sobre, afinal, quais são os seus significados. Nessa perspectiva, acontecimentos podem ser reivindicados ou recusados como concernentes a esferas pessoais, institucionais ou outras, prestando-se a jogos de poder e outras dinâmicas da vida social. Ao fim, parece certo que alguns acontecimentos, especialmente aqueles de grande impacto, jamais deixam de estar em curso, sendo permanentemente resignificados. Tomamos a Aids, desde sua aparição pública, no início dos anos 1980, como acontecimento paradigmático das condições que acima listamos sobre os acontecimentos. Do seu surgimento aos dias atuais a Aids tem deslocado verdades médicas e científicas, desafiado a capacidade de “cura” para algumas doenças, lançado problemas sobre preconceitos sociais diversos, especialmente aqueles ligados às relações de

gênero, e mais particularmente à homofobia (CARVALHO, 2009; 2012; CARVALHO & LEAL, 2012), além de produzir uma série de “microacontecimentos” que gravitam em torno das diversas problemáticas por ela suscitadas. Nossa proposta é discutir a Aids como acontecimento disruptor, em duas dimensões: sobre as relações sociais e sobre as coberturas jornalísticas que dela têm sido feitas.

Habemus Papam: Instituição, acontecimento e performance na formação de uma celebridade instantânea

Renné Oliveira França, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

A formação de celebridades instantâneas é algo próprio da época atual. Bauman é um dos autores que discute como a imediatez das práticas culturais, comunicacionais e econômicas levaram a uma fraturação de tempo e espaço que faz com que a valorização da novidade leve à efemeridade da própria novidade. Um vídeo na internet, um crime hediondo, uma gafe tornada pública: as formas de se tornar célebre são tão variadas quanto a rapidez com que a nova celebridade é esquecida. Este trabalho, entretanto, atenta para uma forma de celebridade que, apesar de instantânea, é duradoura. De quase-anônimo a figura pública mundial, o papa alcança a fama de forma imediata e destinada à História. Trata-se da formação de uma figura célebre que passa pelas relações entre uma instituição secular – a Igreja Católica –, com suas tradições e performances próprias que, somadas ao discurso midiático, fundam um acontecimento capaz de levar alguém praticamente desconhecido a celebridade automaticamente inserida na memória social. Desde a renúncia do papa Bento XVI teve início um processo discursivo que envolvia surpresa, intrigas e mistério na criação de um suspense que convergiu no acontecimento Conclave e a consequente eleição do novo líder católico. Em um processo medieval que, não por acaso, possui ecos de coroação real (outro acontecimento capaz de criar uma figura destinada à eternidade), a eleição papal faz uso de uma performance própria, com cada papel muito bem definido e a transformação da fumaça de índice a símbolo. Entre a fumaça preta que significa a não-eleição, passando pela branca da confirmação do novo eleito até as horas que se estendem para se ter finalmente a revelação do

novo nome (escolhido e também simbólico) a ser mundialmente conhecido, a Igreja e suas representações pela mídia fundam o momento constituidor de uma personalidade. A escolha do argentino Jorge Mario Bergoglio como o papa Francisco será analisada em suas repercussões midiáticas na compreensão da apresentação de um indivíduo que não apenas estamparia todas as capas de jornais do dia seguinte ao acontecimento, como já se tornava conhecido ao redor do planeta de forma instantânea pelas redes digitais. A famosa frase “Habemus Papam” não anuncia apenas um novo líder, Ela estabelece a criação de uma celebridade e sua inserção na nossa memória socialmente compartilhada.

Painel 9 – Dinâmicas e transformações no universo da cultura popular-midiática

Dia: 05/07/2013	Hora: 14:00 – 15:30	Local: Anfiteatro 2102, CP2
------------------------	----------------------------	------------------------------------

No cenário midiático contemporâneo, o surgimento das celebridades, as performances consagradas, a exploração de certas temáticas espelham, de forma intensa, mutações no quadro de valores da sociedade, e particularmente na configuração dos públicos jovens. Misturas, metamorfoses formais e de conteúdo necessitam serem lidas e compreendidas no contexto de um mundo em transformação.

Sertanejo Universitário: Expressão e Valores de uma Nova Juventude Urbana

Vera Veiga França, Vanrochris Vieira, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

A migração da música caipira, profundamente enraizada no mundo rural, para o meio urbano, no Brasil, deu origem à música sertaneja – uma música já inscrita no processo produtivo e de circulação da indústria fonográfica, porém ainda marcada por sua origem e ligação com a temática rural. Nos últimos anos surge uma nova variação, o sertanejo-universitário, que se caracteriza pela mistura melódica e por um completo afastamento do cenário e valores da tradição sertaneja (rural). As temáticas exploram a importância do dinheiro

para garantir conquistas amorosas; o universo das “baladas” (festas noturnas freqüentadas pelos jovens); a sensualidade, a “pegação” (rapports eróticos passageiros e ocasionais). Tais músicas têm alcançado um estrondoso sucesso de público no Brasil e no exterior, e suscitado a adesão de jovens de diferentes classes sociais. Entre seu público, e como propagandistas desse novo gênero musical, se destacam celebridades do futebol (Neymar no Brasil, Cristiano Ronaldo em Portugal), cujo estilo de vida tem grande sintonia com a letra das músicas. Essas músicas estão também presentes nas paradas de sucesso em Portugal, e guardam alguma proximidade com a produção de novos grupos musicais portugueses (veja-se *Os Azeitonas - Anda comigo ver os aviões*). No trabalho a ser apresentado, mais do que as características musicais do sertanejo universitário, procuraremos refletir sobre aquilo que ele expressa enquanto quadro de valores e comportamentos de parcela da juventude contemporânea.

Ai Se Eu Te Pego: Fluxos Internacionais de um Hit Que Pegou

Felipe Trotta, Universidade Federal Fluminense, Brasil

Este trabalho dialoga e aprofunda o debate iniciado pelo trabalho anterior, sobre o sertanejo universitário. O sucesso internacional de Michel Teló em 2012 é um caso raro de um *hit* cantado em português que atinge posições de destaque nos gráficos de vendas da indústria da música mundial. Através da internet, *Ai se eu te pego* espalhou por dezenas de países certas ideias e pensamentos sobre fronteiras geográficas (e simbólicas), tensionando os limites entre o exótico (a língua) e o familiar (o ambiente sonoro e performático da música pop), entre o regional (sua trajetória, a música sertaneja, a sanfona) e o internacional (o reggae, o ciclo harmônico); entre o sedutor elegante (a performance vocal e corporal) e o safado desinibido (determinados trechos da letra e a coreografia). Adicionalmente, a projeção internacional da canção obteve um apoio decisivo de uma estrela internacional do futebol que, através da dança, colocou *Ai se eu te pego* na mídia mundial. O futebol, a música, a coreografia, a sedução erótica e a língua exótica formaram um caldo de significados cruzados que fazem circular certas ideias sobre a *periferia*, num contexto de redefinições estratégicas nas hierarquias de poder

da economia mundial e de grande interesse – cultural e social – nos países “emergentes”.

Garotas da Capa: *Pin-Up*sação e Identidade Cultural nas Revistas GQ Brasil e GQ Portugal

Fernanda Miranda, CAPES, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Mais conhecidas pelos desenhos de Gil Elvgren para campanhas da *Coca-Cola*, as *pin-ups*, pouco a pouco, passam a invadir suportes como calendários e publicidade, onde se materializa uma estética de representação sexualizada feminina, criada por artistas dos anos 1940 e 1950. Considerada ingênua no segundo terço do século XX, a reprodução massificada da *pin-up* assume agora novos e ampliados contornos.

No Brasil, observa-se um fenômeno social em que esse modelo reaparece, sobretudo nos anos 2000: uma “*pin-up*sação” expressa pelo recorrente anúncio, caracterização e/ou reconhecimento de celebridades brasileiras como *pin-ups*, em diferentes produtos midiáticos do país. Um exemplo é a edição da revista de estilo masculina *GQ Brasil* de novembro de 2011 em que a atriz Grazi Massafera é anunciada como “A *pin-up* brasileira”. Pensando essa iconografia tradicional como parte do patrimônio cultural norte-americano, o presente enunciado suscita questionamentos como: seria possível se falar de uma *pin-up* brasileira? Se sim, esta teria traços europeus como o da atriz? O que representa a atribuição desse título?

Fomentando essa discussão, identifica-se a mesma revista GQ, no entanto, a edição portuguesa de dezembro de 2010, que traz a atriz luso-venezuelana Dânia Neto sob o título “A *pin-up* da Praça da Ribeira”, uma das mais antigas e típicas localidades da cidade do Porto. De forma análoga, surgem então perguntas como: de que modo uma mulher de ascendência latino-americana representa a cultura de Portugal? Como esta pode se manifestar pela apropriação de um *design* estrangeiro? Quais são as relações com a imagem pública da artista?

Tomando-se a análise de enquadramento proposta por E. Goffman (1974), o presente artigo apresenta um estudo comparativo entre esses dois produtos midiáticos na tentativa de desvelar as perguntas acima, bem como refletir acerca de temas que atravessam a lusofonia, tais como feminilidade, performance, cultura nacional e etnia, expressos em corpos *pin-up*isados.

Correspondência Pessoa e Sá Carneiro: Narrativas da Saudade, da melancholia e “estranhamentos emocionais”

Ariane Ewald, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Como podemos pensar a relação entre noções do domínio da subjetividade que se apresentam como “irrefutavelmente constituídas cientificamente” e as suas versões em um outro campo, de constituição diversa, que chamamos de “literário”? Tendo este questionamento como princípio norteador dos meus trabalhos nos últimos anos, este texto tem como pano de fundo a noção de “estranhamento emocional”. Ele visa investigar narrativas da melancolia e da saudade na correspondência entre Mario de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa, pois o estudo da saudade e da melancolia através de narrativas, coloca em cena o campo literário como cenário das lutas íntimas que são travadas em torno dos sentimentos, fundamentais na Psicologia e que ganham forma e estatuto diverso no campo da ciência, em particular no da Psiquiatria. A correspondência entre Mario de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa ganha sentido para desvelar esta dupla relação, pois evidencia o paradoxo do sentimento numa época em que expor-se, mesmo intimamente, não era parte das pretensões autorais como o são na atualidade. Este campo tem profundo interesse para a Psicologia, especialmente àquele vinculado ao Existencialismo.

Sessões Temáticas

Sessão Temática 1 - **Literatura de Expressão Portuguesa**

Dia: 04/07/2013	Hora: 11:45-13:15	Local: Anfiteatro 2101, CP2
------------------------	--------------------------	------------------------------------

Pós-colonialismo e o desafio das fronteiras midiáticas: as intervenções de Mia Couto, diálogos verbais e escritos

Vera Harabagi Hanna, Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil

Os estudos pós-coloniais, emergentes da crítica literária e dos estudos culturais advindos do contexto anglo-saxão, ao estenderem-se para pesquisas de ex-colônias europeias, vêm reunindo obras ficcionais, fílmicas, televisivas, na web que, ao se tornarem objeto de estudo da sociologia da comunicação e das mídias, contribuem para uma nova feição da organização da historiografia como narrativa. Valendo-se de um repertório teórico sobre pós-colonialismo e lusofonia examina-se, dentre os autores 'des-colonizados', o moçambicano Mia Couto. O corpus, constituído por orações de sapiência, intervenções, entrevistas, à parte de seus textos ficcionais, representa a realidade, assume-se como um marcador histórico-cultural em registros midiáticos díspares. Evidencia-se a estreita relação existente entre as discussões especulativas e metódicas em busca de teorias (ou de críticas) e o testemunho do renomado escritor africano de língua portuguesa em apreciações sobre as noções de pós-colonialismo e lusofonia em exposições contundentes. Longe dos cânones da academia, o formato de relato propõe o inverso: uma prática da teoria, a partir de observações e experiências vividas. Buscou-se resgatar no ficcionista a memória coletiva por meio do depoimento em primeira pessoa que faz com que, relatores, protagonistas, testemunhas, marcados fortemente por histórias de desterritorialização, de deslocamentos, de hesitação em suas identidades diaspóricas e fragmentadas, exponham em suas falas desconfiças pessoais relativas à vivência nos 'entre-lugares'. Conjetura-se, assim, sobre o modo como se formam os sujeitos "nos excedentes da soma das 'partes' da diferença" (Homi Bhabha) e como as narrativas de subjetividade se focalizam em processos produzidos na articulação das diferenças culturais. A literariedade, em verso, em prosa, em oratória, vista como apenas uma das

verdades em sua referencialidade histórica, aproxima-se dos registros de historiadores, realiza o papel de moldar as representações coletivas, além disso, tanto quanto o discurso histórico, revela incertezas e contradições, promove reflexão (Roger Chartier).

Germano Almeida: diálogos entre Cabo Verde e Portugal

Maria do Carmo Mendes, Universidade do Minho, Portugal

A comunicação analisa o modo como a literatura cabo-verdiana contemporânea tem contribuído para estabelecer diálogos interculturais, destacando a ficção narrativa de Germano Almeida. Numa perspectiva comparativista, a comunicação tem como principais propósitos: 1) identificar os mais relevantes motivos e temas da literatura cabo-verdiana contemporânea; 2) reconhecer a presença desses motivos e temas na obra literária de Germano Almeida, em particular nos *O Testamento do Senhor Napumoceno* da Silva Araújo (1989), *Eva* (2006) e *A Morte do Ouvidor* (2010); 3) reconstituir o pensamento do escritor cabo-verdiano acerca dos conceitos de lusofonia e pós-colonialismo; 4) determinar em que medida a ficção de Germano Almeida é um valioso contributo artístico para a promoção relações entre literaturas e culturas de expressão portuguesa.

Machado de Assis, leitor de Eça de Queiroz

Marli Scarpelli, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Este ensaio trata da forte presença de Eça de Queirós nos meios literários e jornalísticos do Brasil e dos ecos que seus posicionamentos estéticos e ideológicos reverberam na literatura, bem como na crítica lusófona em geral e especialmente neste outro lado do Atlântico, onde encontrará em Machado de Assis um de seus desafetos. Nesse sentido, o objetivo central do ensaio é demonstrar que, não obstante a agudeza de sua recepção crítica ao romance *O primo Basílio* (de Eça de Queirós), Machado de Assis, ao deixar que fatores subjetivos intervissem em seu, via de regra, brilhante juízo crítico, de certa forma equivocou-se ao classificar a obra eciana como apenas mais um “romance de tese”. Diferentemente, acreditamos que o surpreendente desnudamento da ficcionalidade encenado em *O Primo Basílio* faz dele menos

um romance de tese do que uma tese sobre novo romance a se inscrever no experimentalismo flaubertiano do meta-romance sem telos e sem outra finalidade senão conter, em seu modo de estruturação, o próprio sistema explicativo.

A rasura do trágico lourenceano na literatura brasileira

Anne de Souza Ventura, Universidade de Aveiro, Universidade do Minho, Portugal

O à vontade com que versa acerca do tempo e da cultura brasileira no ensaio “Da literatura brasileira como rasura do trágico” nos leva a acreditar que o Brasil está definitivamente dentro do universo lourenciano. Sempre dedicado a compreender a história cultural portuguesa através de sua imagologia, Lourenço não deixará de fora de suas reflexões as relações luso-brasileiras da cultura, sem conduto ignorar o nó górdio que há entre Portugal e Brasil. A despeito de sua postura assumidamente europeísta, a cultura brasileira lhe interessa bastante, como podemos comprovar por alguns ensaios que aparecem no conjunto de sua obra, ora a respeito dessa complexa relação luso-brasileira, ou da crítica da lusofonia, ora dedicados à crítica de literatura e cinema brasileiros. E no entanto essa identificação com o universo literário brasileiro não poderia esbarrar em obstáculo maior, em maior estranhamento, do que a ausência do trágico, tão caro ao pensamento de Eduardo Lourenço. É disso que fala este ensaio de crítica literária, ou é com isso que se enfrenta o pensamento de Lourenço, num embate contra um descompasso em relação ao tempo brasileiro, ou tempo que os brasileiros pretenderam inventar algures no século XX. A presente análise deste ensaio do crítico português pretende refletir, para além das questões que o próprio ensaio levanta em sua leitura crítica que vai de Machado de Assis a Clarice Lispector, como o ensaísmo lourenciano aqui se desenha num exemplo ímpar para a compreensão de suas noções de crítica literária, cultura e tempo trágico.

Vinte e zinco e A árvore das palavras: ficção, história e identidade

Daniela da Costa, CAPE, Universidade Estadual Paulista, Brasil

Propõe-se investigar as diferentes perspectivas construídas em *A árvore das palavras* (1997), de Teolinda Gersão e *Vinte e zinco* (1999), de Mia Couto no que se refere ao processo de incorporação da matéria histórica recente de Portugal e Moçambique no corpo ficcional. Além disso, pretende-se debruçar sobre as questões relacionadas à construção da identidade coletiva decorrentes desse processo. Os autores partilham, em espaços geográficos diferentes, de um passado conflituoso, com dimensões e problemas diferentes para cada um dos povos, que metonimicamente são representados por meio de dramas individuais. São colocados em cena, no corpo textual, o retrato do choque cultural, as mazelas das Guerras Coloniais e de Independência e toda a carga negativa do salazarismo, ao mesmo tempo em que se presencia certa consciência escritural, por meio de processos metalinguísticos, seja no uso de paratextos, seja no interior da diegese. São, portanto, narrativas que levam a cabo o projeto estético e propõem visões outras em torno da construção da identidade e da história das duas nações. Esta pesquisa tem sido desenvolvida no âmbito da bolsa CAPES proc. 17265-12-6.

Sessão Temática 2 – Media e Cultura

Dia: 04/07/2013	Hora: 11:45-13:15	Local: Anfiteatro 2102, CP2
------------------------	--------------------------	------------------------------------

Os desafios da Internet: as rádios nacionais do espaço lusófono e a web.

Maria Oliveira, CECS, Universidade do Minho Luis Santos, CECS, Universidade do Minho, Portugal

Com quase um século de história, a rádio atravessa um dos desafios mais estimulantes de sempre: o da migração progressiva do espaço hertziano para o espaço da web. A reacomodação das emissões radiofónicas na Internet sugere, na verdade, uma reflexão em torno de aspetos que tradicionalmente definiam a especificidade deste meio: 1) a questão do fluxo narrativo (oferecendo-se hoje na web a possibilidade de autonomizar produções da emissão regular); 2) o âmbito geográfico das emissões (na medida em que se

passa a falar de rádio global); e 3) a noção de invisibilidade do meio (uma vez que, na Internet, a rádio convencional enfrenta também o repto da convergência mediática). Nesta comunicação propomo-nos analisar as páginas das rádios nacionais do espaço lusófono na web. O nosso propósito é averiguar como estão estas emissoras a apresentar-se na web – apenas estendendo a emissão hertziana para o ciberespaço ou criando conteúdos novos adaptados às características da Internet? Procuraremos, por isso, comparar as práticas da RDP (Portugal) e das Rádios Nacionais de Angola, Moçambique, Cabo Verde e Guiné Bissau.

A produção musical do compositor português Cândido Lima manifestação de um esteio de textos e contextos multiculturais

Helena Maria Santana Universidade de Aveiro, Maria do Rosário da Silva Santana, IPG, Portugal

Nesta comunicação pretendemos mostrar de que forma as realidades históricas, sociais, étnicas e artísticas dos universos português (minhoto) e africano (guineense), concorrem para a construção de um universo imagético e sonoro único na produção musical do compositor português Cândido Lima. A forma como desenvolve algumas das suas estruturas musicais a nível rítmico e temporal, a forma como elabora e estratifica os seus conteúdos linguísticos e imagéticos, a forma como concebe, transforma e diversifica os seus coloridos sonoros, revela um compositor que expressa não só um ser português mas, e sobretudo, um ser português no mundo. Através do estudo da sua obra pretendemos mostrar que o compositor não é um ser que se determina rigorosamente diverso a cada obra, mas sim um ser dividido entre a tentativa de exprimir o Todo sabendo que esse Todo não se pode nunca abarcar.

O Pantanal sob a perspetiva do jornal local e da grande mídia

Ana Maria Dantas de Maio, EMBRAPA Pantanal, Brasil

A comparação entre a cobertura jornalística sobre o Pantanal brasileiro praticada por um jornal local e por um veículo da grande mídia revela diferenças e semelhanças que podem contribuir para o entendimento da

questão local. Esse é o tema do artigo, que procura contribuir com as pesquisas sobre a mídia local. O Pantanal é considerado a maior planície inundável do planeta e se localiza na região central da América do Sul. Suas terras compreendem Brasil, Bolívia e Paraguai. No Brasil, ocupa parte dos territórios dos Estados de Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul. A principal atividade econômica adaptada à região é a pecuária de corte. A escolha deste bioma para desenvolver o estudo se deve à presença da pesquisadora naquele local durante cinco anos e o acompanhamento das coberturas locais e globais do Pantanal. O objetivo do trabalho, ao comparar as duas abordagens, é compreender melhor a perspectiva de análise da questão local, a partir do chamado jornalismo de proximidade, conceito retomado por Carlos Camponez. Pesquisas sobre a dinâmica de jornais de interior também fundamentam o estudo. A metodologia escolhida é a análise de discurso, que auxilia na descoberta dos contextos e das relações sociais que envolvem o jornalismo de proximidade. Longe de apenas avaliar semanticamente os conteúdos de enunciados jornalísticos, a análise de discurso permite o acesso às intencionalidades nem sempre explícitas. A presença do não-dito nas matérias de jornais avaliadas é um indicador, por exemplo, de vozes que ficam ausentes da plataforma midiática. Como método complementar, foi realizada uma entrevista semiestruturada com um ator local, figura-chave para o entendimento do processo de construção simbólica das mensagens localmente produzidas. Os resultados obtidos permitem observar que a cobertura local é mais comprometida e passional do que a da grande mídia. As questões do vínculo com o ambiente e do sentimento de pertença não devem ser ignoradas.

Interfaces entre cultura regional, tecnologia da informação e comunicação na Campanha do Rio Grande do Sul, Brasil

Tiago Costa Martins, UNIPAMPA, Universidade Federal do Pampa, Brasil

Quem reside no “interior do interior” do Brasil pode pensar que o país é bem diferente daquele pensado pelos indivíduos residentes nos grandes centros. A perspectiva pela qual se desenrola a vida do interiorano, tanto no contexto das relações diretas do cotidiano quanto das geradas por dispositivos mediadores,

leva a uma compreensão para além da casa, rua, jeitinho e malandragem do típico esteriótipo urbano. Ruben Oliven (2006) sentencia que há outro Brasil após os trópicos, um Brasil não-exótico, distante daquele do Carnaval, samba, praia, futebol etc., ou seja, distante das representações que o tropical sugere. O antropólogo inspira uma compreensão de um Brasil-diversidade, na qual o mosaico de culturas regionais forma o todo. Assim, é possível inferir uma relação estabelecida dentro da razão dual urbano versus rural. O presente paper está baseado em estudos – em desenvolvimento e já realizados – que tratam da região da Campanha do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil e seu contexto histórico e contemporâneo que destaca um tipo de segmento social rural - o “gaúcho campeiro”. Práticas sócio culturais singulares, cotidiano, ordenamento do tempo/espço, percepção identitária, relação arcaico/moderno, especialmente o uso dos dispositivos de comunicação, são elementos constitutivos da sua cultura. Tendo por base os preceitos da fenomenologia e da etnometodologia, através de visitas etnográficas concatenadas no estudo de Martins (2009), busca-se compreender como se constitui a vida deste segmento social, problematizando a cultura regional e a interface com os novos dispositivos de comunicação e informação. Os resultados destacam as categorias urbano, rural, global, local, moderno e arcaico dentro de um processo relacional na constituição/manutenção de uma cultura regional. As novas tecnologias de comunicação e informação são mediadoras das formas de se constituir como sujeito e comunidade e de construir, ordenar e interpretar o mundo e seus significados.

GRV Discos para além do iTunes - Um selo musical insere a música de Brasília na indústria fonográfica da era digital (relato da primeira década do século XXI)

Marcelo Carvalho Oliveira, Universidade de Brasília, Brasil

Neste texto fazemos uma análise dos elementos formativos e um relato dos principais fatos ligados a uma década de atividades do selo musical GRV Discos (atual GRV Media e Entretenimento), uma empresa atuante na cidade de Brasília, capital do Brasil. Examinamos a utilização que ela faz dos meios tecnológicos para se inserir no contexto da produção fonográfica globalizada na era digital e as estratégias que utiliza para projetar a música lusófona dos

artistas de Brasília pelo Brasil e por todo o mundo. Um número significativo dos principais artistas em atividade no Distrito Federal durante a primeira década deste século tiveram contato com o selo GRV e/ou alguma de suas atividades empresariais voltadas para a música. São artistas do contexto brasileiro, de música popular cantada em português, com seus universos próprios, suas identidades e suas representações, os quais catalizados pela força propulsora do selo musical brasiliense podem configurar um estudo de caso ainda mais interessante se observados em comparação aos contextos, identidades e representações de outros países da CPLP. Como pano de fundo dessa narrativa vemos a forma como as inovações tecnológicas introduzidas e popularizadas a partir do início da década de 2000 têm interferido na produção fonográfica atual, definida (MARTIN, 2002) como o processo utilizado com a finalidade de transformar concepções artísticas e idéias lítero-musicais em fonogramas, bem como os seis modelos de negócios da música na era digital identificados e descritos em detalhe por Byrne (2007). Por extensão avaliamos o impacto das inovações tecnológicas no conceito de propriedade intelectual e as conseqüências econômicas e culturais desse fenômeno, de modo a compreender como as mudanças ocorridas na forma de se ouvir e fruir música – como “ritual, representação, reprodução e composição” (ATTALI, 1985) – têm influenciado mudanças nas formas de se produzir música nos países de língua portuguesa

Rede Globo de Televisão: hegemonia e poder na trajetória do telejornalismo brasileiro

Carla Fernandes Montuori, Jair Aparecido Artico, Universidade Paulista, Brasil

A televisão brasileira obteve, desde sua fase inicial, certa intimidade com o poder político. A Rede Globo de Televisão foi a que melhor soube aproveitar as oportunidades e despontou rapidamente como empresa oligopolista do setor de comunicação. Constituída em 1965, com base em elevados investimentos do grupo americano Time Life, tornou-se rapidamente emissora líder de audiência no Brasil. Atualmente, seu poderio ultrapassa o cenário nacional e a TV Globo Internacional possui um público-alvo de aproximadamente 5,5 milhões de telespectadores, incluindo indivíduos pertencentes às populações lusófonas, especialmente, Portugal, Moçambique e Angola. O Jornal Nacional,

considerado mais antigo telejornal da emissora, com 43 anos de história, foi palco de inúmeros episódios que apontam uma atuação hegemônica no campo da comunicação telejornalística. Uma relação preliminar recente poderia incluir a interferência do telejornal na produção de uma agenda temática favorável ao candidato Fernando Henrique Cardoso, nas eleições presidenciais de 1994 e 1998, além da ênfase negativa conferida ao primeiro mandato do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, quando o candidato tentava a reeleição em 2006. Nesse sentido, a pesquisa “Rede Globo de Televisão: hegemonia e poder na construção do telejornalismo brasileiro” têm por objetivo reconstruir as temáticas e abordagens desenvolvidas pelo Jornal Nacional, em relação aos principais acontecimentos sociais e políticos, desde 1969, ano de sua inauguração. Será retomada a história das organizações Globo e do Jornal Nacional, por meio da sistematização de uma série de estudos nacionais e internacionais, procurando identificar a consolidação do discurso da emissora, em cada momento sócio-histórico de significativa representação nacional.

Sessão Temática 3 – **Revistas e Jornalismo Especializado**

Dia: 04/07/2013	Hora: 11:45-13:15	Local: Anfiteatro 2103, CP2
------------------------	--------------------------	------------------------------------

A Difusão da Gastronomia Luso-Brasileira na Cidade de Santos Cynthia Arantes Ferreira Luderer – Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Este artigo pretende abordar um suplemento semanal recentemente lançado no segmento da gastronomia, o Boa Mesa. Ele é veiculado pelo jornal A Tribuna, uma tradicional e centenária mídia impressa sediada na cidade de Santos, São Paulo, um dos municípios mais antigos do Brasil e que mantém o maior porto da América Latina. Nos últimos cinco séculos, esse foi o lugar que serviu como porta de entrada para vários imigrantes, dentre eles os portugueses que se mantiveram na própria região contribuindo para que a cidade se destacasse como uma proeminente comunidade luso-brasileira. Dentre as atividades que eles e seus descendentes ocuparam destacam-se as voltadas para o ramo da alimentação. Por essa veia mercantil, essa população contribuiu para introjetar em Santos e nos municípios vizinhos costumes alimentares próprios da cultura lusa. Posto isso, busca-se responder: quais os

discursos que o suplemento Boa Mesa tem difundido para promover as propostas gastronômicas luso-brasileiras inseridas nessa região? Para responder a essa questão pretende-se analisar os discursos empregados por esse meio de comunicação impresso, assim como verificar o papel que ele ocupa diante do fenômeno do boom da gastronomia no Brasil, além das propostas gastronômicas que podem ser consideradas como de origem lusa. Para tanto, foram selecionados como corpus de pesquisa 52 exemplares dessa mídia, veiculados entre março de 2012 e fevereiro de 2013, além do blog mantido pela editora chefe dessa publicação. O artigo será arguido a partir das seguintes fundamentações teóricas: a da análise do discurso, que será tomada a partir de Charaudeau (2009); a dos princípios do pensamento complexo, apresentados por Morin (2001) e para discorrer sobre a relação gastronômica luso-brasileira a pesquisa será embasada em Cascudo (2004; 2008).

Como as revistas brasileiras Caras e Contigo retratam o amor da Pós-Modernidade

Flávia Pessoa Serafim, Universidade do Minho, Portugal

Pesquisas históricas e antropológicas demonstraram que a forma de os indivíduos entenderem e vivenciarem o amor varia de acordo com a conjuntura social e histórica que se vivencia. Alguns estudiosos desse campo do saber acreditam que estamos na pós-modernidade e, nessa época, parece que mais uma forma de amar e pensar o amor foi concebida. Tal forma de amor, para alguns teóricos, caracteriza-se pela liquidez dos laços amorosos, ou seja, pela fragilidade das uniões. Esta sociedade que apresenta traços de liquidez em suas relações amorosas também está intrinsecamente ligada com mídia, a qual, geralmente, influencia ou reflete a forma que os indivíduos constroem seus valores, sua identidade e sua vivência. Assim sendo, o presente trabalho tem por objetivo investigar como duas revistas brasileiras sobre celebridades constroem uma representação do amor e a transmitem aos brasileiros que as leem. Escolhemos trabalhar com as revistas Caras e Contigo, utilizando a análise qualitativa de conteúdo como metodologia de pesquisa. A revista Caras foi escolhida por ser o título mais vendido da categoria, enquanto a Contigo figura no presente trabalho por ser a revista da área que está a mais tempo no

mercado. Foram analisados os exemplares publicados no mês de julho de 2011, totalizando dez revistas. Ao cabo de nossos estudos, descobrimos que a tão reputada liquidez, para alguns a marca do amor pós-moderno, não está tão presente nas páginas das revistas analisadas.

Jornal Macknífico: mídia, língua portuguesa e educação

Valéria Bússola Martins, Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil

A educação brasileira ainda encontra-se distante de seu papel cidadão. Infelizmente, e de forma geral, poucas escolas valem-se da interdisciplinaridade, que poderia ser atingida, dentre outras formas, por meio da relação entre mídias e educação. Afastando-se dessa realidade fundamental, mas poucas vezes detectada, o presente trabalho, nascido no campo da Comunicação, com suas particulares linguagem e mídia, objetivou a criação, nas aulas de Língua Portuguesa, de um jornal escolar, intitulado Macknífico, além de unir o cotidiano escolar de professores do Ensino Fundamental II, etapa da Educação Básica brasileira, ao dia a dia acadêmico de um professor do Ensino Superior. O produto foi utilizado como ferramenta de formação crítica, interdisciplinar e cidadã de alunos do 9o. ano da Educação Básica e, no Curso de Letras, como instrumento na formação reflexiva no que diz respeito à inter-relação entre a área da Comunicação e a prática pedagógica nas aulas de Língua Portuguesa em diferentes níveis educacionais.

Brasil, dramaturgia da vida cotidiana

Rúben Figaredo Fernández, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

No Brasil, o ibérico permanece presente como um excipiente, como um umbigo herdeiro de origens, que às vezes luzimos com orgulho e outras ocultamos envergonhados. Quando os primeiros portugueses chegaram ao Brasil em 1500, os indígenas que visitaram seus barcos se deitaram sobre o chão da embarcação de Cabral depois do por do sol. Eles, apesar da estranheza de um cenário tão novo, não sentiram receio algum, e como de costume, se deitaram e imitaram o astro rei com seu próprio sono. Em um mundo sem espelhos, nada mostra a incorreção de um gesto, salvo os

costumes. As colonizações, todas as colonizações, levam consigo um monte de espelhos, alguns desses materiais para susto dos inadvertidos habitantes, e outros mais sutis, feitos de moralidade, direito, religião e preconceitos. Segundo Plotino, a alma é um espelho que cria as coisas materiais refletindo as ideias de uma razão superior. O problema acontece quando pensamos em quem designou aquela alma ou quem delimitou o que é uma razão superior. Todo processo colonizador leva consigo uma aculturação dos povos submetidos e a importação de novos padrões. Refletir sobre aquilo que é preciso resgatar dos velhos saberes e sobre aquilo que não serve dos novos comportamentos é um dos principais trabalhos de todo sujeito pensante. A virtude ou defeito da imitação vem junto à nossa condição de primatas mais ou menos evoluídos, de “homo que pensa que é sapiens”. Um dos problemas da academia é o esgotamento de novas ideias. A preocupação pela forma epistemológica e não pela própria função, usabilidade e praticidade do conhecimento. O professor virou um trabalhador por empreitada, obedecendo critérios empresariais que sustentam os grupos de pesquisa. A excessiva especialização impede as respostas aos problemas sistêmicos, ignorando sua ligação e interdependência.

A revista Deguste e a representação da identidade potiguar

Flávia Serafim, Universidade do Minho, Portugal

A culinária de um determinado local é parte de sua identidade cultural. Assim sendo, o presente artigo constitui-se em uma análise quantitativa do conteúdo de uma revista culinária da cidade brasileira de Natal, em que se buscou averiguar se o veículo comunicacional analisado retrata a identidade cultural de sua cidade de origem e se nele se pode encontrar elementos folkcomunicacionais. Foram estudadas dez matérias, as quais foram publicadas no site da revista Deguste durante o mês de dezembro de 2012. Tal revista foi objeto deste estudo por se tratar da única publicação natalense voltada exclusivamente para os temas da culinária e da gastronomia. A partir do lançamento em planilhas das diversas informações das matérias analisadas, buscou-se identificar as referências étnicas, os hábitos culturais, as influências religiosas e os aspectos folclóricos, relacionando esses elementos com os que se originam no saber e na cultura local e que estão

presentes na culinária popular, e identificando os elementos de cunho comercial, voltados para a publicidade de estabelecimentos gastronômicos. Foi possível, após a realização da pesquisa, perceber que as matérias analisadas têm mais o propósito de servir como publicidade para os estabelecimentos alimentares do que de retratar costumes e hábitos da população, e que esta publicação dá pouco destaque à culinária tradicional da região, portanto, retrata pouco a identidade cultural potiguar.

Sessão Temática 4 – **Representações identitárias no cinema, televisão e literatura**

Dia: 04/07/2013	Hora: 14:30-16:00	Local: Anfiteatro 2101, CP2
------------------------	--------------------------	------------------------------------

Topografia de Imagens: A representação do (espaço) africano no cinema português (1961-74)

Paulo Cunha, CEIS20 Universidade de Coimbra; Rita Bastos, LABCOM Universidade da Beira Interior, Portugal

A partir das propostas de Marc Ferro (1976), Émile Durkheim (2007), Michel Foucault (2002) e Paul Ricoeur (1994), pretendemos analisar as representações do africano, compreendendo a forma como este é colocado no espaço. Nesse sentido pretende-se trabalhar o cinema de ficção produzido em Portugal entre 1961 e 1974, enquadrando a sua análise no contexto político e social da segunda metade do séc. XX. Conhecendo a importância do cinema como instrumento de propaganda durante o Estado Novo português, interessamos refletir criticamente sobre as representações individuais e coletivas do africano e o seu enquadramento nos discursos e práticas políticas e sociais, assim como o contraponto a essas representações “oficiais”. As balizas cronológicas foram definidas por coincidirem com a Guerra Colonial ou Guerras de Libertação que opuseram o estado colonial português e os movimentos independentistas africanos. Integram o corpus desta reflexão todos os filmes de ficção produzidos em território português, incluindo filmes produzidos pelos movimentos de independentistas e outros de produção estrangeira. A metodologia adotada assume uma dimensão de análise de conteúdo e análise icónica, centrada na representação da figura do africano e no espaço como fator partilhado da vivência da própria figura, explorando a ideia do espaço como fator estruturante dessa representação.

O português no cinema moçambicano (1975-2012)

Sílvia Vieira, CIAC, Portugal

Pretendemos analisar as representações do português no cinema moçambicano de ficção realizado desde a independência de Moçambique (1975) até ao presente. Interessa-nos mais o cinema de ficção, mesmo que a produção deste seja bem mais escassa no país, porque acreditamos, como Barthes, que é na pose que nos revelamos. A presente comunicação tem como objectivo refletir criticamente acerca das representações individuais e coletivas do português à luz das transformações políticas, culturais e sociais ocorridas em Moçambique nas últimas décadas, pois pela sua ligação ao real, o cinema serviu para reforçar ideologias e para sugerir padrões de comportamento.

De Antônio Maria a Balacobaco: os personagens portugueses nas telenovelas Brasileira

Elaine Javorski, Universidade de Coimbra, Portugal

Este trabalho procura identificar as imagens dos imigrantes portugueses no Brasil a partir da análise das telenovelas brasileiras desde a década de 1960 até a atualidade. Para tanto, traçamos primeiramente um panorama desse fluxo migratório que se inicia com a colonização e que carrega diversos estereótipos ao longo da história. Em seguida, uma reflexão teórica sobre a relação entre telenovelas e questões de identidades busca entender a forma como determinados grupos sociais são apresentados na dramaturgia. E para compreender de que forma os personagens lusitanos são inseridos nas tramas diárias, ora representados por atores brasileiros, ora por atores portugueses, foram analisadas 63 novelas entre 1965 e 2012 das emissoras Tupi, Excelsior, Manchete, Globo, Record, Bandeirantes e SBT. O levantamento das novelas que possuem personagens lusitanos foi feito através da análise de sinopses, lista de elenco e outros dados disponíveis em bibliografia especializada e páginas web das emissoras. As conclusões apontam para um crescimento na utilização dos personagens dessa nacionalidade ao longo das décadas com papéis cada vez mais importantes, inclusive de protagonismo. As ligações culturais e mercadológicas entre a televisão dos dois países também contribuem para esse avanço porém a representação dos imigrantes

portugueses parece manter-se centrada em determinados estereótipos já enraizados na cultura brasileira.

"Simbolismo e Escravidão" no poema em prosa de Cruz e Sousa

Simone Rufinoni, Universidade de São Paulo, Brasil

Na obra do poeta brasileiro simbolista Cruz e Sousa, a natureza híbrida e, de certo modo impura, do gênero poema em prosa prestou-se à encenação do conflito entre o ideal e a realidade posto nos termos específicos da oposição entre o artista como eleito dos sentidos e a condição do negro em um país de abolição recente. O poeta, posto à margem da literatura consagrada do período, apreende poeticamente as marcas da opressão, num contínuo diálogo entre ideologia e contra-ideologia. O estudo abordará a difícil figuração da identidade marcada pela oscilação entre duas acepções da ideia de assinalado: por um lado, alude à natureza de ser de exceção, tão cara ao ideário simbolista; por outro, contudo, pode-se pensar que a notação distintiva deve-se à filiação à raça fraca, de onde advém o estigma da inferioridade articulado à animalidade e ao barbarismo inerentes à fisiologia do negro de acordo com a ciência do século XIX. Essas duas marcas far-se-ão obsessões em sua obra, tomando configurações poéticas diversas em torno da oscilação entre o alto (a arte simbolista) e o baixo (a escravidão). Não há síntese possível entre as duas esferas e o sujeito, incapaz de dar uma resposta decisiva à condição de classe legitimada por bases científicas, faz da prosa poética espaço de elaboração desse impasse, enovelando-se entre a imagem de poeta iluminado e a incontornável situação de raça fadada ao atraso. A encenação do conflito ocorre na prosa tensionada por imagens satânicas capazes de apreender os antagonismos sociais.

A representação do espaço intersticial do mestiço em literaturas de língua portuguesa

Julio Cesar de Paula, Universidade de São Paulo, Brasil

Em fins do século XIX e início do século XX, a tópica da ascensão social do mestiço e do espaço intersticial por ele ocupado constitui um dos eixos relevantes para a produção literária de vários autores de língua portuguesa. Neste trabalho, propomos uma análise comparativa das múltiplas formas de representação desse tema no período em questão, desde as que o fazem de forma laudatória, prenunciando o mito da democracia racial nesses espaços, aos que denunciam mecanismos de exclusão ocultos sob um falso processo de inclusão dos mestiços.

Sessão Temática 5 – Sociedade, Políticas e Recursos Digitais da Lusofonia

Dia: 04/07/2013	Hora: 14:30-16:00	Local: Anfiteatro 2102, CP2
------------------------	--------------------------	------------------------------------

Museu Virtual de Ouro Preto como instrumento de comunicação e promoção da lusofonia

Marcelo Feijó, Fernando Oliveira Paulino, Liziana Guazina, Universidade de Brasília, Brasil

O trabalho analisa a atuação do Museu Virtual de Ouro Preto (www.museuvirtualdeouropreto.com.br) como proposta inovadora de comunicação resultante de plataforma, em ambiente interativo e dinâmico, de forma livre e democrática, do inventário de bens culturais de município do interior do estado de Minas Gerais parte constitutiva da identidade cultural lusófona. O portal sistematiza patrimônio cultural, em parte significativa resultante do processo de colonização portuguesa e com a presença de mão-de-obra de escravos, brasileiros e imigrantes. O Museu Virtual de Ouro Preto busca ser uma plataforma eletrônica multimídia com exposição virtual permanente do conjunto arquitetônico, paisagístico, histórico, artístico e cultural do município. A metodologia do Museu Virtual oferece recursos de tecnologia digital com informações baseadas em pesquisa histórica especializada, promovendo o diálogo intercultural e do tratamento, catalogação e publicação de documentos impressos e conteúdos audiovisuais, tais como textos, fotografias, arquivos de áudio e de vídeo. O Centro de

Memória Digital da Universidade de Brasília (CMD/UnB) mantém estrutura tecnológica especialmente concebida para execução de projetos, cujo propósito consiste em articular competências para aplicação da tecnologia digital na preservação, pesquisa e divulgação do patrimônio histórico e cultural em meio digital. O CMD mantém o portal www.cmd.unb.br, edita a revista História Digital e é integrado por professores e pesquisadores, alunos de graduação e de pós-graduação dos cursos de História, Engenharia de Redes e Comunicação da UnB, e por colaboradores externos. Conclui-se que a proposta resulta da articulação de competências para aplicação da tecnologia digital na democratização, preservação, pesquisa e divulgação do patrimônio histórico e cultural por meio da construção de um portal de referência para o turismo, o público escolar, universitário e científico, e as comunidades que abrigam este patrimônio.

Manual Digital II - de Portugal para o mundo lusófono

Marta Silvestre, António José Osório, Elisabete Barros, Altina Ramos, Universidade do Minho, Portugal

O Manual Digital II é um recurso digital multimédia, concebido de raiz em formato digital, sendo inovador no contexto dos manuais digitais em Portugal, para apoio ao ensino e à aprendizagem no Primeiro Ciclo do Ensino Básico. É desenvolvido pela empresa Lusoinfo Multimédia em colaboração com o Instituto de Educação da Universidade do Minho. O software apresenta conteúdos de modo expositivo e promove atividades integradoras, que favorecem a interdisciplinaridade e permitem ao aluno uma aprendizagem significativa (Ausubel, 1968), ou seja, a criança é envolvida num “processo pelo qual uma nova informação se relaciona com um aspeto relevante da estrutura de conhecimento” (Moreira & Masin, 2006, p. 17), em estreita relação com os seus interesses, com conceitos assimilados e com o meio que a rodeia. As propostas de atividades (atividades experimentais, sugestões de pequenos projetos, jogos diversificados, fichas de trabalho e outras) estão orientadas para ajudar a criança a adquirir e ultrapassar competências de pensamento elementar no sentido do desenvolvimento de competências de maior exigência cognitiva. Recentemente, o MDII foi enriquecido com o Site da Turma, uma plataforma de algum modo próxima do conceito de “rede social”

que permite a colaboração e a partilha online entre alunos, professores e pais. De modo a estudar o impacto deste recurso digital na aprendizagem, foram desenvolvidos dois estudos de caso, um em contexto formal e outro em contexto não formal de aprendizagem. Os resultados desses estudos sugerem que o MDII tem diferentes impactos na aprendizagem dependendo do modo como são operacionalizados os conteúdos digitais. Inicialmente concebido para o contexto Português, o MDII encerra potencialidades que permitem que se adapte ao mundo lusófono, trabalho em perspetiva neste momento. Esta comunicação apresenta: a) o conceito e o produto MDII; os resultados da utilização do MDII em contexto formal e não formal de aprendizagem; c) a possibilidade de expansão do MDII ao mundo lusófono.

O ensino da Língua Portuguesa através das TICs - rádio online no Centro de Línguas Estrangeiras Zacatenco – México

Rodrigo Florêncio da Silva - Instituto Politécnico Nacional do México, México

O objetivo deste trabalho é demonstrar as TICs – rádio online como recurso pedagógico no ensino de Português como L 2 - língua estrangeira. O trabalho abordará uma pesquisa que envolveu alunos do Centro de Línguas Estrangeiras Zacatenco do Instituto Politécnico Nacional do México que acessaram as diversas rádios online do mundo lusófono, praticaram o idioma português e conheceram diferentes culturas através de exercícios proposto pelo professor. Segundo o Guia de Padrões Básicos de Competências em Línguas Estrangeiras do Governo da Colômbia (2006, nº22), aprender uma língua estrangeira é uma oportunidade inestimável para o desenvolvimento social, cultural e cognitivo dos estudantes porque diminui o etnocentrismo e permite aos indivíduos apreciar e respeitar o valor de seu próprio mundo, o mesmo que desenvolver o respeito por outras culturas. Esta proposta analisará o uso das rádios online dentro do ensino da Língua Portuguesa e as vantagens do seu uso serão abordadas quando a utilizamos como uma ferramenta de apoio para professores que ensinam a Língua portuguesa para alunos estrangeiros porque aproximam os estudantes ao idioma que aprendem e através desse recurso, eles podem aprender e conhecer muitos aspectos culturais, regionais e econômicos. As rádios online nas aulas de idiomas são

uma ferramenta motivadora pelo seu carácter lúdico e de entretenimento, proporcionando aos professores numerosas possibilidades para trabalhar os diferentes aspectos curriculares de uma língua. De acordo com Santos & Pauluk (1998, p.15), “através de atividades musicais, o aluno explora muito mais sua criatividade, participa como membro ativo no processo de ensino-aprendizagem e melhora sua auto-estima”.

Formação contínua de professores universitários: pensando uma comunidade de prática online para a comunidade lusófona

Ana Cecília Jorge de Souza, António José Meneses Osório, Universidade do Minho, Portugal

Esta comunicação tem como objetivo apresentar uma investigação em curso sobre formação contínua de professores universitários, perspectivando o desenvolvimento e implementação de uma comunidade de prática online para a comunidade lusófona, suportada por uma plataforma onde professores universitários comunicando em língua portuguesa possam encontrar oportunidades de aprendizagem essenciais para um constante desenvolvimento profissional. Explorando as possibilidades disponíveis pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e tendo consideração a experiência e a investigação já conhecidas, pretende-se conceber, desenvolver, implementar, testar e dinamizar uma comunidade de prática online onde seja possível o acesso a partir de qualquer lugar, a qualquer hora, ampliando o espaço e o tempo e ultrapassando o isolamento e assegurando a troca de informações, experiências e recursos entre os docentes universitários de toda a comunidade lusófona. Nesta investigação adotar-se-á uma metodologia de natureza qualitativa com investigador participante, em que a recolha de dados incluirá a análise de outros projetos similares, com dados de um amplo acervo de fontes bibliográficas do conteúdo da comunicação que se estabelecer na comunidade lusófona. Utilizar-se-ão ainda, outros instrumentos tais como entrevistas, notas de observação, e, se necessário “focus group”. Naturalmente, a análise de dados seguirá uma estratégia qualitativa e interpretativa, com recurso a programas informáticos adequados à análise qualitativa de dados. Pretende-se, finalmente, refletir e, eventualmente, debater sobre as

implicações que tal tipo de intervenção tecnológica possa ter na qualidade da prática docente universitária, em geral.

A Sociedade da Informação e o Mercado de Trabalho em Angola: Perspectivas para o desenvolvimento do Sector das Tecnologias de Informação e Comunicação

Matondo Otequele Júnior, ISCED, Angola

Alcançando a paz em 2002, depois de cerca de 3 décadas de guerra civil, o Governo angolano elabora programas e estratégias que venham contribuir para o desenvolvimento socioeconómico do país e sua ascensão à sociedade de informação. Reconhecendo a utilidade das TIC para o efeito e considerando a experiência de outros países, pretende apostar nestas tecnologias, considerando a sua dualidade. Isto é, como ferramenta útil a se aplicar noutros sectores e actividades e por outro lado como um sector formado por empresas do ramo das telecomunicações e tecnologias de informação. Por isto elaborou dois documentos fundamentais, trata-se do "Plano de Acção para a Sociedade de Informação" e do "Livro Branco das Tecnologias de Informação e Comunicação". Nota-se um significativo crescimento das empresas do ramo. Neste trabalho analisa-se as políticas e estratégias definidas pelo governo com vista a desenvolver o referido sector. Faz-se uma caracterização das empresas do ramo. Por outro lado, procura-se compreender aspectos relacionados a oferta e a procura, qualificações dos trabalhadores do sector e benefícios por parte dos trabalhadores em termos de salários e outros. O Governo espera que este sector em ascensão, contribua para a criação de mais postos de trabalho, que será um dos factores que poderá ajudar na redução dos índices de desemprego e terá impacto na redução da pobreza.

Sessão Temática 6 – **Memória e Identidade**

Dia: 04/07/2013	Hora: 14:30-16:00	Local: Anfiteatro 2103, CP2
------------------------	--------------------------	------------------------------------

Memória e notícia, da ambivalência de teoria geral do esquecimento

Emília Pereira, Universidade do Minho, Portugal

Estudos no âmbito, mais remoto ou próximo, de História Literária têm a questão geracional como mais relevante. Já a crítica moderna, que tende a ser feita por agentes extrauniversitários - reputados pares presentes em prémios literários, designadamente -, enfatiza o acerto de livros e tempos, abrindo a via à leitura contingente das obras que vão vendo publicação. O propósito declarado deste ponto de análise de Teoria Geral do Esquecimento (TGE) de J. E. Agualusa é o de mostrar os limites da dicotomia atrás explicitada. O modo pelo qual uma plêiade de escritores pode ter definição geracional, justificando o delinear de um espírito de grupo, tem a ver com o tempo, numa sua conceção mais alargada do que sociologicamente terá ficado estabelecido. Assim, não haverá um intervalo de tempo mais ou menos regular que aponte para uma geração na contemporaneidade lusófona pós-descolonização. Fruto da técnica de que todos fazemos os nossos dias e da aceleração de publicações de nomes já estabelecidos, tal homologia geracional tem expressão literária na emulação de escritores mais velhos, reputados e criticamente estabelecidos. Tal é particularmente evidente na leitura que venho propor de TGE como reinstanciação de obras lusófonas canónicas. A perspectiva concretiza-se na narração e na narrativa, na voz e ação, respetivamente. Através destes, venho dar a ver que Agualusa retoma Lobo Antunes e que, inscrita como o é na sociedade angolana coetânea, a temática de TGE procura ser, de modo diferido, a "notícia" de que Esplendor de Portugal se terá feito eco. Ainda assim, os aspetos de inscrição na vida angolana de agora fazem de TGE uma obra declaradamente empenhada, o que prefigura uma intervenção ou "engajamento" ressaltados.

As relações Portugal-Brasil na revista de história (1912-1928): reflexões em torno do luso- tropicalismo e da lusofonia

Nuno Miguel Magarinho Bessa Moreira, Universidade do Porto, Portugal

As realidades e os conceitos de lusofonia são plurais e complexos, comportando significações várias, sob o signo da diversidade cultural do espaço lusófono, envolvendo instituições, práticas, imaginários, doutrinas, teorias, mas também comunidades, povos e identidades. A lusofonia tem vindo a constituir um objecto heterogéneo, privilegiado nas últimas décadas, ao arripio de enviesamentos políticos, ou aproveitamentos económicos. Partindo da história e da historiografia, sem no entanto esquecer a necessária abordagem pluridisciplinar, esta comunicação visa compreender e problematizar as relações e representações culturais entre intelectuais de Portugal e do Brasil no seio da Revista de História (1912-1928), dirigida por Fidelino de Figueiredo. Esta personalidade empenhou-se na promoção de uma diplomacia cultural, com interesses indirecta mas efectivamente políticos, de teor conservador, utilizando uma alegada defesa do respeito pela Independência do Brasil para criticar os independentistas republicanos do outro lado do Atlântico, encarando-os como radicais, ainda que sem utilizar o termo. Ao analisar, em 1925, Um século de relações luso-brasileiras, Fidelino de Figueiredo pugna por uma convergência entre os dois países citados, mas em nome de um eventual colonialismo implícito. No derradeiro volume do órgão de informação e comunicação da Sociedade Portuguesa de Estudos Históricos presta-se homenagem póstuma ao historiador brasileiro Oliveira Lima. Entre os autores do tributo encontram-se os brasileiros Aníbal Fernandes, Mário de Mello e Gilberto Freyre. Assim, esta comunicação analisa também as origens do Luso-tropicalismo, distinguindo-o da lusofonia e tentando evitar o que Moisés de Lemos Martins designou como equívocos de dois conceitos híper-identitários, sem deixar de abordar as respectivas potencialidades. Concretiza-se uma abordagem ciente de que durante a Primeira República, e nos primeiros anos da Ditadura Militar em Portugal, embora o termo lusofonia não pertencesse ao uso comum, era já notória a presença de uma nostalgia lusocêntrica na Revista de História.

Turma da Mônica – imaginário, cultura e filosofia em 54 anos de história

Mônica Lima de Faria, Universidade Federal de Pelotas, Artur Rodrigo Itaquí Lopes Filho, Universidade Federal de Rio Grande, Brasil

O presente trabalho tem por objetivo apresentar algumas das muitas transformações pelas quais a Turma da Mônica passou para assim poder se adaptar e contribuir para com a formação do imaginário infanto-juvenil brasileiro. A história em quadrinho brasileira escrita, desenhada e desenvolvida por Maurício de Souza no ano de 1959, tinha como finalidade retratar a vida das crianças as quais ele observava em seu cotidiano. Em homenagem a sua filha, a personagem Mônica foi criada e sua turma espelhada nos inúmeros amigos com que ela convivia. Primeiramente, as aventuras retratavam as pequenas desventuras de sua filha, abordando desavenças, amizade, alegrias e tristezas daquele pequeno grupo, mas aos poucos, mais do que simplesmente retratar uma realidade observada, Maurício de Souza passou a retratar nas aventuras de seus personagens inúmeras questões complexas que constitui o arcabouço cultural de um país, sutilmente abordando questões acerca da educação, saúde, tratando de política e patriotismo e etc. Hoje, em sua versão mais madura (adolescente), a Turma da Mônica tem histórias um tanto mais intrincadas, visto que, nas páginas das aventuras das revistas em quadrinhos da Turma da Mônica Jovem, Maurício de Souza pretende retratar a conturbada vida dos jovens brasileiros do século 21, tratando assim de questões contemporâneas como preconceito, sexo, drogas e violência.

Pela Terra e Pelo Mar: Portugueses na América do Norte nos séculos XVI e XVII

Mariah Fátima Wade, University of Texas at Austin, EUA

A historiografia da presença portuguesa na América do Norte é quase desconhecida e requer um olhar atento aos arquivos das primeiras expedições coloniais que penetraram este território do Novo Mundo. A pesquisa revela a importância da atividade de pessoas singulares, bem como as incongruências de uma Europa liderada por um consórcio real ibérico. Esta comunicação examina os relatórios das expedições de Pánfilo de Narváez (1527-1528), de Francisco Vázquez de Coronado (1540-1542) e de Hernando de Soto (1540-

1542), bem como os documentos da colonização do moderno estado norte-americano do Novo México por Juan de Oñate (1598-1606). Estas expedições coloniais incluíram homens portugueses de todas as classes sociais com diferentes saberes e costumes, algumas vezes acompanhados de familiares, e sempre acompanhados de membros de ordens religiosas encarregados de cristianizar os indígenas e de atender às necessidades religiosas dos expedicionários. Muitos destes colonizadores portugueses pereceram, e os arquivos raramente revelam o que aconteceu aos que sobreviveram. De qualquer modo, a presença de portugueses na colonização do norte do continente Americano é reveladora da importância destes num padrão colonizador ibérico.

Contributos para a constituição de um cânone lusófono: Timor-Leste no contexto da produção literária em língua portuguesa

Micaela Ramon, Universidade do Minho, Portugal

Situada na ultraperiferia do antigo império colonial português, a mais jovem República Democrática a integrar o espaço dos países de língua oficial portuguesa – Timor-Leste, apresenta-se, para muitos dos que fazem parte dessa vasta comunidade histórica, linguística, política e cultural, como uma quase desconhecida, mormente quando se tomam como objeto de observação os sistemas de criação cultural e os produtos que daí resultam. No próprio território timorense, as políticas culturais não parecem ter tido ainda tempo de assumir protagonismo, sendo (compreensivelmente) relegadas para um plano subalterno num país a braços com a definição de todos os sistemas de organização de uma sociedade. Pese embora as considerações feitas acima, Timor-Leste tem uma literatura oral e escrita, produzida quer durante o período colonial, quer após a independência, cujo conhecimento e divulgação se afiguram cruciais para a constituição de um cânone verdadeiramente representativo da lusofonia. Nesta comunicação, propomo-nos traçar o retrato da produção literária timorense, começando por discutir os âmbitos de aplicação do conceito e centrando depois a nossa particular atenção na análise da obra do seu mais representativo autor da atualidade: Luís Cardoso. Pretendemos assim dar um contributo útil para alterar a imagem de isolamento cultural que afeta Timor-Leste, mostrando como a sua relevância

em termos de produção de património simbólico vai muito além dos domínios da antropologia e da etnografia.

Sessão Temática 7 – **Música e Cultura Popular**

Dia: 05/07/2013	Hora: 09:00-10:30	Local: Anfiteatro 2102 CP2
------------------------	--------------------------	-----------------------------------

A Marrabenta: Sua evolução e estilização, 1950 – 2002

Rui Guerra Augusto Laranjeira, ISARc, Moçambique

O presente artigo é uma adaptação da tese de licenciatura em história intitulada ‘Marrabenta’: Sua Evolução e Estilização, 1950 – 2002, do autor. O artigo conta a história social da ‘marrabenta’, género musical urbano, que se popularizou ao longo da década de 1960, em pleno período colonial, num contexto pouco favorável a promoção da cultura Moçambicana e, manteve – se popular até ao presente, apesar de momentos de menor fulgor em períodos imediatamente a seguir a independência nacional. Temos como propósito demonstrar como evoluiu e estilizou-se sem ignorar o seu contexto sócio-político e apurar se esta é de autoria de autor conhecido ou desconhecido. A realização deste estudo justifica – se pelo facto de até a data não existirem trabalhos de carácter científico sobre este género musical. Ao longo do mesmo constatou – se, que é produto de vários ritmos tradicionais do sul de Moçambique, de autor desconhecido, que se adaptou aos vários momentos históricos e que floresceu em meio urbano, produto de gente destribalizada que procurava se adaptar à sua nova condição social. Para a prossecussão deste desiderato recorreu – se à pesquisa bibliográfica, ao método histórico, das ciências sociais e a entrevistas. Palavras Chaves: Marrabenta, evolução, estilização, cultura urbana e música urbana.

O Festival Musidanças: uma análise discursiva da programação e dos manifestos (2001-2012)

Bart Paul Vanspauwen, Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Como é que o festival Musidanças, que promove músicos migrantes de língua portuguesa em Lisboa, concebe a sua comunidade envolvente, e de que

maneira é que mobiliza ou questiona estruturas e recursos existentes? Como é que o Musidanças administra as suas narrativas identitárias para construir memória cultural? Através de uma análise discursiva da programação e dos manifestos (2001-2012), esta comunicação pretende articular uma reflexão sobre a forma com a qual Musidanças (re) constrói a idéia de Lusofonia na promoção do diálogo intercultural e da inserção social. Especificamente, o propósito é introduzir análise de como e em que dimensão Musidanças recupera tradições culturais e desenvolve estruturas para seu avanço, constituindo assim um local de identificação e debate transnacional. Levando em conta os argumentos de Madrid para os estudos de música e performance (2009) e de Radano & Bohlman sobre a imaginação racial (2000), sugiro que Musidanças tanto fomenta uma ‘etnicização positiva’, quanto também estimula narrativas nacionais menos essenciais. O esforço de salvaguardar e promover o património musical lusófono manifesta-se nestes dois eixos. A relevância deste projeto é múltipla. Comunidades migrantes pós-coloniais, tradicionalmente esquecidas, vêm ganhando visibilidade na agenda política, nacional e cultural, implicando uma revisão da sua incorporação social e participação cultural na sociedade de acolhimento (Beja Horta 2008). No caso de Portugal, que abriga na sua capital uma diversidade de populações migrantes lusófonas, parece necessário refletir sobre as repercussões para a chamada ‘comunidade lusófona’ (Maciel 2010). A música oferece uma lente privilegiada para analisar a construção da identidade em contextos multiculturais (Castelo-Branco 1997). Neste sentido, esta comunicação pretende oferecer um melhor entendimento prático dos protagonistas musicais de Lisboa, pelos quais a comunidade lusófona é percebida como uma genuína forma de representação. A transmissão narrativa de suas memórias sociais no antigo centro colonial implica uma renegociação da imaginação racial e nacional.

A composição do som Tropicalista

Eduardo Kolody, Universidade de Brasília, Brasil

Os Mutantes – grupo protagonizado por Arnaldo Baptista, Rita Lee e Sérgio Dias, cuja importância foi fundamental na composição da música rock no

Brasil. Reflexões acerca da construção de uma identidade musical e cultural brasileira e participação dos Mutantes junto ao movimento conhecido como tropicalismo. Nesta pesquisa, procura-se desvelar a participação do grupo no movimento tropicalista – percebendo sua importância estética e comportamental – bem como sua inserção junto às novas práticas e fazeres musicais relacionados à indústria cultural desenvolvidos durante os anos 60, período de desenvolvimento da contracultura e da música psicodélica.

A canção brasileira e portuguesa: aproximações contemporâneas e experiências comuns nas décadas de 1970 e 1980

Alexandre Felipe Fiúza, UNIOESTE, Brasil

Este trabalho se ocupa das relações estabelecidas ao longo das décadas de 1970 e 1980 entre músicos brasileiros e portugueses, bem como da inserção das canções urbanas daí advindas no complexo universo da indústria discográfica e nos meios de comunicação de então. Portanto, tal comunicação contemplaria um recorte histórico da transição da ditadura à democracia nos dois países, bem como abarcaria o boom da indústria cultural ocorrido na transição da década de 1960 para a década seguinte. Assim, por meio da análise da discografia, de documentos da Censura de ambos países, da bibliografia e de entrevistas com músicos dos dois países, esta comunicação também levanta a inserção televisiva e discográfica da canção popular urbana portuguesa no Brasil e da canção brasileira em Portugal, bem como as experiências comuns entre estes artistas. Apesar do recorte contemporâneo e do foco na canção, não foram ignoradas as breves relações existentes entre músicos da música erudita destes países. Portanto, mediante um enfoque histórico, este estudo se ocupa de um corte mais contemporâneo, o que não tem sido freqüente nas pesquisas acadêmicas, pois no campo da comparação das manifestações culturais entre os dois países foram privilegiadas investigações sobre a origem de gêneros musicais portugueses e suas transformações no Brasil, as comparações entre as diferentes danças, sobre as festas, a culinária e as diversidades da língua portuguesa, entre outras, comumente circunscritas aos anos de colonização e ao período imperial brasileiro.

O local e o global nas tramas da Tropicália

Débora Dutra Fantini, Universidade de Brasília, Brasil

Pretendo analisar a questão da construção de uma identidade brasileira na elaboração e consolidação do Movimento musical Tropicalista, em especial seu disco - manifesto Tropicália ou Panis ET circencis, lançado em 1968. Suas canções representam uma ideia de nação e grande parte do seu discurso se baseia no diálogo entre culturas locais e globais. Saliento a importância de se estudar tais sujeitos não como indivíduos isolados, mas como atores envolvidos nos múltiplos processos de construção de identidades e memórias sobre a formação e constantes reconstruções da cultura brasileira. Podemos pensar no Tropicalismo como um espaço de organização e (re) construção de uma solidariedade de um grupo artístico, como um espaço de reivindicações, suas músicas têm um alcance político e social e se direciona, implícita ou explicitamente, à conscientização dos produtores e receptores dessas mensagens; além de reproduzir uma memória revitalizada dos artistas daquele momento, restaurando sua dignidade e denunciando seu inconformismo através principalmente do orgulho de imagens e símbolos de Brasil. Suas músicas, e por meio delas suas demandas sociais, são narrativas de interpretação do Brasil e da consolidação de identidades. As letras de suas canções podem ser compreendidas como um espaço crítico para as representações do Brasil, além de serem presentes as referências à África e a Portugal. Essas músicas serão analisadas enquanto potentes fontes simbólicas e afetivas de uma identidade cultural, já que apresentam um discurso claro de confronto contra o regime militar; negociando através de uma constante valorização de autenticidade da cultura brasileira, mas também da estrangeira. Busco compreender a formação discursiva e conseqüentemente a elaboração de certas identidades pelo Tropicalismo, por meio das canções, atentando para as letras e para os aspectos sonoros também enquanto um discurso.

A imagem do terrorismo no jornalismo: uma comparação entre a cobertura de Brasil e Portugal

Denise Cristine Paiero, Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil

Os atentados de 11 de setembro de 2001 e a morte de Osama bin Laden. Dois eventos que sobrevivem com força no imaginário acerca do Séc. XXI e que, provavelmente, ficarão registrados como alguns dos fatos mais importantes de nossa época, seja pelo que representaram historicamente, seja pela cobertura midiática exaustiva que receberam. O presente trabalho irá analisar as diferentes coberturas dadas a esses dois eventos por alguns dos principais jornais diários e revistas semanais brasileiros e portugueses. Para nossas análises, utilizaremos as edições imediatamente posteriores aos atentados de 11 de setembro e à morte de bin Laden, em publicações como os brasileiros Folha de S.Paulo, O Estado de S. Paulo, revista Veja e os portugueses Diário de Notícias, Correio da Manhã e a revista Visão. No caso dos atentados, a intenção é observar quais recursos – de texto e imagem - são utilizados por cada um desses grupos de publicações na definição do terrorismo, na construção das imagens de suas vítimas e dos próprios terroristas. Num segundo momento, analisaremos, nas mesmas publicações, as capas que anunciaram a morte de Osama bin Laden, em maio de 2011. Observando como veículos brasileiros e portugueses cobriram esse evento, percebemos, por exemplo, que os jornais do Brasil deram mais destaque à vitória dos EUA, enquanto os portugueses focaram no fim da ameaça ao mundo. Buscaremos entender como essas tendências se definem e suas motivações. A partir de recursos fornecidos pela Semiótica da Cultura e pela Teoria das Mídias, e utilizando como base textos de autores como Harry Pross, Ivan Bystrina e Norval Baitello Jr, serão observadas as estratégias jornalísticas que ajudam a criar a imagem que se tem do terror e dos terroristas no Brasil e em Portugal.

Pode haver beleza na dor? A cobertura imagética da tragédia da boate Kiss, em Santa Maria, pela Revista Veja

Alexandre Huady Torres Guimarães, Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil

No dia 06 de fevereiro de 2013, a Editora Abril lançou edição especial da Revista Veja que tratou, com destaque, da tragédia ocorrida no dia 27 de janeiro de 2013, na cidade gaúcha de Santa Maria, em que, em uma primeira contagem, 235 pessoas morreram em virtude da fumaça proveniente do incêndio que tomou conta da casa noturna. Além da capa, a edição 2307 da Revista Veja dedicou trinta e quatro páginas à fatalidade ocorrida durante a madrugada. Destas, seis páginas duplas são compostas por fotografias jornalísticas que tratam tanto do momento de resgate quanto de momentos subsequentes. Diante da forma captada pelo discurso dos fotógrafos e das matérias em si, a edição da Revista Veja subsequente, 2308, de 13 de fevereiro de 2013, em sua seção denominada Leitor, abriu três de suas quatro páginas para comentários de seu público leitor a respeito da cobertura. Pretende-se, a partir da cobertura dessa tragédia, tomando como corpus as duas edições citadas da mídia brasileira, discutir a presença ou não do discurso sensacionalista no texto fotojornalístico.

Uma lente portuguesa registrando conflitos bélicos na mídia impressa

Alexandre Huady Torres Guimarães, Luiz Gonzaga Meireles Brandão, Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil

João Pina, fotojornalista português, cobriu conflitos bélicos e guerrilhas urbanas em diversos países, entre eles Afeganistão, Líbia, África do Sul e Brasil. Suas fotografias compuseram as páginas de diversas mídias impressas de relevante importância para a área jornalística, tais como: “The New York Times”, “El País”, “Newsweek” e “Geo Magazine”. Além dos conflitos, suas imagens capturam o lado humano composto por pessoas que no dia a dia vivenciam os horrores das guerras. O presente trabalho objetiva analisar as fotografias capturadas por João Pina e, a partir das mesmas, discutir o discurso da violência presente nas imagens nascidas de um português que observa o mundo contemporâneo.

Convencionalidades narrativas e os crimes de proximidade: tensões na escrita jornalística

Bruno Souza Leal, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Os campos problemáticos da vida social (QUÉRÉ, 2005), como por exemplo as relações de gênero, tornam visíveis um risco constante no dia-a-dia das mídias informativas. Por um lado, as mídias informativas devem produzir narrativas que deem conta de apreender acontecimentos complexos e marcados por inúmeras e contraditórias dimensões. Por outro, essas narrativas devem obedecer às regras gerais que marcam os textos jornalísticos – em sentido amplo – e que os fazem reconhecíveis como tais por parte de leitores, telespectadores, radiouvintes, etc. Ou seja, as mídias informativas se veem tensionados entre as convenções historicamente constituídas que configuram seus modos de narrar e saber o mundo, que se sobreporiam a qualquer acontecimento, e o desafio à inteligibilidade que esses campos problemáticos impõem. Este artigo reflete sobre esse risco e essa tensão a partir de um conjunto de narrativas, recolhidas de periódicos jornalísticos lusófonos, acerca dos crimes de proximidade, ou seja, daqueles atos de violência entre pessoas ligadas por relações afetivas, como casais, namorados, e com parentesco familiar. Privilegiam-se, na análise, as narrativas dos chamados “pequenos acontecimentos” cotidianos, por serem exemplares dos modos regulares do jornalismo apreender o mundo e configurar as histórias que conta.

O sotaque na expressão da Lusofonia: representações simbólicas nas rádios dos países da CPL

Teresa Costa Alves, Universidade do Minho, Portugal

A rádio, e o som enquanto elemento principal de transmissão deste meio, constitui um poderoso veículo de expressão da identidade cultural de uma comunidade. A voz assume-se como o canal humano principal da rádio, veiculando uma série de padrões culturais ligados à sua expressão afetiva. No espaço lusófono, aqui analisado de acordo com as diferentes fronteiras físicas e culturais dos vários países da CPLP, uma mesma língua apresenta representações simbólicas distintas ao nível do sotaque. Este é distinto de país para país, e dentro de uma mesmo país, de província para província. O sotaque consegue, assim, constituir um fenómeno de ligação entre locutor e

ouvinte, ou até mesmo de afastamento, de não-identificação. Através do sotaque, o locutor expressa uma correlação entre meio e recetor que constitui a expressão identitária do seu país, região e consequentemente cultural. Pretende-se analisar, em primeiro lugar, as características fonéticas dos vários sotaques da língua portuguesa no âmbito dos países da CPLP. Posteriormente, comparar-se-ão essas características entre si, estabelecendo padrões distintivos dos sotaques dos vários países lusófonos. Por fim, será relevante aprofundar a questão do sotaque na sua receção junto do ouvinte, analisando através de entrevistas exploratórias qual o impacto relacional da identificação do ouvinte com o sotaque que escuta na rádio.

Sessão Temática 9 – **Lusofonia e Globalização**

Dia: 05/07/2013	Hora: 09:00-10:30	Local: Anfiteatro 2104 CP2
------------------------	--------------------------	-----------------------------------

Fluxos culturais assimétricos e reflexões comunitárias

Benjamin Abdala Júnior, Universidade de São Paulo, Brasil

Análise da ascensão do comunitarismo cultural, tal como ele se coloca diante da repactualização política internacional originária do crack financeiro de 2008. A partir do lócus enunciativo brasileiro, colocam-se dois enlaces principais, do ponto de vista literário e cultural: para os países de língua portuguesa e iberoamericanos. Tais formulações não restringem políticas de cooperação e de solidariedade, pois que, de acordo com o autor, o mundo configura-se cada vez mais como de fronteiras múltiplas e identidades plurais. O texto, a partir dessas configurações, centra-se no comunitarismo cultural dos países de língua portuguesa, levantando questões de ordem política no sentido de problematizar a atual assimetria dos fluxos culturais e as estratégias de administração da diferença para a preservação de hegemonias estabelecidas. Há referência a escritores (prosadores e poetas) de Portugal, do Brasil e dos países africanos de língua portuguesa.

Lusofonia(s) Hoje: Timor-Leste e a idealização de um espaço lusófono

Soraia Valy Lourenço, Instituto Camões, Croácia

Este artigo tem como objetivo refletir acerca das representações que o termo lusofonia tem incorporado, procurando analisar o(s) seu(s) percurso(s) numa viagem algo conturbada e ao longo da qual se têm (des)encontrado vozes, que, de algum modo, procuram um ponto de interseção na complexidade identitária, cultural e linguística que o conceito tende a mitificar. Timor-Leste, o mais recente país de LOP a integrar a CPLP e a (re)integrar o "mundo lusófono" renasce em plena era de globalização, após 25 anos de violento extermínio cultural e linguístico, reclamando o que considera seu por direito histórico e passado comum - a língua portuguesa e com ela, a recuperação da sua identidade. Este renascimento vem procurar uma reintegração num espaço que já foi o seu, reingressar numa História que já foi a sua e recuperar memórias numa língua que também já lhe pertenceu. Num país em que os vocábulos iniciados por "re-" têm um significado especial e em que reconstruir é a palavra de ordem, surge-nos a ela associada a reintrodução da língua portuguesa, através da qual vem tudo o resto. Coloca-se então a seguinte questão que pode ser igualmente interpretada como um verdadeiro desafio - que lusofonia(s) pode(m) aproximar, respeitando memórias, especificidades e culturas tão diversas, o que é tão disperso geograficamente, concretizando na realidade um projeto que, hoje, satisfaça todos os que partilham um passado, um presente e que perspetivem um futuro associado à essência da língua portuguesa?

Conceitos e reflexões sobre a lusofonia e o espaço lusófono

Mário Luiz Amorim da Silva, Universidade de Zagreb, Croácia

O presente artigo aborda os conceitos e as reflexões sobre a lusofonia e espaço lusófono em contexto global. E também é feita uma reflexão sobre o Plano de Ação de Brasília para a Promoção, a Difusão e a Projeção da Língua Portuguesa realizado em Brasília na VI Reunião Extraordinária, no dia trinta e um de março de dois mil e dez. Sendo assim, considerando tais pressupostos teóricos, este artigo pretende relacionar as ações de promoção da língua portuguesa através do ensino do PL2 (Português Língua Segunda) e PLE (Português Língua Estrangeira) e o conceito de lusofonia e o espaço lusófono.

O brasileiro no Instagram: uma identidade globalizada

Célia Maria Ladeira Mota, Paulo Henrique Soares de Almeida, Universidade de Brasília, Brasil

O trabalho busca analisar a representação do brasileiro no Instagram e discutir de que forma a mídia em rede tornou-se um importante vetor para reconstruir e repensar a memória da identidade nacional. Com base em 1.100 imagens selecionadas no aplicativo com a hashtag Brazil, a pesquisa pretende mostrar, em tempo de globalização e mundialização da cultura, de que forma o brasileiro está se representando para “o outro” e perceber se as características dessa representação ainda são as mesmas apontadas em diversas obras do século XX, onde a identidade do brasileiro tinha como referências principais a língua e os costumes e tradições.

Fragmentos que se recompõem em mosaico: Considerações sobre a presença da comunidade geo-cultural da lusofonia no ciberespaço

Lurdes Macedo, Moisés de Lemos Martins, Rosa Cabecinhas, CECS, Universidade do Minho, Portugal

A partir da constatação de que a língua portuguesa é a quinta mais representada, em número de utilizadores, no ciberespaço (Macedo, Martins & Macedo, 2010), esta comunicação pretende propor algumas pistas de reflexão sobre o modo como uma comunidade geo-cultural espacialmente fragmentada e dispersa por vários pontos do globo marca a sua presença no espaço virtual da internet. Pesem embora os elevados níveis de inflo-exclusão em muitos dos países lusófonos (Macedo, Cabecinhas & Macedo, 2011), os indicadores da Internet World Stats (2012) parecem ser claros quanto ao facto de a percentagem de penetração desta tecnologia de comunicação ser superior entre os falantes de língua portuguesa (34,1%) no conjunto do mundo (32,7%). Desta análise quantitativa, parte-se para uma análise de natureza mais qualitativa. Assim, do ponto de vista institucional – ou, se preferirmos, político, a investigação de Brito & Bastos (2011) revela os diferentes tratamentos dados à língua portuguesa, bem como a multiplicidade de interpretações e reações que a lusofonia convoca nos portais dos governos dos oito países da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP). Já do ponto de vista dos conteúdos produzidos na esfera não-institucional, é possível verificar que a

diversidade de discursos e de elementos de cultura colocados pelos internautas lusófonos no ciberespaço recompõe um mosaico que engloba diferentes vozes. Conclui-se que a pluralidade define a presença da comunidade geo-cultural da lusofonia no ciberespaço.

Sessão Temática 10 – **Semiótica das relações culturais**

Dia: 05/07/2013	Hora: 09:00-10:30	Local: Anfiteatro 2105CP2
------------------------	--------------------------	----------------------------------

A comunicação cultural entre Brasil e Portugal através dos ex-votos

Genivalda Cândido Val, UFBA, Brasil

A partir de estudos comparativos da cultura religiosa portuguesa e brasileira, pode-se chegar a um objeto comum entre os dois países, o ex-voto, que se trata de uma mídia artístico-religiosa. Os objetos ex-votivos são representações iconográficas (pintura, fotografias, objetos de cera etc.) da graça ou milagre obtido. Os objetos são contextualizados por sua riqueza tipológica e são conhecidos em alguns lugares do mundo. Transversalizando diálogos com áreas distintas de conhecimentos, pode-se observar os ex-votos como objetos híbridos, que retratam mais do que a contextualização de fé, eles remontam aos mais diversificados sentimentos do homem, como alegria, felicidade, amor, realizações e conquistas. De Portugal ao Brasil o ex-voto, numa rica tradição cultural, vem trazendo uma diversificação e mutação iconográfica e tipológica, que recai para a lingüística, arte, semiótica e que, portanto, se configura em uma enorme fonte de pesquisa sócio cultural. É nesse viés que esse artigo se centra, ao trazer como referência o estudo comparativo entre os ex-votos do Santuário de Nosso Senhor do Bomfim em Salvador Bahia, que adveio da fé e agradecimento de um capitão português, Teódosio Rodrigues, com alguns exemplares de ex-votos de Portugal.

O que Portugal anda a importar do Brasil

Simone Formiga, PUC, Rio, IED, UVA e FBAUP, Brasil

O trabalho pretende analisar transformações nas representações imagéticas do corpo português e dos comportamentos relacionados às questões de

gênero e verificar uma possível influência da hipervisibilidade do corpo brasileiro nessas transformações. A autora parte da análise da campanha publicitária do medicamento Depuralina - que promete aspirar gorduras, veiculada nas ruas da cidade do Porto em 2011 e 2012. Analisa peças publicitárias de produtos brasileiros veiculadas em Portugal, identifica os atributos de brasilidade e verifica como tais atributos estão sendo incorporados pela sociedade portuguesa como modelos a serem seguidos. Considerando que textos dialogam com outros textos e acabam por construir novos significados e se baseando no conceito de interdiscursividade e intertextualidade o trabalho busca elementos que demonstrem o que Portugal anda a “importar” do Brasil. Baseando-se no pensamento de Nestor Garcia Canclini, que acredita que “as tendências globalizadoras, sobretudo nas indústrias culturais”, não definem uma cultura global que substitua as culturas nacionais e em autores como Gilles Lipovetsky, com o conceito de “cultura-mundo”, Pierre Bourdieu, com habitus, entre outros autores consagrados, o trabalho busca identificar novas frentes de investigação sobre as influências da cultura brasileira nas representações portuguesas acerca das representações de gênero e do corpo. A metodologia proposta é a da leitura das imagens a partir do cruzamento de informações e da verificação de elementos que constroem uma rede de significados capaz de ressignificar conceitos e introduzir, em Portugal, novos valores importados do Brasil e apropriados pela sociedade portuguesa.

Há fonias: uma ponte entre o discurso político e poético de Mia Couto e Patrick Chamoiseau

Luana Antunes Costa, Universidade de São Paulo, Brasil

Em seu ensaio, Luso-afonias – a lusofonia entre viagens e crimes, publicado no livro *E se Obama fosse africano e outras interinvenções* (2009), o escritor moçambicano Mia Couto forja o seu entendimento sobre o conceito de Lusofonia a partir da experiência plurilinguística de seu país. Seu discurso ancora-se no fato histórico colonial português, ao revisitar a política do “colonialismo indigenizado” e na noção de língua como possibilidade de viagem, veículo de emigrações. Deste modo, observa-se que Mia Couto elabora, a partir de Moçambique, uma crítica endereçada a uma concepção de

Lusofonia, produzida, sobretudo, fora das fronteiras africanas e distante das realidades empíricas de países em que o plurilinguismo é elemento identitário. Entre a Metrópole Francesa e as Antilhas, por sua vez, observamos a construção do discurso político do escritor Patrick Chamoiseau, presente desde a publicação da obra coletiva *Éloge de la Créolité*, publicado em 1989. A obra se torna um marco na história da literatura antilhana, ao proclamar um movimento literário insurgente nas ilhas e a reivindicação pela identidade crioula. Em constante diálogo com o pensamento de Édouard Glissant e de Aimé Césaire, em sua obra *Écrire en pays dominé* (1997), Patrick Chamoiseau lança uma questão fulcral para pensarmos, dialeticamente, a construção de discursos construídos no interior (e/ou nas fronteiras) de territórios cujos traços de uma presença colonizadora ainda se faz observar: “Comment écrire, dominé?”, se interroga e nos interroga Patrick Chamoiseau. Nesse sentido, partindo da perspectiva de análise comparativista e levando em conta as diferenças históricas e geográficas de Moçambique e da Martinica, este trabalho busca traçar uma leitura dos ensaios aqui citados de Chamoiseau e Mia Couto, problematizando o discurso de tais escritores sobre as realidades empíricas de seus territórios natais, plurilinguísticos, em contrastes com seus entendimentos sobre noções de Lusofonia e de Francofonia

O retrato-tipo: identidades e identificações

Aline Lima, Universidade do Minho, Portugal

Desde a sua popularização, com os avanços técnicos da fotografia, o retrato tem-se prestado às mais variadas funções e usos sociais. A definição de retrato enquanto representação de uma pessoa, segundo ela mesma, enaltecendo a sua essência e trazendo à superfície da imagem a natureza íntima do retratado, ou seja, aquilo que o distingue, seguindo, ainda, um certo cânone, já não se mostra suficiente. No entanto, o retrato fotográfico não deixa de ser uma afirmação pessoal, moldada pelo processo social no qual o indivíduo está inserido. Nessa perspectiva, propomos realizar uma discussão acerca das representações identitárias e dos processos de identificação em duas modalidades específicas de retratos e utilizando-nos de imagens provenientes de fundos e coleções fotográficas portuguesas: 1. Retrato tipo-passe, ou sejam retratos que servem à identificação oficial dos sujeitos, e que

são usados, sobretudo, em documentos, como bilhete de identidade, passaporte, ou mesmo em fichas de identificação criminal, como no retrato policial, amplamente utilizado pelo sistema antropométrico de Bertillon; 2. Retrato de tipos sociais, que trazem representações estereotípicas de indivíduos em trajes típicos regionais e de costumes, e que podem ser facilmente encontrados em postais ilustrados, por exemplo.

O poético em Doisduas: o imaginário como expressão de linguagem

Wagner José Moreira, CEFET, MG, Brasil

The character of representation, understood as the exercise of the imagination, has influenced thinking about the artistic and media, which is to say something about your reception, your own production or the medium itself. When you think that kind of character under the aegis of the imaginary poetic Video or Video art, it can be said that the relationship between languages verbal, visual and sound brings to light a complex condition that establishes the assemblage of forces, many simultaneous or juxtaposition times and in order to generate the poetic texture. Considering this hypothesis, this study intends to investigate the stages escalate this process and its derivations on the operation by which one understands the Portuguese language and fictional production arising her as a model of relations established through agencied by visual, verbal and sound. The object chosen to develop this analysis is the video DoisDuas, filmmaker Cardes Amancio, produced in 2006. Comprising two poems verbal, a scenario ranging from urban to rural areas and the state of being lonely the crowd, besides the environmental sounds, voices and instrumental music, this poetic creation constitutes the crossing of these categories. This is exactly what takes place adjacent to see the space as the sign that shows the tradition and present agencied in a movement of integration and affirmation of a body distended by the scene. To conduct this reflection, you will need based on the theoretical thinking about the hybridity of language, Santaella, Matrices in language, as well as the concept of fruition, developed by Barthes.

Sessão Temática 11 – Pós-colonialidades, migrações e identidades em contexto lusófono

Dia: 05/07/2013	Hora: 10:45-12:15	Local: Anfiteatro 2101 CP2
------------------------	--------------------------	-----------------------------------

Timor em Portugal – heterotopia de um sexto império

Rita Ribeiro, Joaquim Costa, Universidade do Minho, Portugal

Ao fim de quase 500 anos de domínio, passado já o processo de descolonização, aquele que foi o território ultramarino mais longínquo do império português constitui-se, no fim do século XX, um pretexto de auto-reflexão sobre a condição pós-colonial de Portugal e a sua definição e posicionamento no mundo contemporâneo. No seguimento do referendo promovido pela ONU sobre a independência de Timor-Leste, em Agosto de 1999, é decidida nas urnas a separação deste território da Indonésia, que havia ocupado o território, em 1975, ainda no decurso do processo de descolonização portuguesa. O resultado da consulta popular desencadeia por parte das milícias pró-indonésias, com o apoio do país ocupante, uma vaga de perseguição e violência sobre os timorenses pró-independência, ameaçando a consecução da decisão democrática. Amplamente transmitidos pelos meios de comunicação social, os acontecimentos na pequena ilha do extremo asiático têm um eco insistente e incisivo em Portugal, que se subleva num movimento uníssono em defesa da reposição da vontade expressa pelo povo timorense. O que nos ocupa nesta reflexão é o processo de ajustamento identitário que este movimento vem promover em Portugal, designadamente a oportunidade de pacificação com o passado imperial/ colonial que a luta da ex-potência colonial protagoniza ao bater-se pela auto-determinação da ex-colónia. Assim, estarão em análise as formas de protesto ocorridas entre Setembro e Outubro de 1999, em Portugal, não enquanto descritores da tragédia timorense, mas como momento catártico de encerramento do capítulo colonial português potenciador de uma reconfiguração da identidade colectiva. Nesta medida, será dada prioridade à análise dos significados que, emanando desses acontecimentos, nos dizem mais sobre Portugal do que sobre Timor e, particularmente, enformam um aggiornamento do lugar de Portugal no mundo e a consolidação de uma auto-definição como país democrático, pós-colonial, europeu e moderno, mas simultaneamente empenhado numa nova relação com a “lusotopia”.

O ‘Lúcido’ reconhecimento das impurezas Lusófonas na pós-colonialidade portuguesa

Sheila Khan, Universidade do Minho, Portugal

A História de um país não se limita aos discursos e escritas oficiais sobre os eventos e factos que na sua convergência ditam o tecido de uma nação. Bem pelo contrário, a literatura assim como a diversidade de outras manifestações culturais, concretas e sistematizadas, mostram a profusidade de outras formas e vertentes da possibilidade da narração da nação, neste caso preciso, da narrativa histórica, sempre numa perspectiva diacrónica e dialógica. Lugares não localizados, palavras que ficaram por se fixar emergem dos estudos literários e culturais que procuram pensar a multiplicidade das vozes, das narrativas, das interpretações que a História não consegue alcançar e viver num todo, porque o todo histórico torna-se inalcançável. A Lusofonia como essência particular de uma nação que se imagina pós-colonial, traz também impurezas que necessitam de ser reivindicadas à luz de uma visão crítica sobre o que é hoje o Portugal lusófono, Portugal que balanceia entre o seu mítico sonho imperial e colonial, e uma desmedida futurista de se crer como nação europeia. Nesta comunicação procurarei dissecar as impurezas desta Lusofonia que, para muitos, traduz a sobrevivência de um saudoso lusotropicalismo, e que, para outros, não é se não uma rotina de silêncios e amnésias históricas na atribuição de valor humano e culturalmente reconhecido ao Outro da Lusofonia lusitana.

Limites híbridos. Pensando a lusofonia a partir das margens

Anne Burgert, Johannes Gutenberg Universität, Alemanha

A forma como a lusofonia é geralmente pensada afasta ideias de pureza e homogeneidade, focando-se na valorização do pluralismo e da diversidade (p. ex: Agostinho da Silva, Eduardo Lourenço). Estes valores permitem a perceção da “unidade das variantes” a nível da língua, perceção que facilmente pode ser traduzida para o campo das culturas. As variantes – tanto as linguísticas como as culturais –, com as suas qualidades dinâmicas, ganham produtividade no encontro com outras línguas e culturas, ou seja, em situações de contacto, onde se verificam modificações e influências mútuas. Nestes campos produtivos, “margens” da língua e da cultura, existe uma constante negociação

e re-negociação do Eu e do Outro, no sentido de uma busca identitária face à lusofonia. Estas “margens”, que exercem influências múltiplas e muito ricas sobre a própria lusofonia, encontram-se, por vezes, em situações precárias devido às incertezas ligadas às suas próprias identidades. As culturas híbridas (García Canclini) resultantes destas zonas de contacto encontram-se em situações comparáveis, independentemente de se tratar de grupos de emigrantes portugueses, culturas afro-brasileiras ou de comunidades autóctones africanas escolarizadas na língua portuguesa. Partindo de uma perceção dinâmica de cultura (cf. “transculturalidade”, Wolfgang Welsch), a comunicação visa analisar o que acontece nestas “margens” férteis, procurando descrever o dilema da escolha entre exclusão da e inclusão na lusofonia, e argumentando a favor de uma desterritorialização do próprio conceito da lusofonia, no sentido de uma dissociação da ideia da lusofonia a um espaço fixo.

Nacionalidade e pertença: a auto-identificação dos imigrantes cabo-verdianos e brasileiros residentes em Portugal

Paulo Costa, Universidade Aberta, Portugal

A nacionalidade é o laço jurídico-político que liga um indivíduo a uma nação. Esta ligação expressa ou gera uma identidade, a partir da história e da cultura do grupo, da língua falada e dos princípios e valores predominantes, bem como, quando a nação consegue concretizar a sua aspiração ao exercício do poder político e constituir um Estado confere aos seus membros um determinado estatuto de direitos e deveres de cidadania. O ingresso na nação tanto pode resultar de descendência comum (laços de sangue), como do nascimento ou da residência no seu território. Em 2006, ocorreu uma importante alteração legal no regime de aquisição e de atribuição da nacionalidade portuguesa e que se traduziu numa maior facilitação da sua concessão. Se, em abstracto, isso possibilitará a eliminação de restrições à atribuição do estatuto de cidadania, resta considerar em que medida ela pode contribuir para a construção de uma identidade comum que possibilite assegurar a coesão social na comunidade nacional e, nessa medida, garantir a disponibilidade para a cooperação entre os seus membros. Em 2008/09 foi desenvolvido um trabalho de campo na área metropolitana de Lisboa com o

objectivo de examinar as dinâmicas de integração de imigrantes brasileiros e cabo-verdianos aí residentes. Para isso, foi aplicado um questionário a uma amostra não representativa de 200 brasileiros e 200 cabo-verdianos, tendo estes sido questionados, nomeadamente, sobre a sua identificação e as suas motivações para adquirirem a nacionalidade portuguesa. No essencial, os resultados mostraram a prevalência da identificação com os países de origem e a igualdade de direitos e deveres de cidadania como a principal motivação para obter a nacionalidade portuguesa.

Migração e identidade em jornais comunitários de brasileiros no exterior

Maria Cavacanti Cunha, Célia Mota, Universidade de Brasília, Brasil

A partir de meados do século XX, o Brasil - que tradicionalmente era um país hospedeiro no que concerne à imigração - começou a apresentar um movimento contrário com brasileiros emigrando para o exterior, com um movimento de expulsão forçado pela ditadura militar (1964-1985). Nos anos 1980, essa emigração ganhou componentes de movimento de atração, estabelecendo-se então um fenómeno social novo no cenário das ciências sociais no Brasil: estudos desse fenómeno sendo feitos em diferentes domínios sociais (entre outros, escolas e igrejas), mas poucos deles no campo da comunicação. Neste trabalho, analisamos a emigração brasileira através da narrativa de jornais comunitários, definido aqui como o jornal editado por/e dirigido a membros de uma mesma comunidade transplantada, ou seja, aquela que, sendo originalmente formada por imigrantes e seus descendentes, ainda cultiva sua língua e seus costumes - como é o caso dos brasileiros da Costa Leste dos Estados Unidos da América. O objetivo do trabalho é caracterizar a identidade brasileira tal como revelada nesses jornais, que são, antes de tudo, um espaço cognitivo de experiências compartilhadas, por meio do qual os imigrantes percebem e simultaneamente experimentam o mundo presente (Estados Unidos) e o mundo passado (Brasil). Nesse sentido, o conceito de cidadania surge como um aporte essencial para definir essa identidade. O corpus do estudo foi extraído da versão on-line do jornal 'Brazilian Times', um jornal que, desde 1988, é editado na Nova Inglaterra.

Sessão Temática 12 – **Rituais e Cultura Popular**

Dia: 05/07/2013	Hora: 10:45-12:15	Local: Anfiteatro 2102 CP2
------------------------	--------------------------	-----------------------------------

O reisado cearense como manifestação cultural

Maria Auxiliadora Fortes, João Sá Bandeira, Gov. do Estado do Ceará e Prefeitura Municipal de Fortaleza, Brasil

Com base em Barroso (1996), o Reisado, de origem portuguesa, remonta à Idade Média e foi introduzido no Brasil no século XVI, mediante a colonização. No Ceará tem origem imprecisa, descendendo da fusão de diversos folguedos populares (de matriz europeia e africana), a saber: bumba-meu-boi, autos e dramatizações jesuíticas, as congadas, dentre outros. Presente no imaginário cearense, trata-se de uma fonte inesgotável de informações. Suas dramatizações e embaixadas, seus cortejos e personagens, têm fundamentado diversos estudos acadêmicos. Estes aspectos, tão importantes para os movimentos de reconstrução social, tornam-se pano de fundo para discutirmos, aqui, as práticas culturais nos países lusófonos na perspectiva do Reisado no Ceará. Desse modo, buscamos explicitar elementos, explorar aspectos e símbolos dessa cultura, manifestados nas brincadeiras e rituais, considerando, assim, essas práticas culturais como uma referência na educação, bem como um evento político como parte das distribuições objetivas do capital cultural dominante na sociedade.

Elos Brasil - Portugal: O léxico do Candomblé em Portugal

Camila de Lira Santos, Universidade Ludwig Maximilian Munique, Alemanha

A formação do povo brasileiro é marcada pela diversidade cultural dos povos que dela fazem parte. Do encontro dos indígenas com os portugueses e os africanos iniciou-se a miscigenação brasileira. Segundo Ribeiro, cada etnia contribui para a formação do povo brasileiro reorganizando sua cultura ao mesmo tempo em que o sincretismo cultural (re)criava a cultura brasileira. Sendo cultura, faz parte da língua portuguesa em sua variante brasileira. Língua que não se opõe ao português europeu, mas contribui para a diversidade do mundo lusófono. Estima-se que das línguas indígenas e africanas tenham sido incorporadas cerca de 10300 palavras ao vocabulário

brasileiro, como é o caso das palavras axé, acarajé e orixá, advindas do candomblé, embora muitos não saibam definir o seu significado religioso. Algumas foram também incorporadas ao léxico do português europeu. Com o intuito de analisar a influência dessas incorporações linguísticas e culturais das diversas variantes do Português, realizou-se em nossa Faculdade o estudo “Elos Brasil – Portugal” para discutir os laços que unem as culturas lusófonas. Neste sentido, este trabalho objetiva analisar o intercâmbio das relações religiosas entre Brasil e Portugal, refletindo o intercâmbio lexical do candomblé com a variante europeia do Português. Se no Brasil a linguagem do candomblé tem um alcance além dos terreiros, como se dá o intercâmbio da língua de santo com a variante europeia do Português? Com esta pergunta central, este trabalho visa situar o candomblé na história brasileira, abordando sua origem, seus ritos e cultos e a contribuição lexical deste ao português brasileiro. Depois analisar-se-á a situação do Candomblé em Portugal e possíveis contribuições lexicais para o português europeu. Também serão apresentados os resultados de pesquisas com informantes das Universidades de Coimbra e do Minho e da entrevista com Pai Jomar, discutindo-os e apresentando, se possível, a presença do léxico do candomblé em Portugal.

Ex-votos: tradição, arte, religiosidade e patrimônio cultural
José Cláudio Oliveira, Universidade Federal da Bahia, Brasil

O presente trabalho reserva-se à apresentação do ex-voto, objeto colocado, através do ato da desobriga, em santuários católicos, em específico, nas salas de milagres. Aqui, um recorte das produções do Projeto Ex-votos do Brasil: etapa museus, vinculado ao CNPq, que incursionou em museus e salas de milagres de 17 Estados brasileiros, e em algumas regiões de Portugal, espaços consagrados ao patrimônio cultural, que trazem, dentre suas riquezas, a natureza testemunhal da fé, e que apresentam histórias de vidas, retratadas em suportes pictóricos, fotográficos, bilhetes, esculturas, objetos orgânicos e objetos industrializados, apresentando situações individuais e coletivas que refletem em valores econômicos, sociais, educacionais, da saúde, do medo, do prazer, da felicidade, da tristeza, enfim, situações que, além de especificar a natureza do indivíduo enaltece a memória social local, regional e nacional, que no Brasil adveio de Portugal, e que hoje se mostra uma contínua e rica

tradição.

Igreja Evangélica: Comunicação e Música

Celso Ponte, Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil

A Igreja brasileira clássica experimenta um despertar e renovação das estruturas eclesiais. As lideranças têm cada vez mais mentes arejadas, desinstalam paradigmas ultrapassados, a igreja está se voltando às realidades e transformações do mundo moderno. É o fim da igreja aquartelada, de domingo somente. A facilidade nas comunicações que permite a qualquer pessoa receber mensagens das mais diversas formas e conteúdos, nos mais diversos meios de comunicação, faz com que uma instituição necessite buscar mecanismos facilitadores para que possa ocupar um lugar na mente de seu público, antes que outra instituição o faça; este posicionamento estratégico é a busca de vantagem competitiva da instituição em relação aos seus concorrentes. A partir destas constatações, o presente artigo pretende, em caráter exploratório, investigar as práticas de comunicação de igrejas no Brasil, especialmente em São Paulo, tendo como objetivo geral detectar se as estratégias de comunicação e as músicas utilizadas por uma Igreja Batista em seus cultos mantêm e atraem novos membros. De maneira mais detalhada, o presente estudo objetivou determinar de que forma estes instrumentos, tais como: campanhas, comunicação interna, e mensagem pastoral, as bandas e os corais favorecem a permanência dos fiéis e conquistam outros para uma unidade da Igreja Batista. A técnica utilizada na pesquisa de campo foi a da “História Oral”, junto a uma amostra de membros da Igreja Batista da Água Branca. Os resultados indicam que a aplicação da comunicação em marketing e as músicas pelas igrejas constituem-se em instrumentos que permite atrair pessoas para a igreja, proporcionando a sua sustentabilidade, respondendo positivamente ao problema de pesquisa.

De Camões a Benedito: genealogia da mística nas culturas portuguesa e brasileira

Marcelo Monteiro Gabbay, UFRJ, Brasil

O presente texto apresenta aspectos genealógicos da cultura Ibérica, especialmente centrados no período das grandes navegações do século XVI, traçando um paralelo com as culturais localizadas no interior da região amazônica brasileira na contemporaneidade. O objetivo é apontar como a racionalidade absoluta atribuída ao colonizador português ao longo dos últimos cinco séculos, apesar de representar uma suposta superioridade étnica sobre os povos colonizados, face à imbatível grandeza da mística cristã europeia, foi amplamente construída sobre um repertório imaginário tão potencialmente mitológico quanto aquele atribuído ao colonizado. A mística ibérica no período das colonizações ajudou a estabelecer, na música, especialmente, uma visão de mundo dividida entre a vida material e espiritual. Além disso, há toda uma gama de manifestações musicais na vida portuguesa de então que revelam o caráter comunicativo e conectivo com o mundo do divino atribuído aos festejos populares – como os vilancicos; o que foi certamente uma das bases para o surgimento de várias manifestações populares de cunho popular-religioso presentes ainda hoje nos interiores da Amazônia. Analisaremos ainda da literatura portuguesa do período, que tem na narrativa marítima *Os Lusíadas* seu grande ápice. O texto de Camões decora com volúpia mística as aventuras portuguesas oceano afora em busca das Índias, além de textos do teatro ibérico, destacadamente em Gil Vicente, dentre outros. Analisaremos aqui as festas de santo na Amazônia como mecanismo de reapropriação, por vezes subversiva ou necessária, da mística do colonizador. A partir da observação deste fenômeno, surge o questionamento da razão universal como dispositivo de controle largamente aplicado por meio da concepção ocidental moderna do divino. Mais uma vez, cabe reinterpretar este universo simbólico à luz da sociologia do cotidiano, chegando à proposição de racionalidades territoriais, apropriando-nos do conceito artaudiano de “revolução do espírito”.

Encontros e desencontros lusófonos: um estudo de caso sobre a Disney transmídia

Débora Cibeles de Benedetto e Silva, Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil

Aproximadamente 200 anos após sua primeira publicação em Contos de Fadas para Crianças e Adultos, de Jacob e Wilhelm Grimm, o conto Rapunzel ganha, em 2010, uma versão fílmica produzida pelos estúdios Disney; trata-se da animação Tangled. Paralelamente ao filme, a empresa Disney lança extensões da história em diferentes mídias: dentre outras, atrações em seus parques temáticos, uma linha de produtos diversos, videogames e um website oficial. Tal prática reflete a mentalidade transmidiática que caracteriza a empresa e que é destacada e justificada em sua declaração de missão: “usando um portfólio de marcas para diferenciar nosso conteúdo [...] nós almejamos desenvolver o entretenimento e os produtos mais criativos e rentáveis do mundo”. Por transmídia, entende-se, de acordo com Henry Jenkins (2009), o transmitir de mensagens, temas ou histórias através de diferentes plataformas de mídia que se complementam, cada uma com igual importância. No caso de Rapunzel e de outras produções Disney, a narrativa transmídia oferece ao público uma experiência mais ampla de envolvimento com as personagens e suas histórias. Ao mesmo tempo, gera um crescimento de diferentes nichos de consumidores para a empresa e consequente aumento de lucros. Sabendo que o filme Tangled e quase todas as suas extensões midiáticas ganharam traduções brasileiras e portuguesas, o trabalho proposto tem por objetivo analisar como a cultura e o mercado de cada país determinou a elaboração desse novo material, transposto do inglês para o português. As traduções do título do filme e seus cartazes de divulgação, bem como a elaboração de dois websites em português, um para Portugal e outro para o Brasil, serão o foco da análise pretendida.

Indústrias criativas: panorama do mercado de trabalho na área de comunicação, um estudo comparado Cone Sul e Moçambique

Vanessa Aparecida Franco Molina, Adolpho Carlos Françoso Queiroz, José Estevão Favaro, Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil

O presente artigo pretende discutir origens históricas sobre o desenvolvimento dos meios e das profissões comunicacionais (jornalismo, publicidade e propaganda, relações públicas, rádio, televisão e cinema) nos países do Cone Sul (Brasil; Argentina; Chile; Paraguai e Uruguai) e em Moçambique, com o objetivo de pesquisar questões contemporâneas do campo comunicacional e, no nosso caso, sobre o desenvolvimento das profissões, traçando um perfil comparativo de cargos e salários destes países. A origem do jornalismo no Brasil data de 1808 e em Moçambique de 1854 e a partir dela vieram na sequência, as agências de publicidade, o cinema, o rádio, as agências de relações públicas, a televisão e mais recentemente, a internet.

O editor de livros e a promoção da cultura lusófona: a trajetória de Francisco Alves (1848-1917)

Aníbal Francisco Alves Bragança, Universidade Federal Fluminense, Brasil

A Livraria Clássica, fundada em 1854, no Rio de Janeiro, veio a tornar-se, meio século depois, a maior editora brasileira. Seu crescimento está inserido nas transformações socioecon micas desencadeadas no Império Brasileiro com o fim do tr fico negreiro, em 1850. Francisco Alves de Oliveira, sobrinho do fundador da empresa, Nicolau A. Alves, chegou ao Rio de Janeiro em 1863, com 15 anos incompletos. Tio e sobrinho faziam parte de um processo de emigração que levou centenas de jovens minhotos alfabetizados a partirem para o Brasil. Em 1897, Francisco Alves tornou-se o único proprietário da Clássica, que passou a denominar-se Livraria Francisco Alves. Com uma sólida posição conquistada no país, tendo adquirido e incorporado várias empresas concorrentes, Francisco Alves expandiu seus negócios para a Europa. Adquiriu em Portugal o controle das editoras “Biblioteca de Instrução Profissional” e a “A Editora”, sucessora da casa David Corazzi, ambas de grande importância no mercado do livro de língua portuguesa, inclusive no Brasil. Em 1907, associou-se a Júlio Monteiro Aillaud, assumindo parte do controle da Aillaud, tradicional editora francesa; no ano seguinte, juntos

adquiram o controle da Livraria Bertrand, de Lisboa. Para Carlos Malheiro Dias, “A interferência dominadora da casa Aillaud e da casa Francisco Alves nos negócios da secular livraria Bertrand ia preparar à produção literária portuguesa um novo período, ampliando-lhe a área de expansão, garantindo-lhe a difusão no mercado brasileiro e realizando pelos únicos meios produtores das relações comerciais essa hegemonia literária entre a América portuguesa e a metrópole, que nunca passara até hoje, por falta de um afinado instrumento de execução mercantil, de uma aspiração inconceitual”. Francisco Alves chegou a ser conhecido como o “Rei do Livro”, mas a morte levou-o, em 1917, antes de completar 69 anos, interrompendo prematuramente seu maior projeto. Legou sua imensa fortuna à Academia Brasileira de Letras.

Entre o fluxo e o refluxo mediático da Lusofonia

José Gabriel Andrade, Universidade Católica Portuguesa, Portugal

Procurando perceber o que se entende por Lusofonia: “a Lusofonia é ... uma construção diaspórica, feita de fluxos e refluxos de migrações, em espaços físicos dispersos pelos cinco continentes. Ela é, por excelência, um local simbólico de encontro de identidades espirituais e culturais que têm, em algum momento, uma herança ou aproximação à cultura portuguesa” (Cunha, 2009). Buscamos, no rápido desenvolvimento do mundo falado em Português, investigar a interação comunicacional para compreender as características, os contornos, as tendências e padrões, bem como a evolução dos meios de comunicação de língua portuguesa no século 21. A “noção de circulação” (Rogers, 1980; Vaz, 2001; Santos, 2002; Bauman, 2004) nos ajudará a situar o fenómeno da mediatização e mediação no contexto dos fluxos comunicacionais, levando-nos além de uma perspectiva linear ou funcional dos dispositivos de mediação tecnológica. A relação actual entre os meios de comunicação nos países de língua portuguesa, e as suas comunidades, podem levar a mudanças nas culturas, em posicionamento global, nas populações, no desenvolvimento das instituições, em projectos e obras conjuntas, nos mercados, nas exportações, etc. O mundo globalizado actual se caracteriza por fortes migrações e pela mediação electrónica, proporcionando novas formas de estudar os padrões de consumo, do

multiculturalismo e questões de identidade (Appadurai, 1996). Procuraremos estudar a cultura falada em Português – entre Lisboa e São Paulo - no novo mundo global, mediada pelos meios de comunicação digitais, bem como os movimentos de pessoas, as viagens internacionais, os media internacionais, o novo espaço global e as comunidades virtuais, com especial atenção para o cultura específica de cada país.

Ondjaki, o “cinema bu” e as telenovelas brasileiras

Anabela Branco Oliveira, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal

No universo poético e narrativo de Ondjaki, cruzam-se as imagens e as palavras das telenovelas brasileiras num percurso intenso de recordações e de opções. As telenovelas alimentam imaginários, inspiram situações e cimentam expressões. E caminham ao lado de um outro universo que, enquanto versão infantil de caverna platoniana, projeta sonhos, percursos narrativos e imaginários: o universo cinematográfico. O “cinema bu” de Ondjaki percorre o poder mágico da oralidade, enuncia filmes imperdíveis, sequências inesquecíveis, atores inconfundíveis, imagens e desejos. As personagens rendem-se à magia e à alquimia do cinema e o narrador projeta um olhar cinematográfico.

Sessão Temática 14 – Lusofonia nas relações internacionais

Dia: 05/07/2013	Hora: 10:45-12:15	Local: Anfiteatro 2104 CP2
------------------------	--------------------------	-----------------------------------

A narrativa securitária no espaço lusófono: alinhamento ou diferenciação face às dinâmicas securitizadoras internacionais?

Ana Paula Brandão, Universidade do Minho, Portugal

A Escola de Copenhaga sobressai pelo seu contributo para os Estudos de Segurança graças à inovação teórica e epistemológica aplicada ao fenómeno da segurança, com patente europeia. É relevante o esforço europeu de teorizar sobre a segurança fora do quadro hegemónico norte-americano que pensava o fenómeno à luz das teorias das Relações Internacionais. O mérito é acrescido se considerarmos que, apesar da sua centralidade para as Relações Internacionais, o conceito de segurança foi, durante décadas, acriticamente

utilizado por académicos e práticos. Em contraste, no pós-Guerra Fria generalizou-se o debate sobre a segurança, do qual resultou uma abordagem ampla do fenómeno, multiplicando-se as vozes em defesa da descentragem dos eixos estadual (o estado como objeto e provedor da segurança) e político-militar (natureza da ameaça e meios de combate) paradigmáticos do Realismo. Neste contexto, foi clarividente o posicionamento crítico wæveriano sobre os críticos do Realismo ao alertar para a necessidade de analisar a segurança como um conceito intersubjetivo, socialmente construído, e de procurar perceber o porquê, o como e os efeitos do ato discursivo securitário, ultrapassando desta forma a (então) emergente divisão entre ‘tradicionalistas’ e wideners/deepeners. A tendência securitizadora surge associada a dinâmicas co-constitutivas: alargamento (segurança multisectorial) e aprofundamento (segurança multinível), nexos securitários (interno-externo, civil-militar, pobreza-conflito, público-privado), internalização da segurança interna e externalização da segurança externa. A narrativa securitizadora ocidental, intensificada pela resposta aos ataques de 11 de Setembro de 2001 e subsequentes, é indutora da clivagem Norte-Sul reconstruída em termos de segurança/insegurança : a ‘periferia de instabilidade e insegurança’ (pobreza, conflito, fragilização estadual, nexos inter-ameaças) que, segundo o discurso, ameaça o ‘centro de estabilidade e segurança’. Aplicando a framework teórica da Escola de Copenhaga, a presente comunicação propõe-se analisar o discurso dos países lusófonos tendo em vista verificar se estes reproduzem a tendência securitizadora internacional ou se constroem uma narrativa diferenciadora.

Potencial geopolítico da CPLP na segurança internacional

José António Palmeira, Universidade do Minho, Portugal

O fim da Guerra Fria pôs termo a um sistema internacional bipolarizado em duas grandes potências e respetivos aliados e deu lugar a uma Nova Ordem tendencialmente multipolar. Sem o constrangimento das potências diretoras do passado, os conflitos regionais tendem a emergir, perante a impotência do Conselho de Segurança das Nações Unidas cuja composição e procedimento de decisão ainda refletem a Ordem Internacional saída da II Guerra Mundial. A Carta das Nações Unidas reconhece a validade da cooperação regional nos

domínios da manutenção da paz e da segurança internacionais [artº 52, nº 1]. Um dos exemplos dessa cooperação envolve os oito Estados membros Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), primeiro a nível ministerial (1998), posteriormente alargado a chefes de Estado Maior das Forças Armadas e com uma componente de exercícios militares conjuntos. Um Secretariado Permanente dos Assuntos de Defesa, sediado em Lisboa, e um Centro de Análise Estratégica, com sede em Maputo, dão consistência a uma geopolítica que visa dotar o espaço lusófono de capacidade de intervenção em ações humanitárias e missões de manutenção de paz, sob a égide das Nações Unidas. Com o desenvolvimento do comércio mundial, como consequência da liberalização empreendida pela Organização Mundial do Comércio, e o aumento do transporte marítimo, os Estados Lusófonos, todos costeiros e alguns arquipelágicos, dotadas de extensas zonas económicas exclusivas, ganharam relevância geoestratégica no plano da segurança internacional. A cooperação entre os Oito, dispersos por três continentes e outros tantos oceanos, evidencia o potencial geopolítico da CPLP no domínio da Defesa, com particular destaque para o triângulo estratégico Angola- Brasil-Portugal.

Lusofonia em Macau: veículo para o diálogo intercultural fora do mundo lusófono, em contexto pós-colonial

Carmen Amado Mendes, Universidade de Coimbra, Portugal

Depois da transferência da administração portuguesa para a China em 1999, a Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) manteve o seu papel de ponte entre o Oriente e o Ocidente, inspirado pela chegada dos portugueses há 500 anos atrás. O legado arquitectónico, cultural e linguístico testemunhado em Macau tem sido acarinhado depois da transição, como ilustram as várias iniciativas governamentais e da sociedade civil, conscientes dos benefícios que o conceito de lusofonia pode trazer à Região. O aspecto mais visível foi a criação em 2003 de um Fórum de Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, com o seu Secretariado Permanente baseado em Macau. O interesse do Governo Central na utilização das especificidades desta Região Administrativa Especial como símbolo da aproximação da China a países com os quais, à partida, tinha poucas afinidades, reavivando o estatuto da língua e cultura portuguesas no seu

próprio território, revela o pragmatismo de Pequim. A herança histórica que Portugal deixou na RAEM, única característica que a China partilha com o mundo lusófono, contribui para criar entre continentes, que são geográfica, política e culturalmente distantes, uma inovadora forma de cooperação.

O que é o valor? Uma proposta para o estudo comparado da presença portuguesa no Oriente

Juliana Sandi Pinheiro, Universidade de Brasília, Portugal

O que é o valor? Pensa-se que a noção de valor, freqüentemente associada ao impulso comercial das rotas de navegação e da exploração dos recursos humanos e ambientais, pode ser igualmente analisada pelo impulso do conhecimento redistribuído em termos dos valores culturais e seus impactos sobre os objetos produtos do empenho humano, as pessoas e as estruturas sociais, além dos valores associados ao impacto humano sobre o ambiente medido pelos reflexos sobre a paisagem em termos territoriais e os reflexos sobre as estruturas materiais modificadas pela intervenção humana e observadas, por exemplo, nos sistemas biológicos animais e vegetais. Porém, o domínio sócio-cultural da noção de soberania nem sempre fundamenta os valores da igualdade e da solidariedade, perpetuando hierarquias funcionais onde Impérios coloniais como o espanhol e o português deram lugar a Impérios culturais como o britânico e o estadunidense. A análise da expansão marítima portuguesa em direção ao Oriente, sob a perspectiva do valor, pode na realidade vir a demonstrar a resiliência de componentes culturais e ambientais da presença portuguesa como parte da identidade-nação dos espaços antes conquistados. Ou seja, talvez seja possível falar na existência de um Império cultural português. Desde as grandes guerras mundiais, teses culturais, por terem ao mesmo tempo servido e suscitado nacionalismos extremistas de toda espécie, têm sido recebidas com ceticismo pela comunidade acadêmica de maneira geral. No entanto, a convergência valorativa entre os anseios e o comportamento das populações locais com fontes singulares de emanção cultural, seja portuguesa e/ou brasileira, pode resultar no que Hardt e Negri (2001) descrevem como “fenômeno da multidão”, qual seja, um corpus composto por redes de relações sociais, políticas e econômicas [e por que não culturais] capaz de ao mesmo tempo

sustentar ou se contrapor ao Império com base no biopoder e no pleno exercício da biopolítica.

Alguns aspectos geopolíticos sobre o processo de colonização e descolonização de Goa

Maria do Carmo Rebouças dos Santos, Umberto Euzébio, Universidade de Brasília, Brasil

O descobrimento da rota das Índias e das Américas através da navegação foi um dos acontecimentos mais relevantes para o desenvolvimento da Era moderna. O mar passou a ser o elemento de ligação entre os Continentes e redundou numa nova configuração geopolítica que foram os territórios ultramarinos europeus. Foi a partir da navegação portuguesa que se inaugurou uma visão de mundo “globalizado” propiciando ao mesmo tempo, a expansão comercial europeia e a subjugação de continentes inteiros por séculos. Goa é um Estado federado da República da Índia, mas não foi sempre esse o seu status. Antes, era mais um território asiático forjado nas heranças de civilizações como a védica, hindu, mulçumana, invadido e conquistado diversas vezes e finalmente colonizado pelos portugueses em 1498. Portugal imperou em Goa por 465 anos quando em 1961 o exército indiano invadiu e anexou o território à Índia. O presente artigo visa contar essa história investigando como sucedeu o fenômeno da colonização e descolonização de Goa. O trabalho analisará os aspectos geopolíticos e históricos relevantes nesse processo, correlacionando-os sempre com o contexto internacional da época, o Pós-Segunda Guerra. Da mesma forma depreenderá quais interesses nortearam a ação indiana para demandar a transferência da soberania de Goa, a reação de Portugal a esses interesses e as ações realizadas pelos portugueses para sustentação de seu projeto colonial. O trabalho delimitará o contexto social e econômico de Goa no período da liberação e o papel desempenhado pelos movimentos organizados goenses e indianos. Por fim, o artigo identificará a existência ou não de interfaces lusófonas na cultura goense contemporânea. Para tanto, a investigação utilizará a abordagem de identificação de interfaces entre a história, a geopolítica, as relações internacionais, a cooperação internacional e o desenvolvimento que conduza a

uma visão integral dos aspectos geopolíticos da colonização e descolonização de Goa.

Sessão Temática 15 – **Representações Identitárias e Diversidade Cultural**

Dia: 05/07/2013	Hora: 14:00-15:30	Local: Anfiteatro 2101 CP2
------------------------	--------------------------	-----------------------------------

O Processo Identitário do Sujeito numa Perspectiva Freiriana

Gildo da Costa, Faculdades Integradas de Guarulhos, Brasil

Preocupado em romper com a cultura do silêncio, símbolo de uma sociedade arcaica balizada por relações políticas verticalizadas, Paulo Freire repensa o sistema da educação a partir da língua portuguesa e impõe uma matriz de pensamento que marcou a teoria educacional e o colocou como, talvez, o mais destacado pedagogo do século XX. Entende o contexto histórico no qual sua teoria emerge como dividido em sectarismos políticos representados por uma direita anacrônica e por uma esquerda ortodoxa; em face destes radicalismos inconsequentes, estruturas próprias da incomunicabilidade, Freire oferece um outro radicalismo, dialético e integrador, condição única para uma reconstrução social. Longe de qualquer estrutura narrativa pré-fixada, o processo identitário do sujeito em Paulo Freire dinamiza-se sob a categoria do diálogo. No programa de Freire, toda desverticalização das relações sociais perpassa o diálogo crítico e a fala, tanto um quanto outro inserido numa perspectiva de transformação da sociedade que não resulta simplesmente da transformação do sujeito, mas acontece com ela. Isso implica a concepção que rompe ao mesmo tempo com o idealismo e com um pragmatismo redutor. A busca de um caminho para emergência do sujeito não pode decorrer da inércia da ideologia oficial, nem tampouco do desprezo a esta, que em si se mostra como manifestação da consciência prática. É na esteira da pedagogia da pergunta sem o oferecimento da resposta, que serão forjados os elementos contrários à ideologia. Estes, por não tipificarem mera oposição, impõem uma relação antitética rumo à superação do conflito. Longe da palavra, longe da língua, não há homem, não há mundo ou, pelo menos, não há homem

relacionado com o mundo e consigo mesmo. Num só golpe o diálogo horizontalizante rompe com o discurso e com a submissão.

Fim do império - sequelas sem fim: malhas que o império teceu segundo Os Pretos de Pousaflores

Leonor Simas-Almeida, Brown University, EUA

Os Pretos de Pousaflores, de Aida Gomes (D. Quixote, 2011), sugere muito interessantes pistas de reflexão sobre temas como o fim do império colonial português e algumas das suas sequelas, tanto imediatas quanto outras que ainda hoje se fazem sentir. A leitura que proponho -- tomando como pressuposto a função hermenêutica das emoções expressas num texto literário, articuladas com as estimuladas nos leitores -- focaliza alguns dos protagonistas /narradores deste romance, destacando em particular a combinação de realismo e poeticidade na respectiva caracterização, bem como o potencial efeito desse dispositivo narrativo na recepção, emocionalmente engajada, da obra no seu todo.

Aspectos portugueses e africanos na tradição do Congado brasileiro

André Mendes Pereira, Conservatório de Música Padre José Maria Xavier, Brasil

Proponho uma reflexão crítica que considere os conhecimentos relacionados à cultura popular brasileira, e em especial aqueles ligados a musicalidade de uma manifestação cultural denominada Congado, que mescla elementos africanos e portugueses no contexto brasileiro. A sonoridade produzida nas festas de devoção à Nossa Senhora do Rosário, também denominadas Congado, se compõe de músicas de fé, feitas por membros de uma mesma comunidade de irmãos que cantam e tocam recriando e re-elaborando seus mitos desde os tempos do cativeiro. O catolicismo português presente no continente africano desde fins do século XV influenciou significativamente esta manifestação afro-brasileira que reinterpreto esse catolicismo português através de códigos culturais africanos no Brasil. Este trabalho busca realizar uma análise do Congado de Nossa Senhora do Rosário do Rio das Mortes e em especial os aspectos musicais e a sua relação com os aspectos extra musicais.

Esse grupo de Congado é composto por violões, cavaquinho, banjo, acordeon, tambores e pandeiros, já demonstrando nessa formação seu hibridismo cultural. A realização da festa segue todo um cronograma ritual, onde se encena a coroação de uma corte, que se inicia com a alvorada, passando por missas, passagens em casas de reis e rainhas, levar e trazer a corte de volta para a igreja, coroações e procissões. Tudo isso vem acompanhado da figura do mouro, um personagem vestido de vermelho que acompanha a guarda e brinca com as crianças e com os homens com uma espada mas sua função principal é tentar derrubar as coroas dos reis e rainhas. Através de estudo etnográfico em diálogo com a contextualização histórica, busco a compreensão da música desta tradição e das principais representações simbólicas envolvidas na atividade. Nesse sentido, este trabalho, intenciona abordar os significados dessa festa, bem como o sentido dessa manifestação musical religiosa.

Uma leitura sociológica da Carta de Pêro Vaz de Caminha com base em conceitos de Erving Goffman

Rafael Gonçalo Filipe, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Portugal

Objecto (e justificação): Leitura da Carta de Caminha com base na aplicação de uma grelha conceptual fornecida pela obra de E. Goffman *The Presentation of Self in Everiday Life* (A Apresentação do Eu na Vida de Todos os Dias). Além da preocupação antropológica comum aos dois autores, o facto de Goffman recorrer amiúde a passagens de obras literárias, historiográficas e memorialísticas para construir ou ilustrar os seus conceitos, sugeriu o procedimento inverso: a aplicação de conceitos Goffmanianos como grelha para uma possível primeira leitura sociológica da Carta. Acresce que a predominante espacialidade da abordagem de Goffman (Peter Burke) apresenta vantagens para a análise da reiterada co-presença e interacção entre os portugueses, sociedade organizada segundo a pirâmide feudal, e a organização social dos índios, em que a dimensão temporal é fortemente contida pelas estruturas mítico-tradicionais. Objectivos: Mostrar a pertinência e a relevância dessa leitura sociológica. Metodologia: Close reading do texto de Caminha, procedendo-se à identificação e ao comentário de passagens susceptíveis de enquadramento e de compreensão aprofundada no âmbito da

referida grelha conceptual. Impuseram-se como estruturantes da leitura ensaiada os conceitos Goffmanianos de equipa de desempenho, regiões de fachada e de bastidores, equipa dos actores (os europeus) e equipa dos espectadores (os índios), controlo do cenário (que permite à equipa dos actores a introdução de dispositivos estratégicos condicionadores da informação acessível à outra equipa); finalmente, o importante conceito de negociantes de moralidade, que, segundo Goffman, introduz uma dialéctica fundamental e que, a nosso ver, impregna a estratégia dramaturgica dos portugueses no seu relacionamento com os indígenas, sempre mais reactivos e defensivos, evidenciando pela ameaça de interrupção da interacção e pela interdição do acesso dos europeus aos seus bastidores uma última linha de resistência à presença opressiva daqueles. Enquadrados pelos conceitos estruturantes, serão ensaiados ainda outros, tipificando comportamentos mais espontâneos ou singulares dos actores em presença, como é o caso dos papéis discordantes. Resultados: A narrativa Caminiana parece, assim, moldar-se com pertinência ao quadro conceptual retido. Esta grelha, no essencial, poderá ficar disponível para o estudo sociológico de documentos análogos à Carta, nomeadamente os que surpreendem os primeiros contactos dos europeus com populações noutros estádios de desenvolvimento, ao longo dos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX, aquando do processo ocidental de expansão ultramarina de que resultou a constituição dos grandes impérios coloniais das potências europeias. Parafraseando Peter Burke ao falar de O Cortesão de Baldassare Castiglione, bem poderá ser Caminha uma espécie de Goffman da transição do século XV para o século XVI.

Sessão Temática 16 – **Publicidade, fluxos audiovisuais e projetos de intervenção**

Dia: 05/07/2013	Hora: 14:00-15:30	Local: Anfiteatro 2103 CP2
------------------------	--------------------------	-----------------------------------

Linguagem publicitária no Brasil. Da origem portuguesa ao jeitinho brasileiro

Paula Renata Camargo Jesus, Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil

A origem da publicidade brasileira tem relação direta com a presença da linguagem portuguesa, enfim, nossa origem. Em 1800, no tempo do Príncipe

Regente, fugido para o Rio de Janeiro por determinação de sua Corte, já existia anúncios em território brasileiro, inclusive divulgando a venda de escravos e de imóveis. Por conta de uma saúde precária que dominava o país, anúncios de remédios passaram a ocupar o “Jornal do Comércio”, fundado em 1827. Anúncios de elixires prometiam curar até as dores da alma das pessoas. Mas foi a partir de 1850 que os versos e as rimas passaram a fazer parte da linguagem publicitária brasileira. Somente com a conhecida “poesia do comércio”, os anúncios passaram a ocupar espaço em cartazes de bondes, jornais, revistas, enfim, nos meios de comunicação de massa. Os poetas Olavo Bilac, Emílio de Menezes, Hermes Fontes, Basílio Viana, Guimarães Passos e Bastos Tigre foram os precursores da poesia nos anúncios publicitários. Bastos Tigre criou o slogan “Se é Bayer, é bom”, durante a Semana de 1922. Slogan que ainda hoje é utilizado pela empresa de origem alemã no Brasil, tamanha a sua importância para a marca. E foi justamente Bastos Tigre que ousou parodiar Os Lusíadas, de Luís de Camões, no anúncio publicitário para o xarope Bromil, chamando-o de Bromilíadas. Foram 1102 estrofes contendo 8 816 versos decassílabos com estrofação sempre na oitava rima. Dentro dessa breve introdução, o presente trabalho pretende fazer uma análise da linguagem publicitária no Brasil. Como objeto de análise, serão verificados os anúncios de medicamentos do início da publicidade brasileira, destacando não apenas os traços poéticos, mas a influência da linguagem portuguesa, marcante nesse período. Para isso, será relevante recorrer em um primeiro momento à pesquisa documental, em seguida à análise do discurso dos anúncios selecionados.

A questão verde na publicidade da mineradora Vale: o caso do Parque Botânico

Filipe Aquino, Universidade do Porto, Portugal

Esta trabalho investiga, a partir de análises dos contratos comunicacionais, o agendamento temático-figurativo da responsabilidade ambiental na publicidade da mineradora Vale, a segunda maior do mundo, no estado do Maranhão, no Nordeste brasileiro. O exame da temática é efetuado a partir de diferentes publicidades impressas publicadas em jornais maranhenses entre 2009 e 2011. O estudo embasa-se na semiótica plástico-discursiva a partir de

Diana Barros e Vicente Pietroforte, na teoria social do discurso, a partir de Norman Fairclough, nas teorias discursivas de Ernesto Laclau, e, em especial, o conceito de hegemonia na visão de Gramsci. A isso, somam-se reflexões e aportes teóricos de Joan Martínez Alier, Laymert Garcia dos Santos e Maria Eduarda da Mota Rocha de forma a identificar a "persona verde" e os sentidos de responsabilidade ambiental publicizados pelo enunciador.

O mercado da fascinação: a propaganda televisiva e consumidor infantil no Brasil

Maria Goreti Artico, Jair Artico, Universidade Paulista, Brasil

As crianças despertam para a sociedade do consumo muito precocemente. Parte da responsabilidade pelo consumo desenfreado desse público está nas estratégias publicitárias, veiculadas pelas emissoras de televisão. O impacto da mídia televisiva independe do gênero, faixa etária, nacionalidade, crença ou poder aquisitivo. Por outro lado, as crianças são as mais afetadas, pois estão em pleno desenvolvimento e são mais vulneráveis que os adultos. Conforme dados do Censo Demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010, dos 190 milhões de habitantes, mais de 28 milhões são crianças com até 9 anos de idade, representando mais de 15% da população total. Essa porcentagem de crianças representa um consumo cada vez maior. O mercado infantil tem um crescimento anual em torno de 14%, o dobro do mercado adulto, e chega movimentar em torno de 50 bilhões de reais por ano (PEGN, 2010). Karsaklian (2000) associa a fascinação que a propaganda exerce sobre a criança, como fator primordial do crescimento do mercado consumidor infantil. Segundo a autora, 98% das crianças com seis anos e 82% das crianças com quatro anos sabem diferenciar propagandas e programas, e apontam que as propagandas são mais engraçadas e mais curtas do que os programas. Diante de um mercado em expansão, os anúncios publicitários direcionados ao público infantil, sobretudo os que estimulam o consumo de diferentes produtos e serviços, crescem vertiginosamente na grade de programação televisiva. Dessa forma, discutir como ocorre a relação entre os expoentes do mercado infantil e as propagandas destinadas ao consumo precoce, circunscrito na faixa de 2 a 6 anos, será o objetivo desse

artigo, que terá como referência base os dados estatísticos dos anos de 2010 e 2011.

Fluxos Audiovisuais Lusófonos: A telenovela na televisão portuguesa e como conteúdo de exportação

Eduardo Cintra Torres, Catarina Duff Burnay, Universidade Católica Portuguesa, Portugal

Nesta comunicação pretendemos apresentar o levantamento empírico da produção de telenovelas nos operadores generalistas portugueses e seus canais internacionais no período de 20 anos desde o arranque da televisão privada em Portugal em 1992, cotejando-as com as audiências médias obtidas e os horários de transmissão. Será feito o levantamento das telenovelas portuguesas, brasileiras e de outros países íbero-americanos. Procuraremos igualmente fazer o levantamento das exportações de telenovelas portuguesas, nomeadamente para os países de língua portuguesa. Este levantamento quantitativo permitirá estabelecer um quadro completo e fiável do intercâmbio de conteúdos televisivos em língua portuguesa no mais popular e exportável dos seus géneros, a telenovela. Com esses resultados, nomeadamente avaliando audiências médias e lugar no ranking de programas mais vistos, poderemos partir para uma reflexão sobre o papel da televisão, e da telenovela em particular, como instrumento efectivo e vibrante da aproximação dos povos dos países de língua portuguesa.

Porquê a necessidade de uma Conexão Lusófona?

Laura Vidal, Conexão Lusófona, Portugal

O cenário mundial abre cada vez mais espaço para uma ação conjunta dos povos de língua portuguesa no sentido de afirmarem globalmente os seus valores culturais.

Com os seus atuais 244 milhões de falantes, na sua maioria jovens, e com taxas de crescimento demográfico que evoluirão, segundo a ONU, na ordem dos 44% até 2050, num futuro próximo representaremos cerca de 4% da população mundial.

Apesar da crescente relevância na cena internacional, a Comunidade de Países

de Língua Portuguesa (CPLP) ainda se encontra aquém do seu potencial no que diz respeito à adesão a um sentimento de pertença a um espaço linguístico comum.

No nosso entender, isto deve-se essencialmente à falta de laços entre as sociedades que a integram, em parte gerada pelo desconhecimento mútuo.

Achamos que o trabalho, no sentido da criação de uma consciência lusófona, no momento atual que vivemos, constitui uma oportunidade única para assegurar e fortalecer o futuro da cooperação entre os povos de língua portuguesa.

Sessão Temática 17 – Migrações e identidades em contexto lusófono

Dia: 05/07/2013	Hora: 14:00-15:30	Local: Anfiteatro 2104 CP2
------------------------	--------------------------	-----------------------------------

A narrativa autobiográfica de Lucy: uma história líquida que flui no debate acerca da lusofonia

Marina Galvanese, Olga Solovova, Elsa Lechner, Universidade de Coimbra, Portugal

Nos anos 1990, quando o discurso da lusofonia enfatizava os supostos laços linguísticos, históricos e culturais que unem Portugal às suas ex-colónias e fundamentava ideologicamente a formação de um espaço lusófono (a CPLP), muitos cidadãos destas ex-colónias emigraram para Portugal. Partindo desta formulação discursiva, as políticas de imigração portuguesas privilegiavam imigrantes “lusófonos”. Não faltaram, contudo, críticas à lusofonia e às políticas migratórias portuguesas, destacando a heterogeneidade dos países, o silenciamento da violência colonial e as consequências perversas daquelas políticas. Porém, conforme veremos, ao debate entre os defensores da lusofonia e os seus críticos escapam as pessoas em carne e osso cuja complexidade de experiências é impossível de ser captada por separações maniqueístas do mundo. Este trabalho apresentará a narrativa autobiográfica de Lucy, filha de pai português e mãe angolana, nascida durante a Guerra Colonial e que depois de passar anos afastada da família pela a guerra civil emigrou para Portugal. Ao relatar a sua experiência migratória, a história de Lucy transforma-se, para usar a expressão de Bauman, numa história líquida que flui entre países, línguas e culturas, e que transborda a todas as tentativas

de delimita-la por qualquer dos polos do debate. Sendo, como ela mesma diz, o fruto das contraditórias relações que unem Portugal com Angola e tendo vivido em ambos os países, a sua narrativa constrói-se pelas referências a estes espaços, que podem ser tão geográficos quanto imaginários. Por meio de uma intersecção entre a história de Lucy e os debates acerca da lusofonia, identificaremos naquele debate os elementos que servem de barreiras ou obstáculos à sua narrativa, obrigando-a a percorrer certos caminhos e a se identificar ora como angolana, ora como portuguesa, bem como a aproximar-se ou afastar-se do discurso da lusofonia.

Os Chineses em Portugal: uma outra face da lusofonia

Isabel Pinto, CEI, Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto, Portugal

A ideia de comunidade lusófona, conduz-nos geralmente ao conjunto de países e territórios cuja ligação histórica a Portugal remonta a um passado mais ou menos distante. A língua portuguesa é nesses locais oficial, embora seja quase sempre utilizada com adaptações locais. São esses os “cidadãos lusófonos” em quem vulgarmente se pensa, ao abordar temas relativos à lusofonia. Porém, se consultarmos a lei portuguesa, concluímos que independentemente da sua origem, os imigrantes residentes em Portugal, bem como os seus filhos, podem, sob certas condições adquirir a nacionalidade portuguesa, o que os torna igualmente membros da comunidade lusófona. Mas o que sabemos nós desses outros, que podem ser moldavos, russos ou chineses, que partilham connosco uma lusofonia, de que provavelmente nunca ouviram falar? Não podemos esperar que em troca da nacionalidade que lhes é dada, surja espontaneamente um sentimento de portugalidade e de inserção numa comunidade de falantes de português. Para que isso aconteça, é necessário que, ao invés de indiferença, demonstremos interesse pelo outro e pela sua cultura. Essa atitude pode levar a um sentimento recíproco e através da interculturalidade, ser a base para uma integração social positiva. Pode ser a semente que transformará esses cidadãos em verdadeiros membros da comunidade lusófona. São estes pressupostos que tornam importante conhecer aspetos culturais de alguns desses outros portugueses, sobre quem pouco sabemos apesar do seu número ser elevado, como é o caso dos

chineses. Daí ter surgido a ideia para esta apresentação, na qual se pretende simultaneamente dar ênfase a alguns aspetos culturais chineses de âmbito feminino, pelo facto da mulher através da maternidade ter um maior papel no que toca à transmissão cultural. Pretende-se assim, contribuir para um maior conhecimento de uma comunidade cujo exotismo cultural, enriquece a multiculturalidade portuguesa e consequentemente lusófona.

Migrações no espaço lusófono: narrativas que se (des) constroem num «palco» comum entre laços e desenlaces

Paulo Baronet, Santa Casa da Misericórdia de Castro Daire, Portugal

Vivemos num mundo complexo, globalizado, dinâmico e relacional. Por muito que não nos apercebamos as nossas narrativas identitárias e as memórias sociais que construímos, alicerçadas nessas narrativas, estão intrinsecamente relacionadas com a forma como a vida material, os nossos quotidianos e regularidades, se ajustam a esse mundo em que vivemos. A Lusofonia, entendida basicamente como um conjunto de identidades culturais que partilham um aspeto em comum – a língua portuguesa – sofre hoje diversos processos de (des) ajustamento e de (re) construção que a moldam com certos contornos que outrora não faziam tanto sentido no contexto nacional. E esses processos de (des) ajustamento e de (re) construção acabam por ser justificados quer por influência de razões micro como macrosociológicas. Julgamos que as migrações internas é um campo de análise onde podemos verificar como as identidades culturais se (des) ajustam ou (re) constroem reciprocamente. Os nossos estudos ajudam a compreender que as razões que levam os jovens adultos a migrar entre o campo e cidade são múltiplas, o que faz com que os perfis de jovens que acabam por sair não sejam homogêneos. Diríamos assim que perante uma realidade objetiva (as mobilidades geográficas entre a ruralidade e a urbanidade) podemos descrever múltiplas narrativas identitárias que acabam por ajudar a definir o que entendemos por Lusofonia. Pretenderemos debater esta questão discutindo como se constroem as narrativas identitárias dos jovens adultos que migram entre o campo e a cidade; os processos que conduzem à (des) construção das suas memórias sociais, e o modo como essas narrativas e memórias contribuem ou

não para a (re) construção da Lusofonia em contextos interculturais. A nossa proposta basear-se-á em dois estudos de caso onde se procurou compreender como se constroem socialmente as trajetórias e os perfis de saída entre o campo e a cidade.

Trânsitos e migrações entre o português e o alemão: a comunidade de cultura germânica no ABC paulista

Priscila Perazzo, Alberto Iszlaj Junior, Mariana Prado, USCS, Brasil

Essa comunicação trata da comunidade de origem germânica formada por imigrantes e descendentes ao longo do século XX, na região do ABC Paulista. Tem como tema os processos de comunicação da cultura germânica a partir das expressões da memória da comunidade. Questiona os hibridismos culturais que foram possíveis no interior da comunidade, tendo a língua seu papel fundamental de mediador entre a cultura e a comunicação. Assim, tem por objetivo identificar as possibilidades e as formas de comunicação da cultura acionados pela memória da comunidade. A metodologia privilegia as Narrativas Orais de Histórias de Vida dos sujeitos da história e a coleta documental iconográfica, disponível para a consulta no HiperMemo – Sistema Hipermídias de Memórias da USCS, ou disponibilizada pelos próprios depoentes, colaboradores, entrevistados. As narrativas orais de sujeitos dessa história remetem-se às suas atividades, experiências, anseios, desejos e imaginários, possibilitando pesquisas sobre a questão da língua como fator primordial na questão cultural. Os trânsitos entre as línguas portuguesa e alemã, as possibilidades de apropriação, as interdições e as transformações podem nos levar aos processos de comunicação de cultura, tanto no sentido de preservação e difusão, como no sentido de sobrevivência da comunidade alemã e da sua identidade cultural e social na região do ABC Paulista, formada, ao longo do século XX por diferentes grupos étnicos, de diversas nacionalidades.

Sessão Temática 18 – **Género, Sexualidades e Interseccionalidades**

Dia: 05/07/2013	Hora: 14:00-15:30	Local: Sala 2105 CP2
------------------------	--------------------------	-----------------------------

Dizer o amor homoerótico em língua portuguesa: utopia e consolidação

Jorge Valentim, UFSCar, Universidade do Porto, Portugal

A presente comunicação tem como proposta refletir sobre a produção ficcional em Portugal no período sucedâneo a 1974, ou seja, pós-Revolução dos Cravos, evento que desencadeou uma liberdade de expressão nos meios culturais, artísticos e intelectuais, tendo como ênfase temática a efabulação homoerótica, além das novas subjetividades e das sexualidades emergentes no contexto do final do século XX. A partir de leituras de textos de Guilherme de Melo, Álamó Oliveira, Frederico Lourenço e Miguel Vale de Almeida, procuraremos desenhar um perfil desta vertente na ficção portuguesa contemporânea, sublinhando seus recursos formais e estéticos, bem como a sua elaboração numa maneira peculiar de dizer o amor homoerótico em língua portuguesa e postular, da utopia à consolidação, uma identidade homoerótica em território lusófono.

Da identidade feminina e suas implicações: Uma leitura comparativa entre Florbela Espanca e Cecília Meireles

José Nazaré Queiroga, UEPB, Brasil

A inserção da mulher escritora no espaço literário lusófono tem implicações de ordem intelectual e social. Escrever e publicar no início do século XX gerou conflitos de identidade, tanto em Portugal, caso de Florbela Espanca que se submeteu a colaborar com um jornal de rendas e bordados e autofinanciou suas publicações, quanto no Brasil para a poetisa Cecília Meireles que, resguardada pelo grupo “Festa”, ficou como que à margem do grande movimento modernista brasileiro, particularmente da Semana de Arte Moderna, ocorrida em 1922. Vítimas do estereótipo da mulher como rainha do lar, essas autoras – e outras, dentre as quais Gilka Machado – funcionaram como “invasoras” de um território primordialmente masculino, ameaçando, provavelmente, uma hegemonia questionável e questionada. O Portugal conservador do primeiro quartel do século XX não “perdoou” a poetisa calipolense pelo fato de se conduzir livremente, frequentando universidade,

casando e se divorciando e, principalmente, publicando textos em que plasmava a sua compreensão de mundo marcada pela subjetividade. Personalidade forte e desafiadora, Florbela foi, para os moralistas coevos, um exemplo negativo de independência que afrontava a tradicional família portuguesa. Cecília Meireles, pelo seu lado, teve a vida marcada por tragédias que a levaram a enfrentar a sociedade brasileira, com três filhas para criar e a necessidade de trabalhar para a manutenção da casa. Viúva, a poetisa de “Vaga Música”, militou no magistério, deixando enorme contribuição à educação infantil no Brasil. Aparentemente bem aceita no universo intelectual brasileiro, Cecília escreveu páginas que revelam o conflito identitário que viveu como no livro “Retrato Natural” e em tantos outros dos quais se destaca “Discurso aos Infiéis”, publicado postumamente. As razões da vocação poética são apresentados em poemas como “Canção” e “Motivo”, textos que dialogam com o da portuguesa Florbela Espanca que explorou, em memoráveis poemas, sua condição de ser e estar no mundo: Eu.

Reverberações do patriarcalismo colonial na construção da identidade de género lusófono

Maria Ruas de Oliveira, Universidade do Minho, Portugal

Durante milhares de anos, a mulher deteve um papel mais equitativo na sociedade. Contudo, atualmente, todas as sociedades contemporâneas ocidentais assentam numa estrutura patriarcalista que o próprio Estado sustenta, trespassando toda a organização da sociedade, desde a política, à legislação, cultura, produção e consumo. É sabido que o tema central das relações de género durante a colonização foi sem dúvida a miscigenação. Logo, a mulher branca, face a rigidez patriarcal e à tradição judaico-cristã, queria-se fraca, submissa e de conduta irrepreensível, enquanto a indígena ou africana, considerada mais robusta, não só servia pela força do seu trabalho, como pela força do seu sexo enquanto objeto sexual. A estereotipização da mulher rodava no eixo da servidão, que estabelecia o seu papel tendo em conta a sua origem, cor de pele e conduta moral, procrastinando todo o seu processo de paridade - silenciando a sua personalidade. «Isto não significa que nos tempos pré-modernos as pessoas não eram indivíduos, mas que a individualidade era tanto ‘vívda’ quanto ‘conceptualizada’ de forma diferente»

(Hall, 2003:25). Contudo, este conformismo feminino, apenas se revelou um processo criogénico necessário à metamorfose dos «Eu» femininos e masculinos. Pois, forneceu substrações específicas e únicas para a remodelação do arquétipo do género lusófono, que num esforço coletivo, progrediu com o Movimento Feminista, iniciado nos anos 60. O objetivo desta análise é promover uma maior reflexão, em torno da construção da identidade do género tendo em conta a herança, importação e exportação de hábitos e costumes vivenciados nos países lusófonos, tendo por arrimo o diálogo entre os Estudos Culturais e os de Género. Lobrigar os mecanismos da construção identitária, neste contexto, quando marcados pela diáspora, escravidão e colonização, permitirá certamente um melhor entendimento do biopoder que vai imperando na sociedade atual.

O comportamento das gerações X e Y no Facebook

Naiara Moraes, Universidade do Minho, Portugal

Na década de 90 a internet engatinhava sem imaginar que se tornaria um marco, o começo de uma nova era: de informação, entretenimento, diversão e comunicação. Ao mesmo tempo em que surgia uma revolução no mundo da comunicação, um ciclo se fechava. Foi neste período que começaram a nascer as primeiras crianças, que iam crescer em um mundo totalmente digital. Já as gerações que vieram antes teriam que conviver com essa transição do analógico para o digital. Em 1980 chegaram ao mundo os primeiros bebês da geração, que seria também a primeira a acompanhar essa mudança, era o início da geração Y, que cresceria aprendendo a usar as tecnologias. De lá pra cá muitas coisas mudaram, como por exemplo a conjuntura do mundo em que nos encontramos. A história avança, mas deixa marcas, que influenciam gerações ao longo dos tempos. Este trabalho busca responder questões do desenvolvimento humano e comportamental pelo qual passam as gerações X e Y, principalmente em suas relações com a mídia e com a tecnologia, no que diz respeito a como elas recebem informações e se comunicam no espaço digital. Essa é a principal questão abordada neste estudo, a partir de análise e de observações do comportamento das gerações no espaço das redes sociais. Esta pesquisa serviu para entender melhor as gerações X e Y, identificando o que elas almejam em termos de comunicação, como recebem informações e

como interagem com os demais. É um trabalho que parte da sociologia, passa pela história, usufrui da psicologia e chega ao seu foco: a comunicação.

Sessão Temática 19 – **Identities em construção: imagens e fragmentos**

Dia: 05/07/2013	Hora: 15:45-17:15	Local: Sala 2101 CP2
------------------------	--------------------------	-----------------------------

Reflexões sobre a amizade como marco privilegiado da singularidade (luso)brasileira

Valter Sinder, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil

Tendo como foco principal a reflexão/discussão sobre marcos identitários privilegiados para o entendimento de uma suposta singularidade (luso)brasileira, este trabalho parte da análise da amizade em dois momentos da obra de Jorge Amado. O primeiro, presente no romance Jubiaba, de 1935, tem como fio condutor sua manifestação como reflexo da realidade social. O segundo, que aparece em Os Velhos Marinheiros, de 1965, problematiza a concepção presente no primeiro momento, entendendo a amizade não mais como um epifenômeno da realidade social, mas sim como reflexão sobre ela. Tal mudança de perspectiva indica um redirecionamento na escrita de Amado que nos possibilita problematizar o entendimento da amizade como um dos marcos identitários privilegiados da singularidade (luso)brasileira. A percepção da alteridade torna-se instrumento e efeito de um estranhamento voltado para certas práticas marcadas como diferentes na condução cotidiana da existência social. Há muito os estudos culturais desnaturalizaram as constâncias e as mudanças que podem ser percebidas em diferentes culturas, grupos sociais, comunidades e subjetividades. A partir de então, raça, nação, identidade e subjetividade são concebidos como construções e/ou produções discursivas, e tanto a lógica da demonstração quanto a do descobrimento, que acompanhavam as descrições naturalistas, passam a dar lugar a uma perspectiva construcionista da realidade social.

Oralidade e Escrita no ambiente acadêmico

Adriana Rosa, Universidade Nacional de Timor Leste, Timor Leste

Durante o ano de 2012, foi possível viver em Timor Leste uma intensa experiência docente. No início do ano, os alunos, não falavam a língua portuguesa e, portanto, não se manifestavam diante das explicações. Era um sentimento de angústia e, em alguns momentos, a questão premente era para quê um professor de Língua Portuguesa ali. Porém, como já se sabe no Brasil, quando se ensina se faz necessário encontrar um canal de comunicação para chegar aos alunos. Começa nesse ato a busca didática que facilite o entendimento das aulas. Então, alguns fatores se tornam indispensáveis, tais como, postura docente, material de trabalho e a seleção dos conteúdos conforme o perfil dos alunos, reflexões para entender a aprendizagem anterior ao momento (conhecimentos prévios), entre outras ações de sondagem. Havia, no entanto, algumas dificuldades, como o calor, a diferença cultural, a língua Tétum, hábitos e atitudes diferentes diante do ensino e da vida acadêmica. Mas, os alunos aos poucos foram se aproximando, se descontraindo e adquirindo confiança no trabalho. A liberdade dava espaço à expressão do pensamento e a participação aumentava a cada instante. As atividades fora da sala de aula enriqueciam a amizade entre alunos dando forma a uma postura muito presente no discurso acadêmico, a qual agora tomava forma naquele contexto. A cumplicidade foi se instaurando e fortalecendo os laços do grupo de trabalho. Ao final do ano, os alunos já brincavam com exemplos, em português, ao esboçar na prática os conteúdos aprendidos. Agora é possível dizer que a experiência na Universidade Nacional de Timor Leste (UNTL) foi intensa e, assim merece ser compartilhada. Para tanto, se propõe um diálogo com os profissionais da educação que desejem interagir com a possibilidade de entender o ato do aprender, em uma conversa sobre um possível olhar para esse “contexto” da língua portuguesa!

A construção da identidade do professor timorense

Marina Reis, Universidade de São Paulo, Brasil

Após a independência, Timor-Leste firmou acordos de cooperação com Portugal e Brasil, iniciando a formação dos seus professores das diversas áreas utilizando a Língua Portuguesa e reforçando, assim, sua posição de

membro da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa - CPLP. Como resultado de um desses programas de formação de professores de Biologia, em que uma das investigadoras foi docente, investigamos a construção da identidade do professor de Biologia timorense, com base no estudo da relação entre a sua formação e o contexto leste timorense. Esse tipo de estudo justifica-se, em parte, pelo fato de que um dos grandes desafios de uma democracia é garantir à sua jovem e crescente população uma educação de qualidade que contribua para o exercício da cidadania, notadamente na formação técnico-científico-cultural. Assim, é fundamental o desenvolvimento de estudos sobre quem é o professor de Biologia que dá formação acadêmica a esse público. O trabalho reveste importância também pela crescente quantidade de trabalhos de pesquisa que abordam a questão da identidade docente nesta última década, mostrando a necessidade de investigar sobre a identidade dos professores no contexto das sociedades contemporâneas. O trabalho metodológico foi estruturado na tradição qualitativo-interpretativa de pesquisa, com ênfase na pesquisa bibliográfica e documental, por meio da interpretação e análise de entrevistas, registros documentais, fotográficos e em vídeo, e escrita de memoriais, por permitirem estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do objeto de estudo. Na análise preliminar dos dados coletados, foi possível constatar que os professores de Biologia do Timor-Leste evidenciam por suas citações alguns temas que delas emergem e que refletem, a princípio, influências advindas da recente história de dominação e liberdade, sobrevivência e resistência.

Lusofonia e Artes Plásticas: discursos, práticas e trânsitos

Teresa Matos Pereira, Instituto Politécnico de Setúbal, Portugal

Tomando como ponto de partida a circulação dos artistas plásticos lusófonos no espaço português e respetiva divulgação/receção da sua obra - considerando o papel desempenhado pelos sistemas de legitimação (galerias, museus, imprensa) bem como a discursividade própria da obra de arte - propõe-se nesta comunicação uma abordagem das possíveis intersecções entre o discurso acerca da lusofonia e a criação artística. Neste sentido, tomaremos como base a realização de um conjunto de exposições, compreendidas nos domínios discursivos da lusofonia bem como a obra

particular de artistas plásticos lusófonos que, na sua linguagem e plasticidade próprias, convocam os domínios da memória, da história, ou da identidade revelando ao mesmo tempo permeabilidade das imagens em contextos de produção/circulação transnacionais. Considerando este cenário de fundo, poderemos analisar as dinâmicas que envolvem as presenças e trânsitos no campo das artes plásticas em Portugal, perspectivados a partir dos discursos e das redes que configuram a lusofonia, atendendo às percepções e discursos críticos, à criação e exibição de coleções de arte, à plasticidade e discursividade das obras – incluindo estratégias de intervisualidade e intertextualidade que evidenciam modalidades de subjectivização, e problematizam as relações entre arte e poder (político, económico e discursivo) – não ignorando o papel dos sistemas digitais de disseminação – com destaque para a internet- que, no seu conjunto estabelecem novos parâmetros quer para a conceptualização da cultura e da criação artística.

Montras do imaginário lusófono: das exposições universais aos complexos policulturais

Maria da Luz Correia, Universidade do Minho, Portugal, Université Paris V Sorbonne, França

Foi no século do aparecimento da litografia, da fotografia e do cinema, que o poeta Tomás Ribeiro deu palavras à imagem que ainda hoje mostraria Portugal ao mundo: o “jardim (...) à beira mar plantado”. Dos cartazes aos postais aos guias turísticos até ao cinema, este é o mote que desde o final do séc. XIX até à atualidade liga, como que em filigrana, a cacofonia de vistas do Tejo, de fotografias de barcos e de eléctricos, de imagens de praias e de zonas costeiras, de reproduções de azulejos com motivos marítimos, de registos de casas pitorescas e de retratos de ociosas personagens, que insistem em perpetuar a visão que, já na exposição universal de 1940, “exaltava o ‘mundo português’ como um oásis de paz”, segundo a análise de Moisés de Lemos Martins, Madalena Oliveira e Miguel Bandeira (2012). Da Exposição do Mundo Português em 1940, ao Centro Cultural de Belém, que há 20 anos se instalou precisamente onde decorreu parte desta feira universal, e da mais recente Expo 98 ao multifacetado Parque das Nações que a sucedeu, selecionamos suportes visuais distribuídos e comercializados nestes “super-espacos” (Leite

& La Rocca, 2010) trabalhando a partir daí as relações entre a ideia de *lusofonia* e a noção de *heterotopia*, proposta por Michel Foucault (2001).

Sessão Temática 20 – **Jogos e Práticas Culturais**

Dia: 05/07/2013	Hora: 15:45-17:15	Local: Sala 2102 CP2
------------------------	--------------------------	-----------------------------

Chico Rei na lenda, na tradição popular e na criação artística brasileira

José da Silva Ribeiro, Universidade Aberta, Portugal

Chico Rei é um personagem lendário da tradição oral de Minas Gerais, Brasil. Segundo esta tradição, Galanga, seu nome de origem, era monarca guerreiro e sumo sacerdote do deus Zambi-Apungo e foi capturado com toda a corte por comerciantes portugueses traficantes de escravos. Trazido como escravo para o Brasil trabalhou numa mina e com o trabalho conseguiu comprar sua alforria e de alguns dos seus pares. A lenda de Chico Rei, referenciado desde inícios do século XX, não possui comprovação histórica. Alguns historiadores referem que a lenda teria sido criada com a finalidade de esconder a verdadeira liderança de um rei Negro, Rei Ambrósio, com o objectivo de mostrar aos negros a impossibilidade de liberdade e autonomia empreendedora fora da submissão aos brancos (capitalismo negro... Stam). Explorando a mina da Encardideira (desde 1950 Mina do Chico Rei) juntou muitos outros negros comprando sua carta de Alforria. Certo é que a lenda se mateve ao longo dos tempos ligada a práticas rituais de natureza popular, as congadas e a coroação de reis congo, e fonte de inspiração artística – na literatura, cinema e música. Pretendemos nesta comunicação abordar a questões da interculturalidade afro-atlântica e lusófona que se desenvolve e torno desta figura mítica e na procura de uma identidade artística brasileira de matriz afro-atlântica.

Jogos populares no Brasil: a transmissão da diversidade cultural por meio do brincar

Tiago Aquino da Costa Silva, UNESP, Mérie Hellen Gomes de Araujo da Costa Silva, FMU, Alipio Rodrigues Pines Junior, USP, Brasil

Grande parte dos jogos populares brasileiros que fazem parte da cultura lúdica das crianças durante várias gerações estão desaparecendo devido às mudanças da sociedade, como o desaparecimento dos espaços do brincar, a violência e a insegurança, e a influência da mídia e videogames. O presente trabalho tem por objetivo reconhecer as diferentes contribuições dos jogos populares na construção dos sujeitos infantis e sua relação com a cultura. A brincadeira é uma construção cultural transmitida em qualquer contexto social; construída na relação com seus pares, influenciados pela estrutura de transmissão do conhecimento. O brincar é uma reconstrução da realidade e dos sujeitos que se encontram envolvidos naquela cultura. A cultura refere-se à organização estrutural de normas sociais, rituais, regras de conduta e sistemas de significado compartilhados pelas pessoas que pertencem a certo grupo etnicamente homogêneo. O brincar é uma construção social que se modifica ao longo dos tempos e culturas. Os jogos populares são transmitidos de geração em geração, pela informalidade e anonimato, de difícil precisão de origem, sendo patrimônio da cultura infantil. A determinação dos jogos brasileiros se dá na apropriação da cultura lúdica no processo de formação da sociedade com influências significativas dos portugueses, africanos e índios. Os procedimentos metodológicos consistem em duas partes. Primeiramente utilizou-se a abordagem dedutiva, onde parte de teorias e leis com princípios universais e previamente aceitos para a elaboração de conclusões sobre fenômenos universais ou particulares; e por fim o segundo é relativo ao tipo de pesquisa adotado, neste caso, a pesquisa indireta que é caracterizada pela utilização de informações, conhecimentos, e dados já coletados por outras pessoas e demonstrados de diversas formas. Considera-se que reviver e ativar os jogos populares são fatores importantes para a vivência da cultura lúdica dos sujeitos na atual sociedade.

Tradições Móveis – Legitimidade e memória na literatura infanto juvenil

Vania Belli, Antoneli de Farias Matos, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil

Diferentes estratégias foram utilizadas na construção da figura do escritor Monteiro Lobato como intelectual no mundo lusófono. Considerado como pai de uma geração de leitores em língua portuguesa, gerador de uma política do livro e da comercialização da literatura infantil no Brasil, Monteiro Lobato, entretanto, não é uma unanimidade entre os críticos literários de ontem e de hoje. Um fato, porém, parece incontestável. Sua obra permanece presente, seus personagens e o sítio do pica pau amarelo insistem em não ficar ausentes do mercado literário brasileiro. Através de uma suposta vitalização de seu conteúdo, inúmeras releituras e reapresentações de sua obra infantil ganharam corpo. Desde a primeira adaptação para a televisão, passando por histórias em quadrinhos e mídias eletrônicas, gerou-se um acervo extremamente diversificado, tanto em forma quanto em conteúdo. Neste trabalho discutimos a forma como alguns dos produtores destas traduções e adaptações, em diferentes contextos, representam os seus próprios projetos de manter viva e ao dispor da criança contemporânea, a obra de Monteiro Lobato. Mário de Andrade, em suas discussões sobre a legitimidade de diferentes políticas de preservação do patrimônio cultural, cunhou a expressão tradições móveis. O desafio de preservar e manter não a obra estática, mas sim a relação dinâmica que esta possa ter com o seu consumo em um momento sócio histórico diferente de sua produção, evidencia a necessidade de preservar incluindo o momento presente, o devir. Temos então a necessidade de considerar a criação possível, a partir do compromisso entre o movimento de incorporar matéria antiga e agregar elementos novos. A análise das relações entre política e leitura nas criações analisadas, nos impõem conclusões que, como afirmou Todorov, marcam o lugar plural de onde se lê, o lugar do cruzamento de saberes que escapam e promovem o inusitado.

A Linguagem das Escolas de Samba nos Circuitos da Comunicação entre Brasil e Portugal

José Maurício C. M. Silva, Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil

Este trabalho tem como foco a relação dos desfiles de escola de samba no

contexto do imaginário do Brasil como "País do Carnaval". Neste ponto, o trabalho analisa como problema a questão do processo de mimetização da linguagem da escola de samba ao carnaval português a partir dos anos 1970 do século XX e o porquê deste processo de imitação continuar permanecendo. A pesquisa propõe como hipótese a existência de um continuum de veias e artérias comunicativas e culturais entre Brasil e Portugal, que estariam emergindo através de um circuito midiático entre os dois países no contexto pós-colonial e que tem na CPLP, ou Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, um cenário para a discussão da Lusofonia e seu papel nos processos comunicativos dos países participantes, dos quais destacamos em nossa pesquisa Brasil e Portugal. Ainda como hipótese a pesquisa argumenta que a configuração deste circuito midiático pode ser interpretada como sendo a emergência de um mercado de linguagens entre os dois países. A metodologia parte do contexto de que a comunicação é uma ciência que estuda objetos em fluxo e compreende a investigação bibliográfica, e sua correlação com as outras fontes de informação, provenientes do contato com as escolas de samba em Portugal, visto que houve a oportunidade de realizar entrevistas e registros imagéticos de diversos carnavais em Portugal. Neste sentido, pesquisaram-se as escolas de samba nas cidades portuguesas de Ovar, Mealhada, Figueria da Foz, Sezimbra e Estarreja. Mas também se pesquisou outros carnavais relacionados às singularidades carnavalescas do ambiente cultural e histórico de Portugal, como o Entrudo, dimensão rural das aldeias portuguesas de Lazarim e Podence, assim como, por outro lado, pesquisamos a dimensão urbana dos carnavais das cidades de Torres Vedras e Loulé.

Brincadeiras do meio do mundo: uma infância globalizada?

Marlene Mendes Barra, Universidade do Minho, Portugal

Pesquisando as formas como se relacionam o global e o local nas culturas da infância, através dos processos de recepção e produção da cultura pelas crianças e da sua expressão nas culturas de pares no quotidiano lúdico, pretende-se inferir do impacto da globalização nas infâncias contemporâneas. A estratégia: mergulhar no quotidiano lúdico das crianças africanas naturais de São Tomé e Príncipe na tentativa de perscrutar um dos mundos sociais e

culturais da infância e revelá-lo na voz das próprias crianças. Através da observação e análise das práticas e dos significados relacionados com a brincadeira e o brinquedo nos contextos de vida das crianças de São Tomé e Príncipe, procura-se esclarecer como e se as culturas das crianças na sua génese e estrutura estão imbricadas no contexto mais amplo de globalizações em curso. O cruzamento dos estudos da infância com a crítica pós-colonial constitui-se como um desafio à Sociologia da Infância. Ultrapassado o paradigma tradicional da infância que via as crianças como objecto de socialização passiva, as crianças são hoje reveladas como intérpretes, (re)construtoras e veiculadoras dos seus próprios mundos sociais e culturais, cujas vozes urgem fazer-se ouvir interna e simultaneamente externas à Europa. O conceito de culturas da infância constitui-se como fundamental na distinção da categoria geracional da Infância e revela-se na acção concreta das crianças no tecido social, que (re)produzem práticas e representações específicas no contexto comunicacional das relações sociais inter e intrageracionais. Integrado o discurso pós-colonial no panorama dos estudos das culturas infantis constitui-se um importante paradigma da globalização da infância, com o repto de relacionar aquele discurso com os estudos culturais apresentados no seio de processos de “globalizações”.

Sessão Temática 21 – **Media e Democracia**

Dia: 05/07/2013	Hora: 15:45-17:15	Local: Sala 2103 CP2
-----------------	-------------------	----------------------

Uma comunidade transnacional? As culturas jornalísticas portuguesa e brasileira comparadas

Rui Alexandre Novais, Universidade do Minho, Luísa Silva, Universidade do Porto, Portugal, Sónia Virginia Moreira, UERJ, Brasil

Esta comunicação visa determinar a existência de uma comunidade jornalística lusófona desterritorializada ou, pelo contrário, a prevalência de auto-percepções profissionais diversas no seio dos colegas portugueses e brasileiros. Baseado numa extensiva e multifacetada análise comparativa de 200 questionários - acerca da cultura jornalística, confiança nas instituições sociais e as influências percebidas na actividade profissional – o estudo contrasta a proximidade cultural dos dois países, aliada a uma medida de globalização, com os respectivos contextos integrando sistemas políticos e

mediáticos diferenciados. Conclui que apesar da proximidade psicológica e alguns sinais de convergência entre Portugal e Brasil, a evidência comparativa aponta para diferenças consideráveis que resultam dos enquadramentos institucionais, sociais e culturais de cada país. Por conseguinte, as duas culturas profissionais distintas invalidam a existência de uma comunidade jornalística translocal de língua portuguesa e corrobora a importância dos factores contextuais.

Imprensa e lusofonia: O período da democracia em Portugal

Hugo Ferro, Rui Alexandre Novais, Universidade do Minho, Portugal

Assumindo como indisputável a inclusão do caso português no âmbito do estudo dos media no espaço lusófono, a presente comunicação propõe um análise diacrónica da imprensa lusa no período democrático. Mais concretamente, em face das transformações políticas, sociais e económicas verificadas durante os primeiros 35 anos de democracia, sugere-se uma análise dos jornais e revistas, de alcance nacional, surgidos após o 25 de Abril que não sobreviveram no competitivo mercado português de imprensa diária e semanal. Tal escrutínio do desaparecimento de periódicos diários e semanais não só permite identificar alguns dos principais factores que conduziram ao insucesso e os segmentos de mercado em que se verificaram mais mudanças, mas também oferece indicadores vitais dos hábitos de consumo de uma sociedade em mudança que converge de forma progressiva com os padrões europeus e ocidentais. O mapeamento dos títulos de imprensa que desapareceram entre 1974 e 2009 revela a curta duração dos primeiros jornais surgidos no pós 25 de Abril desaparecendo pouco tempo depois da sua criação, num período em que a democracia estava ainda em construção e em que era necessário integrar populações que chegavam das ex-colónias, respondendo às suas necessidades e hábitos de consumo. Durante os anos 80 e 90, assiste-se ao surgimento de novas publicações que, apesar do relativo sucesso, foram sendo superadas por produtos mais apelativos e por constantes mudanças nas exigências das audiências conduzidas por ambições e sonhos europeístas. É já em pleno século XXI que o desaparecimento de publicações se acentua, deixando vários segmentos do mercado sem qualquer publicação em papel, ameaçando a sobrevivência de um sector que tem sido

um dos mais importantes difusores e dinamizadores da língua e da cultura portuguesa.

O tema da interculturalidade na imprensa escrita portuguesa

Francine Oliveira, Rosa Cabecinhas, Universidade do Minho, Isabel Ferin Cunha, Universidade de Coimbra, Portugal

Este trabalho pretende apresentar uma análise da imprensa escrita portuguesa do ano de 2008 relativamente à abordagem dada aos temas da interculturalidade, diversidade cultural e diálogo cultural. Uma vez que o ano de 2008 foi eleito o Ano Europeu para o Diálogo Intercultural (AEDI), pretendemos perceber como esta temática foi tratada nos referidos media, incluindo jornais escritos diários e semanários. Esse estudo insere-se no âmbito do doutoramento em Ciências da Comunicação, na Universidade do Minho, intitulado Perspetivas sobre a Diversidade Cultural: Discursos, Representações e Vivências da Interculturalidade (financiado pela FCT, referência SFRH/BD/60423/2009). Esta fase foi realizada em parceria com o Centro de Investigação Media e Jornalismo do Instituto de Estudos Jornalísticos, da Universidade de Coimbra que nos facultou o material a ser analisado. Recorremos a uma metodologia mista que combinou técnicas de análise quantitativa e qualitativa. Para tanto, inspirámo-nos na Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin e na Análise Crítica do Discurso, de Teun van Dijk. O nosso intuito foi identificar e compreender, naquele recorte temporal, os discursos e representações veiculados pelos media impressos portugueses sobre as questões da interculturalidade e diversidade cultural. Procurámos perceber se houve promoção da temática, pelos media, e que tipo de discurso foi apresentado. Verificámos se houve uma reprodução do discurso institucional e em que medida e proporção isso se deu. Procurámos ainda apurar se esses media mostraram diferentes vozes e diferenciadas fontes a retratarem o assunto. O nosso objetivo final incidiu sobre a tentativa de averiguar se a imprensa portuguesa foi crítica em relação às questões da interculturalidade e da diversidade cultural, se atuou de forma contestatária e reflexiva relativamente ao tema em questão ou se simplesmente reproduziu acriticamente informações que lhe foram fornecidas.

Gestão Democrática na Escola Pública: Percepções dos moradores de Heliópolis – São Paulo - Brasil

Kenya Paula Silva, Universidade de São Paulo, Brasil

O trabalho aqui apresentado é um recorte do nosso Projeto de Investigação de Doutorado que está em andamento na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. No Doutorado, estamos investigando a compreensão, práticas e os mecanismos de Participação que Pais e Mães dos alunos da Escola Pública do bairro de Heliópolis têm. Devido à investigação no Doutorado, o conhecimento sobre Heliópolis tem sido cada vez maior, significativo e revelador. Isto se deve ao fato do bairro de Heliópolis ter sido marcado por intensos processos participativos que modificaram a identidade do bairro e também dos sujeitos que ali estão inseridos, o que fez com que se tornasse uma das maiores experiências participativas da cidade de São Paulo. É dentro desse contexto que o trabalho aqui apresentado se localiza e pretende trazer as contribuições dos sujeitos de Heliópolis acerca da compreensão que têm de Gestão Democrática na Escola. A metodologia deste trabalho envolveu a realização de entrevistas semiestruturadas aplicadas a moradores do bairro, independente de serem pais ou mães dos alunos. A principal ideia se voltou para a apreensão do entendimento que estes sujeitos têm de Gestão Democrática, tendo em vista as peculiaridades do bairro de Heliópolis - espaço participativo diferenciado dentro da Cidade de São Paulo. Os dados sinalizam conhecimento e experiência dos sujeitos no tocante às questões participativas.

Projeto a terapia comunitária desbloqueando a aprendizagem: as contribuições da terapia comunitária na visão dos alunos adultos da EJA da cidade de São Paulo

Kenya Paula Silva, USP, João Munhoz, Lucieene Campos, Vilma Costa, PMSP, Brasil

O presente trabalho é um relato de experiência que está sendo desenvolvida e investigada numa Escola Pública da Cidade de São Paulo – CIEJA - CENTRO INTEGRADO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS. Trata-se de uma Escola de jovens e adultos que atua no Ensino Fundamental, na modalidade E.J.A. (Educação de Jovens e Adultos). Diversos são os entraves ainda apresentados na Educação de Jovens e Adultos no Brasil, relacionados às dificuldades de

aprendizagem dos alunos, à permanência e à qualidade do ensino oferecido, dentre inúmeros outros. Diante dessa realidade é de fundamental importância o estudo e a reflexão sobre as demandas que essa clientela traz para a Escola, bem como buscas constantes de possibilidades de ação. É nesse contexto que este trabalho visa apresentar e discutir uma experiência de parceria entre as Áreas de Saúde e Educação que trouxe encontros de Terapia Comunitária para a Escola Pública com vistas a discutir com os alunos adultos as dificuldades de aprendizagem e refletir sobre elas de maneira coletiva, com vistas à intervenção. O Projeto em questão denomina-se “ A Terapia Comunitária Desbloqueando a Aprendizagem”, é conduzido por um Psicólogo – autor deste trabalho - e está sendo desenvolvido a contar de 2009. O Projeto em questão toma como ponto de partida os princípios e ferramentas da Psicologia para envolver os próprios alunos jovens e adultos na socialização, reflexão e resolução coletiva das principais dificuldades enfrentadas no processo de aprendizagem. Os encontros são realizados quinzenalmente. A metodologia empregada neste trabalho envolveu a realização de entrevistas semiestruturadas com alunos que participam dos encontros de Terapia Comunitária, com vistas a verificar a percepção que têm do Projeto, bem como suas possíveis contribuições. Os dados revelam significativas contribuições tanto no âmbito pessoal como escolar.

Sessão Temática 22 – Lusofonia, Colonialismo e Pós-colonialismo

Dia: 05/07/2013	Hora: 15:45-17:15	Local: Sala 2104 CP2
------------------------	--------------------------	-----------------------------

(Des)Acordo Ortográfico em foco: representações sociais de estudantes brasileiros e portugueses

Michelly Carvalho, Rosa Cabecinhas, Universidade do Minho, Portugal, Laerte Magalhães, Universidade Federal do Piauí, Brasil

Este estudo objetiva fazer uma comparação entre as percepções e as opiniões de estudantes universitários brasileiros e portugueses sobre o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Para isso utilizamos a metodologia de grupos focais. A recolha de dados ocorreu em duas universidades, uma brasileira e outra portuguesa, e o material proveniente dessas discussões foi transcrito e analisado através da metodologia da análise temática.

Considerando ser uma análise extensa detemo-nos neste trabalho apenas nos posicionamentos sobre o Acordo Ortográfico, nos argumentos favoráveis e contrários, e nos significados atribuídos à lusofonia. Quanto a postura dos participantes em relação ao Acordo, observamos que em sete dos oito grupos focais realizados em Portugal predominaram posições desfavoráveis ao tratado, sendo que no grupo onde essa não era a posição predominante houve uma tendência à uma postura mista, ou seja, os estudantes concordavam em alguns pontos e discordavam noutros. Os argumentos para discordância face ao Acordo giram em torno de questões identitárias como a perda da essência da língua, da identidade portuguesa e a cedência ao Brasil (ex-colônia). Entre os grupos de brasileiros, predominaram posicionamentos contrários ao Acordo em três dos cinco grupos focais realizados. Nos restantes, um contou com posturas mistas e no outro prevaleceram posicionamentos favoráveis. Neste país, por outro lado, a repulsa face ao Acordo relaciona-se principalmente com problemas práticos ligados à realidade social do país, como a distribuição de livros, dificuldades dos professores no ensino e avaliação dos alunos, entre outras questões. Quanto aos significados associados à lusofonia, a maior parte dos estudantes brasileiros participantes dos grupos focais referiram não ter qualquer noção sobre o termo. Pelo contrário, os estudantes portugueses, no geral, associaram o mesmo à problemática da relação entre os países de língua oficial portuguesa e, em alguns grupos focais, associaram o termo ao processo de colonização e à expansão portuguesa.

Acordo ortográfico para os países que têm a língua portuguesa como oficial

Edison Bewiahn, Universidade de Brasília, Brasil

A Língua Portuguesa originou-se do latim falado pelo povo, ou do latim vulgar, pois o latim escrito era privilégio dos nobres. No século XVIII ocorreram os primeiros textos escritos em português. (OLIVEIRA, 2010). A língua portuguesa é, hoje, falada por cerca de 230 milhões de pessoas sendo a quarta mais falada no mundo. A Língua Portuguesa assumiu as características socioculturais dos povos que dela se utilizaram no decurso de sua história, assim o Português falado no Brasil e em Portugal são diferentes. A Língua Portuguesa é o único idioma do ocidente que tem duas grafias oficiais - a do

Brasil e a de Portugal. Diante disso, surgiu o Acordo Ortográfico. Segundo Sodré (2009) a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) menciona que a dupla grafia limita a dinâmica do idioma e dificulta a difusão cultural, a divulgação de informações e as relações comerciais entre os países de língua portuguesa. No plano internacional a falta de unidade na grafia limita a capacidade de afirmação do idioma, devido ao fato de necessitar de diferentes traduções para o Brasil e para Portugal, e dificulta o estabelecimento do português como um dos idiomas oficiais da Organização das Nações Unidas (ONU). A maioria dos países da CPLP concordou com a adoção do acordo ortográfico, contudo Moçambique, Angola, Guiné-Bissau e Timor Leste ainda não aprovaram o documento. Diante do exposto, pretende-se apresentar artigo analítico sobre o assunto, debatendo a importância da língua e da adoção do acordo ortográfico.

Miguel Esteves Cardoso – desacordando a ortografia, defendendo a lusofonia

Maria Filomena Barradas, Escola Superior de Tecnologia e Gestão, Instituto Politécnico de Portalegre, Portugal

Espraiando-se por vários tópicos, Miguel Esteves Cardoso ganhou visibilidade, ainda durante as décadas de 80 e 90 do século passado, sobretudo graças às crónicas que publicou nos semanários Expresso e O Independente, de que foi também director. A rápida reunião em volume desses textos garantiu que eles não caíssem no olvido, permitindo ao leitor actual confrontar-se com uma visão acerca da identidade portuguesa que é, em simultâneo, conservadora, divertida e disruptiva. Credo que Miguel Esteves Cardoso é um dos mais originais pensadores contemporâneos da portugalidade, consideramos que a sua perspectiva relativamente à lusofonia não pode ser desprezada. Nunca negando que a língua é património comum entre Portugal e os territórios outrora ultramarinos, Esteves Cardoso manifestará a sua desconfiança relativamente ao projecto do Acordo Ortográfico, desde que ele começa a ser delineado. No entanto, como procuraremos demonstrar, tal cepticismo configura uma forma de defesa da língua e da sua diversidade.

A pertença identitária e as concepções da linguagem

Leila Maria Fiamoncine, Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil

O presente trabalho apresenta uma breve reflexão sobre o aspecto da pertença identitária e sua relevância na construção discursiva de uma mesma comunidade linguística. Qualquer que seja o destino político e lingüístico dos países pertencentes à comunidade Lusófona, é em português que continuaremos a imaginar estes espaços. Isto porque somos ligados por traços de identidade lingüística e pelo sentimento de que pertencemos a uma determinada comunidade cujos códigos da linguagem determinam todo o processo comunicacional, seja ele de caráter social, geográfico ou político. Além disso, a construção emocional dos sujeitos, sua disposição para a cooperação ou conflito, será descrita pela modalidade, temporalidade e tensidade das vozes nos discursos. Portanto, os falantes de uma língua compartilham mais que a língua, compartilham um fazer discursivo, em um mesmo sentimento de nacionalidade linguística. A língua, neste contexto, tem sido a expressão mais visível de “uma cultura, dos membros de uma comunidade, povo ou nação” (Namburete, 2006). A identidade é o que garante ao indivíduo uma referência na sociedade, sendo responsável pela estabilização e localização do homem no espaço em que ele está inserido. A contemporaneidade nos apresenta um sujeito, que é, para Stuart Hall, “formado e transformado continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.” (HALL, 2006, p.13) Desse modo, uma teoria convincente da linguagem e da comunicação lingüística deve levar em conta e explicar as diversas características que se encontram fora das palavras e em contextos sociais específicos que influenciam seu significado. Em síntese, na língua não há neutralidade ou imparcialidade uma vez que nela estão confrontados valores individuais e de grupos que se materializam nos discursos em uma construção de muitas vozes.nte trabalho apresenta uma breve reflexão sobre o aspecto da pertença identitária lusófona e sua relevância na construção discursiva dos falantes de uma mesma comunidade lingüística.

O conceito de lusofonia e as suas clivagens: o discurso sobre nós e o outro, os fantasmas da colonização portuguesa e as marcas da ‘portugalidade’

Vítor Sousa, CECS, Universidade do Minho, Portugal

Com esta comunicação, pretendemos fixar-nos no conceito de lusofonia e nas clivagens que ele encerra, através das dinâmicas do discurso sobre nós e o outro, na tentativa de saber até que ponto os fantasmas da colonização portuguesa e as marcas da ‘portugalidade’ contribuem para esse statu quo. Embora o termo “lusofonia” tenha entrado na língua portuguesa em 1950, conforme Houaiss, Villar & Franco (2011), a sua utilização foi acelerada após a queda do ‘império colonial português’. Do trauma decorrente da relação unidirecional de poder entre colonizadores e colonizados, subjazem laços culturais e uma língua comum, embora falada de forma diferente consoante as coordenadas geográficas. O conceito vai, no entanto, para além de uma significação meramente gramatical, devendo ser encarada enquanto área cultural e construção simbólica num mundo cada vez mais globalizado e que se inscreve no presente e com o destino do ‘continente imaterial’ dos países que a integram (Martins, 2007). Mesmo assim, as tensões entre ex-colonizadores e ex-colonizados vão sendo conhecidas, evidenciando que o processo de colonização foi violento e deixou marcas, contrariando a retórica oficial do Estado Novo. De resto, a “lusofonia” nem sequer figura no documento oficial que criou, em 1996, a CPLP o que revela o desconforto existente. Real (2012) sublinha que tudo já foi dito sobre a lusofonia, faltando “apenas” fazê-la, destacando-a como parte nuclear da “vocação histórica de Portugal”. O próprio conceito remete para “luso” (português), que decorre de “lusitanidade” e pode invocar uma “portugalidade” encapotada, que serviu de bandeira ao regime fascista. Não será, por isso, de estranhar, que os discursos dos deputados no parlamento português no período pós-25 de Abril que analisamos através da hermenêutica interpretativa associem, ainda que a espaços, a lusofonia à ‘portugalidade’. E que os sentimentos se dividam entre o saudosismo do ‘império’ e a crítica à lusofonia.

Expressões e percepções da cidade pós-colonial: os casos de Maputo e da Beira, em Moçambique

Miguel Sopas Bandeira, Universidade do Minho, Portugal

A partir de um contexto de formação de professores de geografia em Moçambique, numa colaboração que vimos assumindo nos últimos anos com a Universidade Pedagógica, podemos desde já proceder a um breve ensaio aproximativo do processo de aprendizagem mútuo, resultante dos estudos em geografia urbana referentes aos cursos de pós-graduação que esta Universidade proporciona. A presente comunicação pretende dar conta dos processos de adequação dos conteúdos curriculares em matéria de geografia urbana e urbanismo por confronto à realidade africana e pós-colonial que emerge da atual demanda moçambicana, das expectativas e motivações dos professores de geografia perante uma atualidade marcada por fortes índices de urbanização e crescimento. Mais do que o cruzamento de olhares proporcionado por realidades que, embora sendo globais, evidenciam acentuadas especificidades e particularismos, sobressai uma herança comum de referentes urbanísticos, que nos permite fazer uma avaliação, ainda que preliminar, dos processos de desenvolvimento, num dos mais importantes países da CPLP. Designadamente, pretendemos explicar a tensão rural-urbana decorrente de um forte êxodo populacional, do rasto de expectativas que trazem as populações vindas dos campos, da persistência de arcaísmos protagonizam, dos problemas de pobreza urbana que se manifestam, mas também, dos avanços mais recentes do processo de desenvolvimento que Moçambique tem conhecido nos últimos anos.

"Era uma casa muito engraçada, não tinha teto, não tinha nada": Os moradores de rua no Largo do Machado e suas representações sobre o espaço urbano

Eduardo Pavão, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

O objetivo desse trabalho é compreender as representações sociais e simbólicas que os moradores de rua no Largo do Machado, Rio de Janeiro, têm sobre o espaço urbano em que vivem e sobre as pessoas com quais eles se relacionam de alguma forma. Sejam eles, policiais, moradores do local, comerciantes e transeuntes. Partindo do pressuposto de que o ser humano classifica o mundo através de conceitos e “categorias” de classificação que, de certa forma, dão sentido e significado às coisas, procuramos perceber como estes processos de classificação feitos pelos moradores de rua funcionam como elemento de estruturação do seu espaço de vivências e dá sentido à sua vida enquanto morador de rua. Entendendo que estes sujeitos são atravessados por questões econômicas, políticas, sociais e, sobretudo, culturais. Eles ocupam neste sentido, um espaço de exclusão, fora do “clube”, vivendo à margem. Por isto mesmo são vistos como um contraponto à “ordem”, e aos modelos vigentes de organização do próprio espaço social. Tudo isto interfere, diretamente, na forma como classificam o mundo e também como são classificados por ele e como exploram e como são explorados por estes espaços. Mas será que os moradores de rua no Largo do Machado percebem dessa forma? Isto é o que pretendemos investigar. Estes moradores têm suas falas expressas em palavras, gestos e símbolos. Constroem o mundo com as ferramentas que estão ao seu alcance. Afinal de contas, o que é ser morador de rua? Seria a rua uma casa, com a mesma lógica de esquadramento dos ambientes e espaços? E suas famílias? Como são? Onde estão? Elas existem? E se existem como elas são em suas rerepresentações. E os transeuntes que desfilam o tempo todo pelo Largo do Machado, como são percebidos, vistos, classificados? Enfim, perceber como estes “nativos” vivenciam a sua condição.

Portugal ainda entre a Europa e o Atlântico: Perspectivas portuguesas sobre a viabilidade de uma cidadania lusófona

Patrícia Jerónimo, Universidade do Minho, Portugal

A ideia de fazer corresponder à comunidade lusófona uma cidadania capaz de traduzir laços e afectos, dando-lhes uma dimensão prática, quotidiana, insinuou-se desde cedo no discurso político e académico sobre a lusofonia, para ser hoje uma referência obrigatória em qualquer análise dos desenvolvimentos a esperar da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Aos olhos dos seus defensores, a cidadania lusófona afigura-se, não apenas desejável, como possível num futuro não muito distante. A promessa estriba-se na experiência proporcionada por múltiplos acordos bilaterais e multilaterais que têm vindo a reconhecer direitos de cidadania no espaço lusófono, bem como no facto de os fundamentos de uma cidadania lusófona se poderem dizer já esboçados nas Constituições dos Estados membros da Comunidade. Ainda que não se verifique uma consagração do princípio da equiparação de direitos entre cidadãos dos países lusófonos em todas as Constituições dos Estados membros da CPLP, pode dizer-se que esse é o desenvolvimento lógico dos laços que unem os países lusófonos e um corolário das intenções manifestadas na Declaração de Princípios da CPLP. Desde 2001, o projecto de uma Convenção Quadro Relativa ao Estatuto do Cidadão Lusófono tem vindo a ocupar, com maior ou menor protagonismo, a agenda política da Comunidade. Este projecto tem-se deparado, no entanto, com muitas resistências. Opõem-se-lhe velhos melindres e desconfianças nunca superadas, os diferentes níveis de desenvolvimento económico e social dos Estados membros, impedimentos constitucionais e a difícil articulação deste com outros compromissos assumidos pelos Estados membros noutros fora. Pode até chegar-se a acordo quanto aos direitos de participação política a nível local no Estado lusófono de residência, mas o fundamental direito de cidadania constituído pela faculdade de acesso aos territórios da lusofonia afigura-se muito difícil. Poderemos falar em cidadania lusófona para referir os especiais direitos reconhecidos pelas ordens jurídicas internas de alguns Estados membros aos estrangeiros oriundos de um outro país da CPLP. É o que tem vindo a fazer boa parte da doutrina portuguesa, ao interpretar o artigo 15.º, n.º 3, da Constituição. Mas estaremos ainda e só no plano da força de expressão, não perante um estatuto jurídico que possa dizer-se o correlato da

qualidade de membro de uma comunidade e, por isso, válido onde quer que esta se estenda.

A mobilidade internacional dos quadros qualificados portugueses no espaço lusófono: uma análise ao discurso mediático

Filipe Ferreira, Universidade do Minho, Portugal

A abordagem ao fenómeno atual da mobilidade e emigração dos quadros portugueses altamente qualificados, não pode excluir a importância que o espaço lusófono tem para esta realidade. A língua portuguesa é hoje falada mundialmente por mais de 200 milhões de pessoas. Esta diáspora lusófona faz da língua portuguesa uma importante referência histórica e cultural (Redondo, 2008), bem como um meio de comunicação crucial a nível económico e científico. Apesar da semântica do conceito de lusofonia, que aponta para uma certa centralização da língua na ideia de Lusitânia, ou seja, de Portugal, a lusofonia implica uma enorme diversidade de culturas e povos (Brito in Carvalho, 2011). A lusofonia na sua uniformidade linguística, mas na sua diversidade cultural e económica, abre porta para uma maior abertura por parte dos quadros qualificados dos diversos países da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa) invista numa experiência de mobilidade na expandida diáspora da lusofonia. Uma motivação que vai para além dos intuitos económicos e profissionais, mas abrange igualmente uma inspiração multicultural e na qual a língua portuguesa na sua diversidade não é omissa. Esta comunicação versa sobre o modo como o discurso mediático não só nacional, mas igualmente os meios de comunicação internacional, sobre o fenómeno da mobilidade e da migração de quadros qualificados portugueses para os países lusófonos, ressaltando como a língua e outros elementos de carácter histórico e político, incorporados nas narrativas mediáticas. O objetivo é perceber as diferentes representações que o discurso mediático constrói em relação à mobilidade internacional de quadros qualificados no espaço lusófono.

Nipo-brasileiros em Paracatu-MG, Brasil: contribuições da presença japonesa para o desenvolvimento numa cidade de herança lusófona

Nanahira de Rabelo e Sant'Anna, Universidade de Brasília, Brasil

O trabalho tem por objetivo apresentar as contribuições da colônia japonesa para o progresso econômico e social observado no município de Paracatu, estado de Minas Gerais, Brasil, cuja história remonta à descoberta de ouro no Século XVIII por bandeirantes de ascendência portuguesa, de modo a contrastar a recente presença de nipo-brasileiros dedicados, em grande parte, ao emprego de tecnologias agrícolas no Cerrado paracatuense desde a década de 1970, mediante cooperação entre Brasil e Japão, com a forte referência lusófona representada pela mineração na localidade, considerando-se as repercussões sobre o multiculturalismo e o desenvolvimento do Município. O método utilizado foi o qualitativo, e a revisão bibliográfica foi acompanhada de pesquisa documental e de entrevistas com nipo-brasileiros residentes. O recente desenvolvimento do município de Paracatu pode ser atribuído a diversos fatores, entre os quais o incremento agrícola obtido com o Programa Nipo-Brasileiro para o Desenvolvimento dos Cerrados – PRODECER, estabelecido em 1978, com o objetivo de tornar produtivo o solo do bioma da localidade, explorado para a atividade mineradora desde o Século XVIII, quando se registra o início da história paracatuense. Com o presente trabalho, realiza-se uma abordagem da história econômica do Município, especialmente no que se refere à evolução das atividades mineradora e agrícola, destacando a recente imigração japonesa, em geral associada à participação no PRODECER, num contexto político, econômico, social e cultural caracterizado por significativa influência lusófona, de modo a esclarecer as contribuições dos nipo-brasileiros para o multiculturalismo e o desenvolvimento local.

Sessão Temática 24 – Diversidade Linguística e Políticas da Língua

Dia: 06/07/2013	Hora: 09:00-10:30	Local: Sala 2101 CP2
------------------------	--------------------------	-----------------------------

O uso de canções infantis como estratégia no ensino de português para professores da pré-escola em Timor-Leste

Márcia Cavalcante, Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil

Este trabalho refere-se ao ensino de Língua Portuguesa em Timor-Leste, utilizando músicas infantis, como uma das estratégias no processo de ensino-

aprendizagem do Curso de Português Instrumental para Professores do Ensino Pré-Escolar de Díli, capital do país. O curso, ministrado no período de 2008 e 2010, recorreu ao uso de músicas infantis, revelando-se um diferencial para a aprendizagem do português por parte dos professores cursistas. Outro aspecto considerado importante, foi a utilização de uma metodologia que possibilitasse um diálogo entre a língua portuguesa e a língua tétum, ambas oficiais no país. Ávila e Silva (2003) e Carvalho (2004).

Agradecemos ao Mackpesquisa por apoiar a nossa participação neste evento.

“Língua – vidas em Português”: valores da Lusofonia?

Alexandre Bueno, Universidade de São Paulo, Brasil

O documentário “Língua – vidas em Português” (lançado em 2004), de Victor Lopes, mostra a presença da língua portuguesa em diferentes partes do mundo (especificamente em Goa, Moçambique, Brasil, Portugal e Japão – os demais países da CPLP são apenas mencionados em alguns momentos). O documentário se desenvolve a partir de depoimentos de cidadãos (conhecidos ou desconhecidos) de cada um desses países. Em cada fala, o que se vê e o que se ouve são relatos de vida, opiniões sobre a língua portuguesa e representações da cultura a qual esses indivíduos pertencem. Ao apresentar a fala de cada um desses sujeitos, o documentário coloca diversos valores em oposição e não se furta de apontar também algumas sínteses. Dessa maneira, opiniões, sentimentos, práticas e comportamentos de indivíduos de diferentes nacionalidades podem ser encarados como índices dos valores que permeiam e coexistem no universo lusófono, sendo papel do documentário montar um panorama geral a respeito da lusofonia, mesmo que esse conceito não seja mencionado uma única vez. A proposta deste trabalho é a de trazer à tona as tensões valorativas subjacentes ao documentário, assim como as soluções encontradas por meio da síntese cultural que perpassa o seu discurso. A partir disso, poder-se-á pensar em uma possível representação da lusofonia, enquanto um universo dotado de valores distintos, mas, ao mesmo tempo, em diálogo. Para se compreender melhor como os diferentes valores se formam e se relacionam, serão utilizados os operadores de triagem e mistura, advindos da semiótica de linha francesa. Para se pensar na troca de valores dentro do

universo lusófono, será utilizado o conceito de semiosfera, proposto por Yuri Lotman. Espera-se chegar, neste trabalho, a uma representação da lusofonia como a de um espaço marcado pelo encontro de diferenças não completamente distantes e em permanente diálogo.

A presença da Lusofonia nos manuais de Português Língua Estrangeira (PLE)

Xurxo Carballido, Universidade de Santiago de Compostela, Galiza.

A Lusofonia é uma das bases na promoção internacional da língua portuguesa. A língua portuguesa é apresentada internacionalmente como uma língua falada em oito países de quatro continentes. Mas qual é a presença real da Lusofonia nos manuais de PLE? Qual é a imagem projetada da Lusofonia nos manuais que docentes e formandos utilizam para conhecer e aprender a língua portuguesa? O principal objetivo desta comunicação é apresentar as abordagens que se fazem sobre a Lusofonia nos principais métodos e manuais de PLE produzidos para os alunos de língua não materna portuguesa fora do espaço lusófono. Outro dos objetivos é analisar as imagens que se transmitem através destes manuais sobre a Lusofonia e reflexionar sobre o peso real do conceito da Lusofonia nas aulas de PLE.

Minderico: uma língua minoritária ameaçada em Portugal

Vera Ferreira, Centro Interdisciplinar de Documentação Linguística e Social, Portugal

A partir do século XVI, as mantas de Minde tornaram-se conhecidas por todo o país. Com o aumento da sua popularidade e o consequente aumento da atividade têxtil, os mindericos começaram a frequentar feiras e mercados por todo o país. Para protegerem o seu negócio, os comerciantes de Minde usavam o minderico entre si para, inteligentemente, discutirem perante estranhos o preço a fazer à mercadoria. Mais tarde esta linguagem secreta estendeu-se a todos os grupos sociais e profissionais de Minde e tornou-se o meio de comunicação na vila. Contudo, o minderico está hoje sob a ameaça premente de extinção, mais do que em qualquer outro período da sua história. Com a crescente influência dos mass media e os efeitos colaterais da

globalização, variantes minoritárias como o minderico, confinadas a comunidades pequenas e fechadas, sob a pressão constante de uma língua oficial, correm o risco de ser abandonadas. Esta comunicação pretende, por um lado, apresentar o minderico enquanto língua ameaçada em território nacional – a sua história, evolução e estado actual, mostrando as particularidades linguísticas que o afastam do português – e, por outro, dar a conhecer o trabalho de documentação até agora desenvolvido.

Da fragmentação da identidade em autores lusofalantes

Zuleide Duarte, Universidade Estadual da Paraíba, Brasil

O texto analisa os conflitos identitários sofridos por personagens que viveram processos de migração, enfrentando a necessidade de reterritorialização numa língua que, sendo nominalmente a mesma, afigura-se estranha face à sensação de fora do lugar motivada, quase sempre, por uma partida indesejada, mas necessária. O enfoque na obra da escritora luso-brasileira Maria de Lourdes Horta e do autor brasileiro Antônio Torres discute a impossibilidade de um retorno à pátria, compreendida enquanto lugar de pertença. O conflito entre o que se pensa que é e o que se parece ser, leva os personagens representados na escrita desses e doutros autores a uma atitude nostálgica de desejo imperioso de retorno que inviabiliza os movimentos que possibilitem, de algum modo, um ajuste ao lugar e, conseqüentemente, uma mobilização da identidade propiciadora de conforto e familiaridade. Este deslocamento geográfico, em princípio, transmuta no sentimento de estrangeiro, outsider, que busca, na construção imaginária de um lar/pátria longe das referências cotidianas, mas, nem por isso, representativos do lugar deixado para trás quando da partida. Esta reação não se prende apenas a migrantes e exilados de outros países. As migrações para localidades com melhores perspectivas de crescimento, como as do nordeste para o sul do país, também geram fragmentação do ser e de como ele se insere em uma comunidade a que não pertenceu originalmente. Retirantes, tangidos pelas necessidades prementes de sobrevivência, experimentam, na abundância do novo lugar, um misto de remorso que soa como culpa por terem sido incapazes de desafiar e vencer as vicissitudes de um torrão pobre e ingrato.

Deserdados da terra são igualmente os exilados que escapam de países convulsionados por problemas políticos e sociais, como fugidos de guerras e de calamidades naturais. Para escritores oriundos dessas realidades, a língua é o único modo de conciliar o ser que foi e que é.

Sessão Temática 25 – Lusofonia nas Redes

Dia: 06/07/2013	Hora: 09:00-10:30	Local: Sala 2102 CP2
------------------------	--------------------------	-----------------------------

Ciberjornalismo na lusofonia: Contributo para um mapeamento

Fernando Zamith, Isabel Reis, Pedro Jerónimo, Catarina Osório, Portugal, Xosé Pereira Fariña, Espanha, Silvino Lopes Évora, Cabo Verde, Celestino Vaz Joanguete, Moçambique, Ben-Hur Demeneck, Brasil

É hoje incontestável que a Internet veio alterar profundamente hábitos de vida, de trabalho, de relação humana, de comunicação e de acesso ao conhecimento e à informação. Ponto central na sociedade contemporânea, a Internet passou a assumir também um papel preponderante na produção, difusão e consumo de jornalismo. Se este é o cenário nos países desenvolvidos, já o mesmo não podemos dizer quando pensamos em países com baixas taxas de literacia e reduzido acesso à Internet. A diversidade do espaço lusófono, abarcando distintos modelos de jornalismo, é indiciadora de igualmente diferentes modos de produção ciberjornalística, que importa comprovar cientificamente. Pretendemos com este estudo verificar em que medida os cibermeios (sites noticiosos) dos países lusófonos aproveitam as potencialidades jornalísticas da Internet, e se há diferenças significativas de país para país. Queremos também saber que potencialidades são mais e menos aproveitadas, e comparar os resultados com os obtidos noutros estudos baseados na mesma metodologia. Será que há um padrão que caracteriza o ciberjornalismo lusófono, no que diz respeito ao aproveitamento das potencialidades do meio? Ou a diversidade é tão grande quanto a disparidade de níveis de desenvolvimento dos vários países? O estudo irá abranger amostras de quatro cibermeios (um título originário da imprensa, um da rádio, um da TV e um nascido na Internet) de cada um dos oito estados-membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, a que acrescentamos a Galiza, pela proximidade linguística. Será analisada também uma amostra

de cibermeios produzidos nas/para as diásporas de língua portuguesa. Utilizaremos neste estudo a metodologia proposta por Zamith (2011: 88-112), com cada amostra “nacional” controlada por dois investigadores. Esperamos com este estudo contribuir para um mapeamento do ciberjornalismo lusófono, algo que já tarda a ser feito.

Redes Sociais e o fenômeno do compartilhamento na era digital

Naiara Back Moraes, Universidade do Minho, Portugal

A Internet, além de ser usada como uma ferramenta para trabalhar, estudar, se divertir e relacionar-se com pessoas do mundo todo, também proporciona um amplo campo de estudos, reflexões e práticas de mídia. Novos formatos web estão surgindo, enquanto outros, já estabelecidos como referência, estão passando por um processo de evolução técnica e conceitual. Neste estudo, três ações aplicadas nesses novos formatos serão analisadas, o Facebook, o Twitter e o Vlog. O Facebook é uma rede social com mais de 750 milhões de usuários ativos, é o segundo site mais visitado no mundo depois do Google, considerado a principal rede social no mundo. O Twitter é outra rede social constantemente utilizada, trata-se de um microblogging que permite a seus usuários enviar textos de até 140 caracteres. Outro formato de rede social que analisaremos será o vlog. Um vlog é como um blog em forma de vídeo. Esse formato de mensagem facilita o compartilhamento tornando alguns conteúdos destaque entre os demais, conquistam popularidade, se espalham e as pessoas por trás deles se transformam em figuras populares na Internet. Para estudo dos fenômenos nas redes sociais apresentadas, vamos analisar uma figura popular de cada, buscando desta forma compreender o uso do humor nas redes sociais. No Facebook o nosso objeto de pesquisa será a Gina Indelicada, uma Fan Page disposta a responder perguntas com humor sarcástico. No Twitter o perfil e as postagens do jornalista Marcelo Tas e no Vlog o vlogueiro PC Siqueira, considerada a figura popular mais famosa da internet e também o precursor no formato vlog. O objetivo do estudo de caso busca respostas para o fenômeno do compartilhamento, ou seja, entender por que determinados conteúdos se espalham, o que motiva os usuários a disseminá-los e qual o papel do humor nesse contexto. Para a publicidade, é

imprescindível compreender os fenômenos que ocorrem na era digital e buscar alternativas para aplicá-los na prática da profissão.

O ciberespaço enquanto interface da Lusofonia

Inês Amaral, CECS, Universidade do Minho, Instituto Superior Miguel Torga, Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal, Silvino Évora, CECS, Universidade do Minho, Universidade Jean Piaget de Cabo Verde, Universidade de Cabo Verde, Cabo Verde

A Lusofonia, enquanto um espaço fragmentado repleto de múltiplas significações, revela-se um circuito de discursos, práticas e relações sociais. O espaço lusófono é construído por elementos de comunicação que potenciam redes de significância e significado esboçadas por sujeitos que desenham a sua própria subjetividade. No entanto, os discursos políticos e mediáticos tendem a esbater as assimetrias assumem assunções homogeneizadoras que retratam o espaço da Lusofonia como um mesmo e só. O ciberespaço como um interface da Lusofonia revela uma multiplicidade de narrativas e representações sociais fragmentadas que assentam numa memória social nascida de uma construção simbólica partilhada. Daqui decorre a urgência de compreender como o discurso digital pode metamorfosear o campo representacional da Lusofonia, concorrendo para a criação de novas identidades e relações sociais potenciadoras de mudança. O quadro teórico desta comunicação remete para o novo cenário digital, que originou uma mudança para um paradigma orientado à sociabilização. Assumimos a tese de que o conteúdo é o novo laço relacional das redes sociais assimétricas, transformando estas estruturas em mapas de mediações e interações sociais delineadas pela utilização da técnica. Numa perspectiva multidisciplinar, apresentaremos um estudo empírico delineado numa triangulação metodológica que cruza análise documental com análise de conteúdo e a netnografia. Através da análise de suportes onde a comunicação é recontextualizada várias vezes pela distribuição de forma desagregada, pretendemos tomar o pulso às percepções e representações sociais da Lusofonia nos conteúdos e interações de uma amostra de perfis/páginas no Twitter e Facebook. Partindo do pressuposto de que a Internet consubstancia um mundo de interações sociais mediadas, procuraremos analisar se se pode constituir, pela sua distribuição desagregada, como uma ferramenta de

reconstrução de significados e de veiculação de representações que assumem a Lusofonia como um grupo social único.

A utilização da internet e as redes sociais no espaço lusófono

Vicente Paulino, Universidade de Lisboa, Portugal, Irta Sequeira Baris de Araújo, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

As novas condições de produção e de distribuição da informação, alicerçadas nas modernas tecnologias de informação e comunicação, funcionavam de um modo articulado e favoreciam a integração dos cidadãos lusófonos no ciberespaço. A internet e as redes sociais tornaram-se um meio de comunicação que, de uma forma rápida na transmissão da mensagem entre o emissor e o receptor através de uma conexão cibernética de que Jenkins (2006) chama de “cultura participativa” na era digital. Neste contexto que procuramos compreender a utilização da internet e as redes sociais no espaço lusófono como uma ‘cultura de lusofoneidade’ no ciberespaço, particularmente no que se refere ao relacionamento dos indivíduos que se integram artificialmente no espaço das gigantescas redes de cibernética. Pretendemos compreender também “o carácter de transição da sociedade dos países da CPLP, ou seja, a sociedade lusófona, deve estar de acordo com o modelo de desenvolvimento informacional e o comportamento de sociedade da rede em emergência” (Paulino, 2012).

A sociedade lusófona e as novas tecnologias em um universo globalizado

Anne Cristina Peres, Ricardo Peres, Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil

No século XXI as alianças humanas se fundamentam, sobretudo, através da força da economia e através dos compromissos políticos. Em um mundo globalizado, uma comunidade viva e dinâmica, jamais, poderá se construir de coisas mortas. Se olharmos para trás, observaremos que muitos instrumentos, que, antigamente, foram considerados extraordinários, atualmente, são vistos como instrumentos comuns presentes no cotidiano de qualquer sociedade como a televisão, o telefone ou o rádio. As tecnologias de informação e

comunicação (TICs) têm se desenvolvido bastante tanto no âmbito social como no âmbito educacional, temos aqui o motivo para pensarmos que também a lusofonia poderá estender-se como espaço de cultura através, por exemplo, do mundo tecnológico. As tecnologias ligadas à informática e, consequentemente, aos computadores são as que se evidenciam, dentre as inseridas no sistema educacional porque contêm uma grande diversidade de funções, admitem o armazenamento e a divulgação de informações por meio de texto, de imagem e/ou vídeos. Aquilo que os portugueses entendem por lusofonia só coincide em parte com aquilo que o Brasil, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste e Galiza concebem como lusófono. Esse vasto campo que abre espaço para migrações pela Comunidade de Povos de Língua Portuguesa (CPLP) e suas literaturas constituem a demonstração de que a cultura e o progresso são filhos dessa mistura e diante de um tempo marcado pela globalização, pelo interculturalismo e pelo multiculturalismo são também um espaço plural e fragmentado que pode interligar-se através das tecnologias de informação e comunicação e através de textos produzidos e divulgados no ambiente tecnológico.

Sessão Temática 26 – Globalização, empreendedorismo, migrações e relações laborais

Dia: 06/07/2013	Hora: 09:00-10:30	Local: Sala 2103 CP2
------------------------	--------------------------	-----------------------------

As relações midiáticas e as dificuldades dos falantes de língua portuguesa em processo de globalização empresarial

Afonso Celso Figueiredo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil

A comunicação, preponderante para as organizações desenvolvidas ou nascentes, é fator crítico no mundo globalizado. A fronteira da língua para muitas empresas brasileiras que pretendem se globalizar tornou-se ao mesmo tempo um ponto fraco e uma ameaça no ambiente competitivo. Para uma atuação global, em todas as formas de se comunicar, a língua dominante no mundo dos negócios impõe sua hegemonia e caracteriza-se como uma “língua estrangeira” ao empresariado brasileiro que assim a define. O uso das formas de comunicação comumente necessárias às organizações empresariais possui muitas dimensões midiáticas, a exemplo da comunicação institucional, do

discurso de vendas, da expressão nas peças promocionais, da linguagem na propaganda em geral e da abordagem no relacionamento com investidores, apresenta-se em diferentes níveis de dificuldade nas empresas brasileiras que iniciam seu processo de globalização, e é um fator crítico de sucesso. A partir de experiência vivenciada em um contexto de negócios observou-se diferentes graus de dificuldade de comunicação em língua inglesa por parte do empresariado brasileiro, presente no mais destacado evento setorial internacional, e de importância estratégica para a globalização da indústria da biotecnologia brasileira. Portanto este trabalho objetiva descrever, evidenciar e refletir sobre as dificuldades de mediação para falantes de língua portuguesa resistentes ao uso de língua estrangeira e a respeito das relações midiáticas deste contexto.

Empreendedorismo emigrante português em Andorra

Alice Prata, Paula Remoaldo, Universidade do Minho, Maria Ortelinda Gonçalves, Associação Universitária de Espinho, Portugal

Na sociedade atual o empreendedorismo desempenha um papel cada vez mais relevante constituindo uma mais-valia para o desenvolvimento económico e social de uma região, ou mesmo de um país. A presente comunicação debruça-se sobre o empreendedorismo dos portugueses em Andorra, tendo por base o diagnóstico feito de duzentas empresas com titulares de nacionalidade portuguesa, de acordo com o Registo de Atividades Comerciais do Governo de Andorra (2009). Este estudo está integrado num projeto mais abrangente, que se alarga a outros territórios europeus (Mónaco, Nice e Londres). Está a ser financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e iniciou-se em 2012. Os principais objetivos do estudo que está a ser realizado são: caracterizar o tipo de negócio do emigrante português em Andorra; aferir o nível de integração na sociedade onde estão a trabalhar; contribuir para um melhor conhecimento do empreendedorismo fora do país de origem. Pretende-se apresentar os resultados do trabalho de campo em curso em Andorra. Para o efeito estão a ser concretizados cinquenta inquéritos e oito entrevistas semiestruturadas.

Empreendedorismo Emigrante Portugueses em Andorra, Londres, Nice e Mónaco

Maria Ortelinda Gonçalves, CEPESE, Associação Universitária de Espinho, José Ribeiro, CEPESE, Universidade Aberta, Paula Remoaldo, Universidade do Minho, Portugal

É comum afirmar-se que os emigrantes portugueses são “bons trabalhadores” inserindo-se nos índices de produtividade europeus. Também se afirma que os portugueses não são empreendedores. Constatamos, porém, múltiplas iniciativas empreendedoras dos emigrantes portugueses nos diversos continentes. O Projeto de Investigação em curso, pretende desenvolver uma investigação aprofundada que: 1) identifique o empreendedorismo de emigrantes portugueses em Andorra, Londres (Bairro de Stockwel), Nice (cidade) e Mónaco; 2) avalie a sua inserção nos contextos socioeconómicos, culturais e políticos locais; 3) compare esta inserção nos diversos territórios/situações em estudo; 4) identifique a sua presença nos media (internet, documentários, imprensa, etc.). O projeto criará uma plataforma e uma base-de-dados interativa que, numa primeira fase e partindo de uma metodologia convencional de investigação, permite concretizar os objetivos referidos. A segunda fase definirá a estrutura, os campos e as estratégias de utilização da plataforma e da base-de-dados para recolha, organização e tratamento da informação. Resultará assim um protótipo para a inserção da informação obtida nestes territórios pelo Grupo de Investigação (GI) do projeto e posteriormente pelos agentes ou investigadores locais. Trata-se de um projeto inovador dado: 1) facultar a organização, tratamento e controlo da informação desde o início da investigação, através das tecnologias digitais utilizadas; 2) cruzar dois tipos de informação: a recolhida pelo GI e a produzida pelos emigrantes portugueses empreendedores; 3) disponibilizar a informação recolhida à comunidade científica, estudantes universitários e aos agentes económicos nacionais.

Redes Sociais e Socio-Técnicas nas Empresas de Emigrantes Portugueses

Maria Ortelinda Gonçalves, CEPESE, Associação Universitária de Espinho, José Ribeiro, CEPESE, Universidade Aberta, Paula Remoaldo, Universidade do Minho, Portugal

Redes sociais como o Twitter, Facebook, Youtube são ferramentas cada vez mais populares na internet e um fenómeno tão recorrente e forte que não pode passar despercebido pelas pequenas e médias empresas. Dados de uma pesquisa realizada pelo Altimer Group e Wetpaint para a revista Business Week com as 100 empresas mais valiosas ao redor do globo mostraram que os empreendimentos que investem em médias sociais apresentam melhores resultados e receitas finais. Sua utilização pelas empresas de emigrantes portuguesas constitui um indicador de participação na sociedade contemporânea. Apresentaremos tópicos de análise sobre a utilização das redes sociais pelas empresas de emigrantes portugueses em Londres, Andorra e Sul de França como forma de presença no espaço público das empresas diagnosticando a presença da cultura e imagem das empresas no local.

Relações laborais nas empresas de capital português em Maputo

João Feijó, ISCTE, Instituto Universitário de Lisboa, Portugal

As migrações portuguesas para o Sul de Moçambique em geral e para a actual região de Maputo em particular constitui uma realidade que remonta ao final do século XIX, tendo atingido o seu apogeu ao longo da década de 1960. Com a independência de Moçambique registou-se um movimento migratório de sentido inverso, que foi novamente invertido a partir de finais de década de 1990. O presente capítulo pretende contribuir para a compreensão das actuais relações laborais nas empresas portuguesas em Moçambique, descrevendo a presença portuguesa no território e procurando compreender as relações de poder estabelecidas e as diferentes representações sociais, factores que influenciaram as características dos encontros a nível organizacional. Em primeiro lugar pretende-se descrever como se distribuem os recursos de poder nestas organizações. Trata-se de analisar (as)simetrias ao nível da distribuição de recompensas, não só económicas (salários, incentivos e benefícios), como não económicas (possibilidade de aprendizagem, de participação, condições

de segurança e reforço positivo) entre os trabalhadores nacionais e portugueses. Num segundo momento pretende-se analisar as orientações culturais dos trabalhadores em contexto organizacional, nomeadamente ao nível de questões como a distância hierárquica, a performance e a relação com a legalidade. As constatações não deixarão de ser comparadas com os resultados de outras investigações sobre as relações laborais noutras empresas em Maputo (de capital nacional e estrangeiro), mas também com as características das relações intergrupais durante o período colonial, com impacto no actual sistema de representações e de construção identitária.

Programa Social

Dia: 04/07/2013	Hora: 20:30 – 23:00	Local: Museu Nogueira da Silva
------------------------	----------------------------	---------------------------------------

Concerto Joana Gama (piano)

Obra: Viagens na Minha Terra - Fernando Lopes-Graça

Mesa de Escritores Angolanos

Moderador: José Carlos Venâncio

Amélia Dalomba

José Luandino Vieira

Lupito Feijóo

Dia: 05/07/2013	Hora: 12:15 – 12:45	Local: Complexo Pedagógico 2 Universidade do Minho
------------------------	----------------------------	---

Palestra Musicada por Débora Fantini, André Pereira & Eduardo Kolody Bay
(Brasil)

Dia: 05/07/2013	Hora: 20:00 – 23:00	Local: Museu Nogueira da Silva
------------------------	----------------------------	---------------------------------------

Jantar da Conferência

Mesa de Escritores Lusófonos

Moderador: José Manuel Mendes

Filimone Meigos (Moçambique)

Luís Costa (Timor Leste)

Miguel Miranda (Portugal)

Olinda Beja (São Tomé)

Quintal Conexão – Espectáculo de música organizado por Conexão Lusófona

Dia: 06/07/2013	Hora: 15:00 – 19:00	Local: Frente ao Complexo Pedagógico II da Universidade do Minho
------------------------	----------------------------	---

Visita ao Centro Histórico de Guimarães.

Preocupações Ambientais

Caro participante, tendo em vista um maior cuidado com o meio-ambiente, solicitamos que no fim do evento devolva o material que não pretende guardar e que pode ser reutilizado, sobretudo os plásticos dos crachás, blocos de papel, canetas, etc.

O meio-ambiente agradece!

Organização

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, Portugal.

<http://www.lasics.uminho.pt/lusofonia2013/>
<http://www.comunicacao.uminho.pt/cecs/index.asp>
<http://www.lasics.uminho.pt/idnar>



Universidade do Minho
CECS - Centro de Estudos de Comunicação e Cultura

